

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**A IMAGO MATERNA: TRANSFORMAÇÕES NA
REPRESENTAÇÃO MATERNA NA PRÉ-
ADOLESCÊNCIA E NA ADOLESCÊNCIA**

Ana Filipa Simões Caldeira, N° 11496

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**A IMAGO MATERNA: TRANSFORMAÇÕES NA
REPRESENTAÇÃO MATERNA NA PRÉ-
ADOLESCÊNCIA E NA ADOLESCÊNCIA**

Ana Filipa Simões Caldeira, N° 11496

Dissertação orientada por Prof. Doutora Ângela Vila-Real

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradeço, em primeiro lugar, à professora Ângela Vila-Real a disponibilidade e o apoio dispensados ao longo destes dois anos.

Agradeço à Dra. Maria Conceição Ribeiro e à professora Sandra a disponibilidade e a cooperação o que permitiu o contacto com todas as jovens que participaram no trabalho.

A todas as pré-adolescentes e adolescentes, um muito obrigado por terem aceite participar neste trabalho, sem as quais, o mesmo não poderia ter sido realizado.

Aos meus amigos, agradeço o apoio e a motivação nos momentos mais difíceis. Agradeço ao *Clã Maputxe* por transformar cada momento em magia e em diversão, e por estar sempre presente ao longo destes anos, nomeadamente, à Ana Cristina agradeço o companheirismo, a amizade e também a alegria partilhada, à Cristina agradeço a amizade e a solidariedade, à Rita agradeço por me ter apoiado incondicionalmente nas alturas certas, à Liliana agradeço a amizade e a boa disposição, e ao Alexandre a camaradagem.

Agradeço ao Filipe por me ter acompanhado e apoiado ao longo desta viagem, alegrando-me e dando-me força sempre que necessitei, assim como, por fazer parte da minha vida.

Um obrigado muito especial, aos meus pais por terem apoiado a minha escolha profissional, bem como, todo o apoio dado ao longo do curso.

Resumo

Este estudo, de natureza exploratória e comparativa, pretende contribuir para uma melhor compreensão da representação interna da mãe, no contexto da pré-adolescência e da adolescência, de modo a diminuir algumas lacunas existentes na literatura. Assim, este trabalho pretende: a) compreender como se desenvolvem os processos de transformação na imago materna e b) compreender como se desenvolvem os processos de identificação à imago materna, durante a pré-adolescência e a adolescência. Constituiu-se uma amostra de 42 raparigas, as quais foram divididas em três grupos consoante a idade, i.e., 12 anos (n=14), 13 anos (n=14) e 14 anos (n=14). Foi aplicado o Teste de Apercepção Temática (T.A.T), especificamente o cartão *7GF*.

Como principais resultados refere-se a existência de diferenças entre pré-adolescentes e adolescentes, relativamente às transformações na imago materna e à identificação a esta. Nomeadamente a hesitação entre a dependência e a autonomia aos doze anos, a ambivalência na relação com a mãe aos treze anos, e a identificação antagónica face à mãe aos catorze anos.

Palavras-chave: *Adolescência; Imago Materna; Feminilidade; Maternidade*

ABSTRACT

This exploratory and comparative study intends to contribute to a better comprehension of the internal representation of the mother, in the context of early adolescence and adolescence, in a way to decrease some of the existing gap on the literature. Thus, the goals of the study are: a) understand how the transformation process develops in maternal imago and b) understand how the identification process develops during early adolescence and adolescence. For that it was formed a sample with 42 adolescents, which were divided in three groups according to the age, i.e., 12 years old (n=14), 13 years old (n=14) and 14 years old (n=14). It was applied the Thematic Apperception Test (T.A.T.) specifically the *7GF* card.

As main results of the present study we can say that there were differences between early adolescents and adolescents, relatively to the transformations in the maternal imago and in the identification to her. Namely the hesitation between dependency and autonomy at the age of twelve, the ambivalence in the relationship with the mother at the age of thirteen, and the antagonistic identification to the mother at the age of fourteen.

Key-words: *Adolescence; Maternal Imago; Femininity; Maternity*

ÍNDICE

• Introdução.....	1
• Revisão da Literatura.....	3
Capítulo I: A imago materna.....	3
a) Definição da imago materna	
b) As transformações da imago materna	
Capítulo II: A pré-adolescência e adolescência.....	9
a) Compreensão dos conceitos: pré-adolescência e adolescência	
b) A puberdade e as mudanças psicológicas associadas	
Capítulo III: Imago Materna e Maternidade.....	20
a) Desenvolvimento da Maternidade	
Capítulo IV: Estudos recentes.....	27
• Questões de Investigação.....	28
• Método.....	29
1) Participantes	
2) Instrumentos	
3) Procedimento	
• Apresentação e Discussão de Resultados.....	32
• Conclusão.....	48
• Referências Bibliográficas.....	59
• Lista de Anexos.....	60

Anexo A: Cartão 7GF, do Teste de Apercepção Temática

Anexo B: Carta de consentimento às escolas

Anexo C: Formulário de consentimento aos encarregados de educação

Anexo D: Análise das respostas dos sujeitos

INTRODUÇÃO

«Adolescere» significa, em latim crescer, passar da infância para a idade adulta, sendo um processo do desenvolvimento (Laplanche & Pontalis, 1985). Do ponto de vista psicológico, a adolescência pode ser descrita enquanto a passagem da infância à adultícia, como um período preparatório contudo, tal definição seria uma caracterização genérica.

A adolescência constitui uma fase e um processo: *a)* de uma activa desconstrução de um passado pessoal, por um lado, mantido e, por outro, abandonado e preterido definitivamente; *b)* de projecto e de construção do futuro, a partir de um grande potencial e acumulação de possibilidades activas que o adolescente possui e tem consciência de possuir. Durante este processo de recapitulação e de preparação, alguns temas fundamentais tornam-se preponderantes nas relações do adolescente com o seu meio e na sua vivência fenomenológica dos acontecimentos, tais como, a própria identidade, a sexualidade, o grupo de amigos, os valores, a experiência e a experimentação de outros papéis (Fierro, 1995).

A perspectiva psicanalítica em relação à adolescência é caracterizada, segundo Coleman (1985), por três ideias fundamentais: em primeiro lugar, a adolescência é considerada como um período em que existe uma acentuada vulnerabilidade da personalidade, devido sobretudo à força das pulsões que surgem durante a puberdade, em segundo lugar, é dada importância à probabilidade de existir um comportamento mal adaptado, precedente à inadequação das defesas psicológicas quando confrontadas com os conflitos e as tensões internas (e.g., pode referir-se as flutuações extremas do estado de ânimo, instabilidade nas relações, depressão e inconformismo), e em terceiro lugar, é considerado muito importante o processo de desvinculação, sendo considerada uma necessidade, de modo a poder estabelecer posteriormente relações emocionais e sexuais maduras.

Por outro lado, Blos (1962, 1966) considera que a adolescência tem como tarefa fundamental o segundo processo de individuação, que tem o seu início na pré-adolescência. O primeiro processo ocorreu no fim do terceiro ano de vida, quando a criança experiencia a distinção entre *Self* e *Não-Self*. Experiência similar, porém mais complexa, ocorre durante a adolescência o que irá conduzir ao sentido de identidade.

Verifica-se também, nesta fase do desenvolvimento, transformações ao nível da imago materna, ou seja, ao nível da representação interna da mãe. A imago materna é formada ao longo da infância, sendo concebida como um resíduo de experiências precoces, i.e., o objecto externo é percebido segundo as suas características reais, depois sofre uma “distorção”, transformando-se em imago, voltando depois a aproximar-se dos objectos exteriores reais (Klein, 1927). Na pré-adolescência, a estrutura interna do indivíduo permanece a mesma da latência, ou seja, as instâncias são preenchidas pelas imagos que se formaram na infância, sendo inflexíveis, rígidas e punitivas (Blos, 1962, 1966).

Durante a adolescência, há uma modificação da imago materna, devido à idealização de modelos alternativos às figuras parentais, e a aprovação incondicional das ideias do grupo de pares; a ambivalência face às relações afectivas e sociais, em que, por um lado, há o desejo do adolescente de ser independente, porém, mantém-se dependente da sua família e do grupo de pares; e a desvinculação relativamente às imagos parentais, a qual conduz a um sentimento de perda, e à procura de relações extrafamiliares, nomeadamente o grupo de pares (Blos, 1962 1966).

Esta procura de novos objectos, em relações extrafamiliares, conduz a novos objectos de identificação, uma vez que a rapariga conhece outras mulheres, com as quais se poderá identificar, ampliando assim as suas fantasias de mulher, da feminilidade e da maternidade. Desta forma, começa a diferenciar-se da mãe e a construir uma identidade feminina própria (Klocars & Sirola, 2001).

No sentido do que foi referido, pretende-se compreender quais as transformações que ocorrem na imago materna nesta fase crucial do desenvolvimento, uma vez que na adolescência as raparigas, passam por várias mudanças, em alguns casos de forma radical e num curto espaço de tempo, sendo uma dessas modificações, o modo como passam a representar internamente a mãe, como lidam e expressam os seus sentimentos, a forma como essa representação vai influenciar o relacionamento com a mãe “real”, e o modo como através da identificação a esta, se conseguem imaginar enquanto mães.

Capítulo I: *A imago Materna*

a) Definição de Imago Materna

A imago é um protótipo inconsciente que guia o modo de o sujeito apreender os outros; é construído a partir das primeiras relações inter-subjectivas reais e fantasmáticas com o meio familiar (Laplanche & Pontalis, 1985).

O conceito de imago é atribuído a Jung que, no seu livro *Metamorfoses e Símbolos da Libido*, descreve a imago materna, paterna e fraterna (1911 cit. por Laplanche & Pontalis, 1985). Jung (1950 cit. por Pereira, 1997) define a imago enquanto um conceito diferente de «complexo». De acordo com o autor, a imago surge quando uma impressão reprimida pela consciência se modela a si própria na figura materna ou paterna, e enquanto figura autónoma, baseada numa relação precoce do sujeito com os seus pais. Na primeira definição de imago, Jung inclui dois tipos de representações: (1) «as mais pessoais»; (2) «e as que são mais impessoais, arcaicas e colectivas».

Lacan (1938 cit. por Pereira, 1997) descreve o estádio-espelho enquanto momento em que a criança antecipa a unidade funcional do seu corpo. O autor descreve três passos em relação ao desenvolvimento da criança: (1) «complexo de desmame»; (2) «complexo de intrusão»; (3) «complexo de Édipo». Relativamente ao segundo passo, o «complexo de intrusão», a criança toma em consideração a presença do irmão, tendo como afecto preponderante a inveja. A criança é de algum modo cativada pela sua própria imagem reflectida no espelho. Ela identifica-se com o seu reflexo, confunde-se a si própria com essa imagem que proporciona a sua unidade, mas que, simultaneamente o aliena. Esta experiência evoca a imago dupla, enquanto *Gestalt*, que aparece como um modelo ideal, sendo impossível para o sujeito, separar-se da sua própria imagem.

Esta interferência confusa é interpretada pelo autor, como uma «intrusão narcísica», sendo uma fase necessária para a construção do *Ego*. Para o autor, a criança percebe precocemente a figura dos seres humanos, enquanto membros do fazer. O sujeito é, de certo modo, capturado por essa imagem geral, e pela sua própria imagem individual. A criança deve distinguir a sua imagem do seu reflexo, e experiencia uma invasão de afectos agressivos.

Assim, ela constrói o seu *Ego*, para além do modelo geral do fazer. O sujeito deve diferenciar-se a si próprio da imagem do outro, tendo de fazer uma escolha radical entre «eu ou o outro» (Lacan, 1938 cit. por Pereira, 1997).

Segundo Laplanche e Pontalis (1985), imago e complexo são conceitos relacionados, uma vez que ambos lidam com a mesma área, ou seja, as relações entre a criança e o seu meio familiar e social. Porém, os autores fazem uma distinção: a noção de complexo refere-se ao efeito da situação interpessoal no seu todo sobre o indivíduo, enquanto a de imago resulta de um resíduo imaginário de um ou de outro participante naquela situação. A imago é diversas vezes definida enquanto representação inconsciente, todavia deve ser considerada como esquema imaginário adquirido, através do qual o sujeito visa a outra pessoa, em vez de uma imagem. Porém, a imago não deve ser compreendida enquanto um reflexo do mundo real, mesmo que seja de forma mais ou menos distorcida, porque a imago não corresponde à pessoa real, mas sim, ao modo como essa mesma pessoa foi experienciada numa relação precoce.

Freud (1912/1961), utilizou a palavra imago citando Jung, pela primeira vez em *The Dynamics of Transference*, definindo o conceito, o qual deve ser compreendido que cada indivíduo, através das operações combinadas das suas disposições inatas, e das influências que lhe são fornecidas durante os seus primeiros anos de vida, adquire um método específico para conduzir a sua vida erótica. Neste texto, Freud (1912/1961), ao contrário de Jung (1950 cit. por Pereira, 1997) e de Lacan (1938 cit. por Pereira, 1997), não limita o campo da imago a uma imagem fixa arcaica. Considera a imago como, placas estereotipadas que são constantemente reimpressas ao longo da vida do indivíduo, através das circunstâncias externas e da natureza dos objectos de amor que lhe são acessíveis, que permitem algumas mudanças face a experiências recentes.

Posteriormente, tal conceito deu lugar a uma importante cisão na teoria psicanalítica, tendo por um lado Anna Freud, para quem a relação entre a criança e os seus pais é real, tal como a relação com o analista, que reproduz a relação anterior sendo esta igualmente real, e, por outro, Klein, em que a atitude da criança face aos seus pais é determinada pela imago interna, representação imaginária e distorcida dos pais. Desta forma, a imago torna-se uma peça fundamental da nova teoria psicanalítica (Houzel *et al.*, 2004). Para Klein (1935), a introjecção e a projecção regem o desenvolvimento do bebé, i.e., as imagos, que são quadros

fantasticamente deformados dos objectos reais para os quais remetem, instalam-se não só no mundo exterior, mas também no interior do Ego, através do processo de incorporação.

O conceito de imago permite construir uma articulação entre o sujeito e o contexto social, a partir de uma representação que liga a imagem à narrativa. Jung (s.d. cit. por Houzel *et al.*, 2004) apresenta, nos seus trabalhos, a imago como uma representação inconsciente e pré-consciente que faz a articulação entre o sujeito e o mito, entre o individual e o colectivo. A pertinência desta ligação verifica-se entre as representações icónicas e simbólicas – a língua – tendo em consideração a clínica projectiva como a de expressão. Imago pode ser também definida como o que emerge no desenho, mas também o que é evocado numa situação projectiva como a do TAT ou do Rorschach, não deixando de lembrar a formação de imagens cuja expressão é organizadora ou desorganizadora do psiquismo. Deste modo, a expressão é uma construção de representações que integram o cinético, o icónico e a palavra. Esta complexa mensagem está na génese dos fenómenos de auto-organização do psiquismo (Houzel *et al.*, 2004).

A imago permite ligar, embora distinguindo-as, a clínica projectiva e a clínica da expressão, ela figura uma temática primitiva, na qual predomina uma imago materna onnipotente e devoradora, e também uma temática que faz a diferenciação entre os papéis sexuais do homem, da mulher e das crianças. Este conceito exige os seus laços de cooperação e de complementaridade e também os conflitos inerentes ao ciúme e à sedução, organizando um laço com os mitos que são os instrumentos desta compreensão. (Houzel *et al.*, 2004).

b) Transformações precoces da Imago Materna

Para Klein (1945), o complexo de Édipo tem início no primeiro ano de vida, em estreita ligação com uma relação com o seio materno, no qual o bebé procura gratificação, sendo determinante no desenvolvimento emocional e sexual. Tanto o seio da mãe como o pénis do pai são os objectos primários dos desejos da fase oral, através dos quais o bebé procura uma gratificação ilimitada, ilusão que é retirada pela sensação de frustração. A agressividade é um factor que está directamente relacionado com a frustração, uma vez que, na relação do bebé com o seio bom e o seio mau, assiste-se à idealização de um, e ao ódio e medo do outro, na origem de objectos persecutórios.

A frustração face ao seio faz com que o bebé se direcione para o pénis enquanto objecto de amor, cuja decepção promove a instabilidade e direccionamento de objectos e emoções. A agressividade proveniente da frustração é projectada nos objectos primários e representadas em fantasias agressivas e punitivas, donde advém a necessidade de um objecto ideal, possível de ser amado e que o proteja, em suma, um bom objecto. Nestes estádios, dá-se conta de uma instabilidade entre a imagem boa e má do objecto, entre diferentes imagos primárias, imagos que se formam no *Ego* do bebé e vão formando o *Superego* (Klein, 1945).

No desenvolvimento edipiano da menina, verifica-se a existência de uma natureza receptiva a priori, que se ajusta ao facto de inconscientemente relacionar o seu corpo com o gerador de crianças ligado ao pénis do pai como criador das mesmas, objecto de desejo e de gratificação, tanto mais reforçado quanto maior for a relação amorosa com o seio bom. Em contrapartida, por comparação com a mãe, essa capacidade de ter filhos é posta em causa, existindo o desejo de rivalidade de se apossar das crianças e do pénis do pai, no corpo da mãe. Esse desejo reforça o medo de retaliação no seu próprio corpo. No complexo de Édipo da menina, a principal fantasia prende-se com os bebés imaginários e com o impulso de roubar os bebés e o pénis que a mãe contém no seu interior. A principal ansiedade no seu desenvolvimento edipiano prende-se como medo do ataque ao seu corpo e aos seus objectos internos bons, pela mãe (Klein, 1945).

A inveja em relação à mãe constitui um elemento do complexo positivo, e é essencial tanto na identificação com a mesma, como no seu papel maternal. Por outro lado, a inveja do pénis tem o papel de disfarçar o desejo frustrado de ocupar o lugar da mãe. O desejo de ter um pénis e de ser um menino, traduz-se numa bissexualidade, semelhante ao desejo de ser mulher, na posição feminina nos meninos, desejo reforçado no Édipo positivo, perante a ansiedade e culpa sentidos face à rivalidade com a mãe. O *Superego* da menina, é formado através da internalização de um pai bom e ao mesmo tempo castrador, na medida em que, sendo o pénis internalizado, à uma identificação com o pai. O pénis imaginário que contém dentro de si varia, na sua relação com o pai, entre uma posição feminina e uma posição masculina, sendo que na primeira a internalização tem por base o desejo sexual e de ter um filho, e na segunda, existe o desejo de se igualar ao pai. A mãe surge aqui como objecto persecutório e na base das ansiedades, que é amenizado se a internalização que fizer da mãe for a de uma mãe boa, com a qual se possa identificar (Klein, 1945).

Klein (1935) teorizou que o desenvolvimento do bebé é dirigido por mecanismos de introjecção e projecção. Desde o início o *Ego* introjecta objectos “bons” e “maus”, sendo o seio da mãe o protótipo de ambos. O bebé considera esses objectos “maus” devido à agressividade que neles projecta, e não simplesmente porque frustram os seus desejos. A partir do momento em que o *Ego* se torna mais organizado, as imagos internalizadas aproximam-se da realidade e ele identifica-se de modo mais completo com os objectos “bons”. O medo de perseguição agora também se relaciona com o objecto bom, sendo a partir desta altura, que a preservação do objecto bom é visto como necessário à sobrevivência do *Ego*. No primeiro ano de vida, por volta dos quatro aos cinco meses, ocorre assim, uma mudança significativa nas relações de objecto do bebé, passa da relação com um objecto parcial para um objecto total.

Essa mudança permite que o *Ego* se coloque numa nova posição, na qual se consegue identificar com o seu objecto. Enquanto anteriormente as ansiedades do bebé eram do tipo paranóide, agora possui um conjunto mais complexo de sentimentos ambivalentes e ansiedades depressivas relativas ao seu objecto. A partir de agora, ele passa a ter receio de perder o objecto amado bom e, para além de sentir ansiedades persecutórias, começa a sentir culpa devido à sua agressividade contra o objecto, tendo a necessidade de repará-lo por amor. Observa-se também a uma mudança nas suas defesas, i.e., passa a dispor das defesas maníacas para aniquilar os perseguidores para lidar com a nova experiência de culpa. Klein (1935) denominou este grupo de relações de objecto, ansiedades e defesas «posição depressiva». Para a autora, o resultado normal da posição depressiva é a firme internalização do objecto bom. Caso tal não ocorra, entra-se na esfera da doença depressiva.

Com a entrada na pré-adolescência e, conseqüentemente, na adolescência, a rapariga tem a difícil tarefa de se desvincular da mãe da infância, ou seja, de se diferenciar e procurar novos objectos de identificação e de amor, fora do núcleo parental, assim como, de defender-se de uma possível regressão à mãe pré-edipiana, que pode ser observada nos diversos conflitos entre mãe e filha, tendo para isso de procurar o objecto de amor heterossexual no grupo de pares. O processo adolescente é constituído por uma tensão dialéctica entre a primitivização e a diferenciação, entre posições regressivas e posições progressivas (Blos, 1966).

Durante a adolescência, a rapariga redescobre a mãe, mas de uma forma mais realista, sendo esta diferenciada da representação interna da mãe da infância. A rapariga ao procurar objectos em relações extrafamiliares, já conheceu outras mulheres o que permitiu novos objectos de identificação, e as suas fantasias de mulher, de feminilidade e de maternidade são mais variadas. Desse modo, a rapariga já não é tão dependente da mãe e pode construir a sua própria identidade feminina. Mãe e filha tornam-se diferenciadas, inclusive nas suas fantasias, embora, a relação de identificação com a feminilidade lhes conceda a possibilidade de continuarem o seu compromisso de amor mútuo (Klocars e Sirola, 2001).

Capítulo II: A *Pré-adolescência e Adolescência*

a) Compreensão dos Conceitos: *Pré-adolescência e Adolescência*

A obra de Stanley Hall, de 1904, é um marco essencial do estudo científico da adolescência. Sendo influenciado pela teoria de Darwin, Hall deduziu que a adolescência era um estágio evolutivo único do desenvolvimento, que deveria ser objecto de estudo. A adolescência era um estágio, no qual a pessoa experiencia todas as etapas anteriores do desenvolvimento pela segunda vez, mas, num nível mais complexo. Para Hall, a adolescência deveria ser vista como uma fase de difícil tensão e de agitação, i.e., «storm and stress», que designou «segundo nascimento». (Carretero, 1985, pp. 23).

Freud (1905), um ano após a obra de Hall, através da teoria psicosexual, desenvolveu a compreensão da personalidade e da adolescência, dando ênfase à sexualidade infantil. Os cinco primeiros anos são fundamentais para a formulação e o desenvolvimento da personalidade, a criança passa por três fases distintas nos primeiros cinco ou seis anos, enquanto o período de latência abrange a etapa mais longa, entre os cinco e os dez anos. Durante a fase genital, surge a puberdade e a adolescência, entre os onze e os vinte e um anos.

Na teoria freudiana, o indivíduo na adolescência atinge uma etapa de sexualidade genital em que os impulsos precedentes da libido impõe um carácter de satisfação urgente que, devido às mudanças fisiológicas da puberdade, podem dar lugar a relações sexuais completas. Os conflitos que se haviam gerado na fase fálica e que estavam adormecidos no período de latência são reactualizados. (Carretero, 1985).

A diferença mais notória entre Hall (1904, cit. por Carretero, 1985) e Freud (1905), acerca da adolescência, está no facto de, o primeiro autor, considerar a adolescência enquanto a etapa mais decisiva do desenvolvimento humano, visto que nela poderiam produzir mais transformações que nas etapas anteriores, enquanto Freud, considerava que os primeiros anos de vida influenciam decisivamente as etapas posteriores. Ambos os autores partilham a influência do evolucionismo, do determinismo biológico e as posições maturacionistas, bem como, a consideração da adolescência enquanto etapa de «storm and stress». No caso de Hall,

o adolescente recapitula as mudanças na evolução da sociedade, enquanto para Freud, o adolescente revive um conflito infantil (Carretero, 1985).

O processo da adolescência é definido por Freud no duplo registo: no registo da realidade externa, contemporâneo e contextual, expresso através de um conflito de gerações; e no registo da realidade interna, através do abandono das ligações aos primeiros objectos de amor e do investimento em novos objectos heterossexuais extrafamiliares (Fleming, 1993).

Nas concepções pós-freudianas existem vários autores que se devem destacar, uma vez que, desenvolveram várias teorias em relação à adolescência, que vieram de algum modo expandir os conhecimentos desta fase crucial do desenvolvimento.

Para Schave e Schave (1989), a pré-adolescência é uma fase distinta, caracterizada por mudanças psicológicas únicas em intensidade e reactividade face às experiências e situações de vida. A pré-adolescência começa por volta dos onze anos nas raparigas e algum tempo depois nos rapazes e termina cerca dos catorze anos nas raparigas e um pouco mais tarde nos rapazes. Cordeiro (1988), também considera a pré-adolescência como uma fase importante, que se inicia com o desenvolvimento pubertário, situado em dois sistemas de referência: o corpo e a família. Ao longo da adolescência, pode-se verificar uma desarmonia evolutiva, havendo uma discrepância entre a maturidade sexual e a maturidade psico-afectiva.

Blos (1962) distingue a adolescência em subfases, sendo as mais relevantes para este estudo a pré-adolescência e a adolescência inicial, a saber, a pré-adolescência caracteriza-se pelo aumento quantitativo de pressão pulsional e pelo reaparecimento da pré-genitalidade, ocorrendo entre os 9 e os 10 anos; e a adolescência inicial, é definida pela preeminência genital e a rejeição dos objectos parentais internos, iniciando verdadeiramente o processo de ruptura dos vínculos com o primeiro objecto, e pelo estabelecimento de relações extrafamiliares, substituindo as identificações familiares por outras (amigos, idealizações). Permanecendo ainda uma forte tendência bissexual, tendo a escolha de objecto características narcísicas muito acentuadas, esta subfase surge entre os 11 e os 14 anos.

Blos (1962, 1967) retoma as ideias de Anna Freud, considerando que a adolescência é uma reedição dos conflitos infantis, com alguma ambivalência entre a autonomia e a dependência, e adapta o processo de separação-indivuação de Mahler para a adolescência, de modo a

apoiar esta comparação. O autor, utiliza o termo adolescência, de modo a definir os processos psicológicos de adaptação à puberdade e insiste em quatro aspectos essenciais: (1) considera a adolescência em geral como tendo uma tarefa fundamental, o segundo processo de individuação, que se inicia na pré-adolescência, processo este similar ao que ocorre no final do terceiro ano de vida. O adolescente começa a estabelecer uma vida afectiva, independente da sua família e procura um novo objecto de amor;

(2) produzem-se comportamentos regressivos, como a idealização de determinados modelos alternativos às figuras parentais, e a aceitação acrítica das ideias do grupo de pares; (3) verifica-se um reaparecimento da ambivalência nas relações sociais e afectivas. O adolescente tenta obter mais independência, mas, permanece muito dependente do seu grupo de pares e da sua família; (4) a desvinculação em relação às figuras parentais produz, no adolescente, uma sensação de perda, que o autor denomina «fome de objecto e afecto», que poderá levar à procura de relações e experiências substitutivas, sendo nesta fase, que o relacionamento com o grupo de pares se torna privilegiado.

Por sua vez, Houzel *et al.* (2004) referem que a adolescência pode ser distinguida através de três processos: (1) reestruturações psíquicas relacionadas com o surgimento da puberdade. As pulsões infantis encontram o seu fim, e conseqüentemente, há uma revivescência edipiana assimétrica, focada na heterossexualidade incestuosa e parricida, a elaboração ou sublimação da homossexualidade infantil, uma crise das organizações do *Ego* e do *Superego*; (2) os processos que devem garantir a continuidade psíquica e as reestruturações têm como objectivo a manutenção e reconstituição das instâncias da 2ª tópica, partilham da procura de apoios nos objectos exteriores de modo a assegurar as funções de manutenção da ligação à realidade, a censura e as referências ideais no contexto da mudança. Esta estratégia ocorre relativamente às pessoas (objecto parental idealizado), e às ideias (religiões, ideologias, etc.). Os pares vão ocupando um espaço cada vez mais importante, enquanto os objectos parentais vão sendo desidealizados;

(3) com a puberdade, é possível haver alterações das pulsões sexuais infantis, que até agora encontraram apenas objectos de satisfação inadequados (interdito do incesto), nas figuras e realidades parentais. O recalçamento das representações parentais é assegurado pelos processos psíquicos, e a sua rejeição para o inconsciente. Verifica-se um desinvestimento dos objectos parentais, o investimento nos novos objectos de amor, com os quais a sexualidade se

possa desenvolver fora do interdito incestuoso, emergindo o regresso do recalcado e os fantasmas de criança.

Knobel (1981), define a adolescência enquanto «(...) a etapa da vida durante a qual o indivíduo procura estabelecer sua identidade adulta, apoiando-se nas primeiras relações objecto-parentais internalizadas e verificando a realidade que o meio social lhe oferece, mediante o uso dos elementos biofísicos em desenvolvimento à sua disposição e que por sua vez tendem à estabilidade da personalidade num plano genital, o que só é possível quando consegue o luto pela identidade infantil» (pp. 26). O autor denominou «síndrome normal da adolescência» os desequilíbrios e instabilidades extremas pelas quais os adolescentes passam, sendo a sua maior ou menor anormalidade devida aos processos de identificação e de luto que o adolescente tenha conseguido realizar. Quando o adolescente elaborar os lutos, sendo em ultima instância os que conduzem à identificação, este observará o seu mundo interno fortificado, e essa normal anormalidade será menos conflituosa e menos perturbadora.

Segundo Schave e Schave (1989), verifica-se, nesta fase, uma diminuição da capacidade de tolerar, assimilar e acomodar mudanças devido ao desequilíbrio cognitivo causado pela entrada no pensamento formal. O desenvolvimento desta capacidade cognitiva, juntamente com a estrutura psíquica que se encontra mais delicada, pode levar os pré-adolescentes a sentirem-se mais fragilizados, com medo da fragmentação. Por outro lado, com a entrada no pensamento formal, o adolescente é muito centrado em si próprio, o que conduz ao intenso egocentrismo e fomenta um grande medo de exposição e vergonha em frente aos pais, adultos e sobretudo ao grupo de pares. Observa-se, assim, um paradoxo, os pré-adolescentes sentem necessidade das funções de objecto que os pais lhes proporcionavam quando eram mais novos, contudo, procuram o aumento da independência e separação psicológica dos mesmos, ou seja, precisam que os pais continuem a funcionar como porto de abrigo ao qual regressam quando precisam de se sentir seguros e, simultaneamente, vivenciam o conflito da individuação experienciando, por vezes, a perda de suporte psicológico das suas famílias

Através do amadurecimento genital, com a reactivação das etapas pré-genitais da evolução libidinal e a interacção impetuosa dos processos psicológicos básicos de dissociação, projecção, introjecção e identificação, será estabelecida, inicialmente de modo confuso, e posteriormente de forma estruturada, a personalidade mais ou menos definida. Desta forma,

conseguir-se-á chegar a uma cristalização do processo de individualização, sendo uma das etapas cruciais deste período de vida (Knobel, 1981).

Erikson (1980) denominou momentos de grande mudança ao longo do desenvolvimento de crise. O conflito dominante na adolescência é entre a formação de «identidade vs. difusão de identidade», tendo como consequência das crises prévias a sua integração num todo coerente, com um sentimento de se ser distinto e diferenciado dos pais. Esta forma de identidade vai, forçar o adolescente a rejeitar e a revoltar-se contra os pais. A função desta rejeição, é libertar o adolescente das identificações infantis aos pais, e do controlo e autoridade destes. A formação de identidade só é possível com dinâmicas simultâneas de separação psicológica interna, e de distância física face aos pais, traduzidos em condutas de autonomia, em que o adolescente ensaia novos papéis e adquire novas capacidades, e.g., o adolescente deve ser capaz de se comprometer com uma ocupação, uma ideologia e desenvolver uma capacidade de intimidade (Erikson, 1980).

Porém, Coimbra de Matos (2003) rejeita a ideia de adolescência enquanto crise, excepto nos casos de patologia, considerando ser um período fecundo, repleto de promessas e de realização, de pensamento e acção que leva o adolescente a lidar com quatro problemas importantes. Primeiramente, tem de conseguir adaptar-se e usufruir do corpo erótico; se, por um lado, o adolescente fica fascinado e deseja explorar o seu corpo desfrutando das novas capacidades, por outro, pode sentir receio, vergonha ou culpa, o que poderá conduzir ou para o desenvolvimento saudável ou para a regressão na doença. Em seguida, deve passar do domínio do amor pelos pais, para o amor do par sexual e, por consequência, da ligação de apoio e protecção para a ligação amorosa. Além de ser uma mudança de objecto, é também uma mudança de objectivo, ao passar da ternura da ligação infantil para a exaltação da ligação sexual. Não obstante, os objectos parentais continuam a ser investidos, mas perderam valor e significado como objectos de necessidade, sendo que o objecto sexual aparece como mais importante. Surge aqui o problema de separação-individuação.

Posteriormente, apesar de o papel do grupo ser importante em qualquer idade, é na adolescência que a vida grupal é vivenciada com mais intensidade. É no grupo que o adolescente irá realizar um importante trabalho de construção identitária, desapossando-se de facetas de identidade imagoico-imagética e alotriomórfica e crescendo em identidade idiomórfica, i.e., as relações de construção de identidade, desenvolvem-se em processos de

identificação por complementaridade (procura ser complementar ao objecto escolhido) e não tanto em processos de identificação por similaridade (assemelhar-se ao modelo eleito). Segundo o autor, é o problema da construção-reconstrução, remodelação e consolidação da identidade; Finalmente, o problema da morte. Uma das tarefas pertencentes à adolescência é a de lidar com a angústia existencial, ou seja, a angústia face à finitude da vida. A passagem da angústia existencial é conseguida quando tem acesso à imortalidade simbólica, sendo a transmissão da herança cultural que torna o sujeito simbolicamente imortal.

b) A Puberdade e as Mudanças Psicológicas Associadas

A palavra puberdade deriva do latim «pubertas» que significa apresentar pêlos no corpo. A puberdade é referida enquanto conjunto de características biológicas, cujas alterações são predeterminadas geneticamente, desencadeando a maturação sexual.

Freud (1905) para além de dar a descobrir a sexualidade infantil, refere também a importância das várias fases ao longo do desenvolvimento psicosssexual, de modo a integrar na puberdade as zonas erógenas parciais sob o primado da genitalidade. Para Freud, a partir desta altura, a libido do *Eu* apossa-se dos objectos sexuais transformando-se em libido do objecto, i.e., descobrirá no outro o objecto sexual, impondo um novo equilíbrio entre o investimento narcísico e o investimento objectal.

Segundo Malpique (2003), a puberdade feminina começa entre os 10 e os 12 anos, havendo o desenvolvimento dos botões mamários e dos pêlos púbicos. Aos 12 anos, verifica-se uma aceleração do crescimento, surgindo a menarca geralmente no fim da puberdade, entre os 12 e os 13 anos. A puberdade é uma fase essencial de transformação somática e psicológica, em que se operam reestruturações nucleares, que constituirão as matrizes da personalidade a consolidar durante a adolescência.

Braconnier e Marcelli (2000), fazem a distinção, de pubertário e adolescens, sendo o *pubertário* um processo que explica a pressão exercida pelo biológico da puberdade sobre as instâncias psíquicas (*Ego, Superego, Id*). Esta pressão colide com a barreira do incesto deixada pela elaboração do desenvolvimento edipiano. A organização pubertária é, desse modo, constituída pelos seguintes elementos: *a)* pressão da «vivência originária pubertária»; *b)* o pavor das representações face aos investimentos incestuosos; *c)* colocar à prova o

Superego em relação à entrada nas categorias dos possíveis conflitos edipianos; *d*) o *Superego* procura novos suportes porque a aliança estabelecida entre *Ego* e *Superego* se desfaz; *e*) devido aos factores anteriores, a nova realidade torna-se hesitante, constituindo o problema fulcral desta organização pubertária. O processo *adolescens* situa-se do lado do Ideal, da inibição das pulsões em relação à sua finalidade e da dessexualização.

Malpique (2003) faz também essa distinção, considerando a crise *puberal* como um acontecimento disruptivo que, devido a factores genéticos, desencadeia mudanças psicofisiológicas que acompanham a maturação sexual, sendo também durante esta altura que se geram vectores de integração organizativos que guiam o processo *adolescens*. Esta crise provoca uma descontinuidade que abala o equilíbrio do narcisismo infantil e o sistema defensivo da latência, ameaçando o *Eu* de perda do sentido de realidade. O aparecimento da maturação sexual movimenta organizadores, ou seja, impulsiona a integração de aquisições prévias em novas estruturas que incitam o desenvolvimento. Para a autora, as principais tarefas organizativas da puberdade são: (1) a genitalização das representações incestuosas, ou seja, a dessexualização das figuras parentais e a integração da imagem do corpo sexuado; (2) o início do luto das imagos parentais; (3) e o início da escolha do objecto sexual.

Cordeiro (1988) refere que, devido às transformações bruscas do corpo do adolescente, é necessário fazer um reajustamento quer deste ao seu corpo, quer das pessoas que o rodeiam, levando a uma remodelação da imagem corporal, visto que a imagem do corpo antiga não é compatível com a nova percepção do seu corpo. A puberdade é considerada um verdadeiro organizador psíquico, particularmente da psicosexualidade. O passado vai ser sintetizado, revivido e actualizado tendo como base as modificações instintivas sexuais, impelindo o adolescente a integrar a imagem sexuada dos pais e do seu corpo.

A mudança da imagem corporal e a reavaliação do *Self* face aos novos poderes físicos e sensações são duas consequências psicológicas de mudança no status físico. Devido ao facto de as mudanças físicas serem tão visíveis durante a puberdade, o adolescente tende inevitavelmente a comparar o seu desenvolvimento com o do seu grupo de pares (Blos, 1962).

Segundo Ritvo (1976), com a transformação corporal, há a intensificação das pulsões sexuais e agressivas, que reemergem, ligando-se desta forma aos objectos infantis e incestuosos. Tem de haver uma mudança de objecto, dos pais da infância para alguém da sua geração, i.e., do

grupo de pares. Quando a rapariga adolescente elabora a perda dos objectos infantis, perde também o apoio e a organização que tinha na infância, por ter o *Ego*, o *Ego Ideal* e o *Superego* dos pais enquanto auxiliares. O modo como as raparigas adolescentes se sentem e se comportam é fortemente influenciado pela resposta do *Ego* às forças instintivas pré-genitais e fálicas, e pelas qualidades da relação objectal aos pais. O modo como a adolescente resolve as questões da imagem corporal e as atitudes face ao seu corpo é crucial para a sua sexualidade enquanto mulher.

Para além das transformações fisiológicas e pulsionais, verifica-se uma mudança intrapsíquica relacionada com o processo de separação das pessoas significativas na infância, há uma modificação nos modelos relacionais, nos projectos e prazeres elaborados em conjunto, que se pode, segundo vários autores, denominar luto.

Para Braconnier e Marcelli (2005), o trabalho da adolescência, assim como, o trabalho do luto, consta «numa perda de objecto», e na perda dos «objectos infantis» que se pode observar em dois níveis: no primeiro nível, a perda do «objecto primitivo», podendo comparar-se a adolescência com a primeira infância (fase de separação do objecto materno). No segundo nível, a perda do «objecto edipiano» cheio de amor, ódio e ambivalência. A imago parental idealizada, o «ideal megalomaniaco infantil», os projectos ao longo da infância sobre os pais, são postos igualmente em causa devido ao desejo de autonomia, descoberta de novos ideais e por uma melhor percepção da realidade. Sendo uma das principais tarefas psíquicas da adolescência atingir a desvinculação da autoridade parental e dos «objectos infantis». «O adolescente é conduzido no sentido de conquistar a sua independência, libertar-se do domínio parental e solucionar a situação edipiana» (Haim s.d., cit. por Braconnier & Marcelli, 2005, pp.39).

A situação do adolescente face à sua realização evolutiva, baseada nas relações interpessoais da infância, que terá de abandonar, condu-lo à instabilidade pela qual é definido, levando a constituir o que Knobel (1981) denominou «síndrome da adolescência normal». As mudanças psicológicas, que se produzem neste período, que são interdependentes das mudanças corporais, conduzem a uma nova relação com os pais e também com o mundo. Sendo isto apenas possível, se houver uma elaboração do luto pelo corpo da criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância. Neste período, verifica-se uma oscilação

extrema entre a independência e a dependência, entre o impulso à separação e a defesa contra o receio da perda do conhecido (Knobel, 1981).

Cordeiro (1988) considera que, através de processos de imitação, de introjecção e identificação, a criança ao longo da infância, e devido à pressão do *Supereu*, vai internalizando a imago parental, i.e., uma imagem assexuada dos pais. Na adolescência, a necessidade de regressão e de elaboração do luto das imagos parentais deve-se: à maturação dos órgãos genitais e à intensidade do surgimento instintivo-sexual (*Id*) e às limitações morais do *Supereu* em relação a pais sexualizados, ou seja, as fantasias que eram aceites até aquele momento com os pais dessexualizados devido ao *Supereu* infantil, tornam-se intoleráveis para o *Eu*, face a imagos parentais sexualizadas. O luto das imagos parentais é, para o autor, o primeiro organizador psicológico da adolescência. A tomada de consciência do real perigo do conflito edipiano, é vivenciada pelo adolescente com uma angústia e culpabilidade intensa, acompanhada por uma perda da auto-estima, podendo ser comparada a uma «ferida narcísica». Neste sentido, e de modo a restabelecer o equilíbrio narcísico e reestruturar um sistema relacional em relação às imagos parentais, o adolescente vê-se compelido a desviar essas imagos de modo a poder afirmar-se.

Malpique (2003) refere que o afastamento das figuras parentais possibilita a repressão e projecção de representações incestuosas, o corpo do adolescente torna-se o “teatro” do actual conflito, do corpo sexuado sobreinvestido narcisicamente. Ao longo da puberdade a onnipotência infantil é perdida, assim como, o auto-erotismo infantil e a bissexualidade psíquica, i.e., instala-se um sentimento de incompletude, de falta e de necessidade de encontrar um objecto complementar, o que, por um lado, acentua a fragilidade narcísica e, por outro, devido ao impulso heterossexual, leva à procura de um objecto sexual complementar. A dessexualização das figuras parentais realiza-se neste deslocamento para novas figuras de identificação, aumentando a valorização dos pares e a progressiva integração da genitalidade. Os pais tornam-se os reguladores narcísicos.

Knobel (1981) teorizou que as transformações da adolescência, levam a reestruturações permanentes, tanto externas como internas, sendo vivenciadas enquanto intrusões dentro do equilíbrio que havia sido conquistado na infância, obrigando o adolescente, no processo de conquistar a sua identidade, a tentar refugiar-se no seu passado, enquanto tenta igualmente projectar-se no futuro. Realiza assim, um verdadeiro processo de luto, através do qual começa

por negar a perda das suas condições infantis, tendo dificuldades em aceitar as realidades adultas que se vão impondo, entre elas encontram-se as modificações biológicas e morfológicas do seu próprio corpo. Os processos de identificação que se desenvolveram na infância mediante a incorporação de imagos parentais boas e más, são os que irão permitir uma melhor elaboração das situações instáveis, que se tornam difíceis durante a adolescência.

O processo de luto necessita de tempo para poder ser realmente elaborado, explicando o motivo pelo qual o processo de entrar e sair da adolescência seja extenso, e nem sempre, totalmente alcançado. Um bom mundo interior surge através de uma relação satisfatória com os pais introjectados, e da capacidade criativa que estes propiciam. A presença interna de boas figuras parentais, tendo papéis bem definidos, uma cena primária amorosa e criativa, permitirá uma boa separação dos pais, facilitando a passagem à maturidade, e ao desempenho da genitalidade no plano adulto. Contudo, as figuras parentais que não são bem definidas nem estáveis nos seus papéis, podem surgir face ao adolescente como desvalorizadas, levando-o a procurar identificações com personalidades mais firmes, pelos menos, no sentido compensatório ou idealizado (Knobel, 1981).

Devido à necessidade de negar as fantasias genitais e a possibilidade de realização edípica, os mecanismos esquizo-paranóides são geralmente muito intensos. Parte da relação com os pais está dissociada, sendo estes percebidos enquanto figuras muito más ou muito boas, dependendo fundamentalmente de como foram introjectadas nas etapas pré-genitais. As identificações fazem-se, assim, com substitutos parentais, nos quais se podem projectar cargas libidinosas, sobretudo nos seus aspectos idealizados, o que permite a negação da fantasia edípica subjacente. A identidade adolescente é a que se caracteriza pela modificação de relação do indivíduo, essencialmente com os seus pais, tanto os pais externos reais como os internalizados. A presença externa dos pais começa a ser dispensável, sendo a separação do adolescente a estes necessária. As figuras parentais estão internalizadas, podendo o adolescente iniciar o seu processo de individualização (Knobel 1981).

Caso o processo de separação-individuação seja muito lento e se a função de negociação e modelação do *Eu* ganhar consistência, o objecto tem tendência a permanecer como um mau introjecto. Para tentar ejectar esse mau introjecto, os provenientes do instinto agressivo agem e pode gerar-se uma confusão entre a representação do *Self* e o mau objecto. Se esta situação

se mantiver na sub-fase de reaproximação, a agressividade pode levar o bom objecto e a boa representação do *Self* (1979 Mahler cit. por Cordeiro, 1988).

Sklansky (1991), refere que os pré-adolescentes sofrem uma vulnerabilidade narcísica, característica de toda a adolescência, que se traduz numa disrupção na coesão da estrutura da latência, que pode ser atribuída ao aumento hormonal na puberdade. O estado fisiológico alterado intensifica as tensões das pulsões, logo, os mecanismos de regulação da tensão atingidos previamente já não são adequados à manutenção da integração e coesão da personalidade. O equilíbrio narcísico é concomitantemente atingido, observa-se uma variabilidade de humor sendo resultado de uma instável auto-definição, deste modo, comportamentos e fantasias de grandiosidade compensatória, alteram, com períodos de baixa auto-estima e um sentimento de fragilidade.

Observa-se, ao longo da adolescência, uma modificação do equilíbrio entre investimentos objectais (interesse pelo mundo exterior) e investimentos narcísicos (interesse pelo mundo interior). O retraimento, desinteresse aparente pelo mundo exterior, provém da necessidade de ruptura com os interesses e investimentos da infância, que eram muitas vezes suscitados pelos desejos dos pais. Com a entrada na pré-adolescência, o jovem tem necessidade de romper com os interesses e investimentos do passado, havendo simultaneamente, uma distanciação dos investimentos infantis e uma distanciação sentida como submissão face às suas imagens edipianas. O desenvolvimento e o subsequente estabelecimento do narcisismo adulto são necessários à adolescência. O adolescente deve escolher novos objectos e também escolher-se a si próprio, enquanto objecto de interesse, de respeito e estima. O modo como alguns adolescentes maltratam o seu corpo é um indicador, entre outros, das suas dificuldades narcísicas (Marcelli & Braconnier 2005).

Capítulo III: *Imago Materna e Maternidade*

a) **Desenvolvimento da feminilidade**

Stoller (1976) define o *núcleo de identidade de género* como a percepção que os indivíduos têm do seu sexo, i.e., de feminilidade nas mulheres e de masculinidade nos homens, sendo estabelecida durante o primeiro ano de vida. Por sua vez, a *identidade de género* é um conceito mais vasto que representa a mistura de feminilidade e de masculinidade, que se pode encontrar em todas as pessoas. Deste modo, o feminino refere-se ao sexo ou ao estado biológico, e a feminilidade refere-se à identidade de género, uma convicção do self e do papel do indivíduo. Primeiro desenvolve-se o núcleo de identidade de género, sendo a ligação em torno da qual, se desenvolve, de forma gradual a feminilidade, que constitui uma parte do “narcisismo”. O núcleo de identidade de género é o resultado de: (1) uma força biológica, ou seja, o efeito de hormonas sexuais fetais circulantes no cérebro do feto; (2) a designação do sexo, i.e., a atribuição do sexo no momento do nascimento; (3) atitudes paternas, ou seja, os efeitos da designação do sexo sobre os pais, a reflectir-se na criança; (4) fenómenos “biopsíquicos”, i.e., os primeiros efeitos pós-natais que são causados por certos padrões habituais de lidar com a criança; (5) o desenvolvimento do ego corporal, as sensações, particularmente dos órgãos genitais, que definem as dimensões da criança.

Segundo o autor, o desenvolvimento da feminilidade em mulheres pode ser dividido em duas fases: a primeira, de origem não-conflitiva e ego-sintónica, consiste nos comportamentos com os quais a menina se identifica e/ou é ensinada sobretudo pela mãe. Mecanismos tais como o sugestionamento, o condicionamento, a identificação e a imitação contribuem para essa aprendizagem, resultando nos comportamentos automatizados e nas fantasias, que o autor designou núcleo de identidade de género. Relativamente à segunda, esta resulta de conflitos, principalmente edipianos, acarreta um novo desejo, o erotismo, a consciência das diferenças anatómicas entre os sexos, assim como, o desejo de ter filhos. Confere uma feminilidade mais rica e mais complexa, através dos sistemas de fantasia que são criados pela menina, de modo a lidar com esses problemas em relação àqueles que se rotulam como femininos.

Esta forma de feminilidade resulta do conflito e da sua resolução, sendo os comportamentos que são percebidos como correctos repetidos até se tornarem automáticos ou como “parte da

estrutura de carácter?”. A inveja do pénis e o acto de culpar a mãe pela falta de um pénis conduz a menina a comportamentos masculinos. Esses comportamentos podem ser usados ao serviço de uma homossexualidade que tenta obter a posse da mãe. Contudo, esta luta não destrói a feminilidade primária. Quer a feminilidade primária quer a masculinidade defensiva persistem até à próxima fase, na qual uma resolução gratificante e sem hostilidade do conflito edípico produz uma feminilidade mais complexa, e modificações capazes de permitir que a menina converta as tarefas a realizar em adequadas e produtivas tarefas de uma mulher adulta.

Segundo Marques (1996), o feminino apresenta diversas significações, sendo um conceito controverso e contraditório, que atravessa vários eixos simbólicos. O feminino pode surgir a três níveis: enquanto alimentador, continente, fértil, fecundo e onipotente; como sedutor, erotizado e erotizante; e também como, aterrorizador e destrutivo. O feminino implica sobretudo o corpo que é sujeito a funções específicas que são intermutáveis em fantasia. O ser surge na função materna, que contém e que evita o excesso de excitação. No indivíduo o que está em primeiro lugar é o vínculo primário, i.e., a incorporação e a fusão deste com o objecto materno, o que irá definir a identificação primária e a identidade. Contudo, a função materna contém igualmente o feminino que funda e constrói o ser. Deste modo, «o materno-feminino abre e fecha o ciclo do ser, da relação, do crescimento e da expansão mental».

Leal (2001) também faz uma diferenciação entre o feminino e o materno. O feminino é o conceito enquanto significante da capacidade de auto-afirmação e de defesa do próprio. Este conceito acarreta há muito tempo, a desconfiança sistemática enquanto figura de malignidade e de sexualidade destrutiva, que é oposta à imagem idealizada do materno. Por sua vez, o materno aparece como significante de afecto, ternura e cuidados, de defesa e de protecção do outro. O feminino constitui-se na relação com um outro que, constantemente lhe atribui um género. Leal (2001), indo no mesmo sentido de Stoller (1976), considera que o núcleo da identidade de género se vai estabelecendo desde o nascimento, utilizando, por um lado, as características inatas e idiossincráticas, e por outro, as atribuições externas, interagindo com vínculos e relações precoces que produzem um conjunto de estímulos fantasmaticamente vividos.

b) Desenvolvimento da Maternidade

Segundo Menezes (1990), a família é caracterizada como um núcleo de vinculação, coesão e

interdependência mútua, sendo simultaneamente impulsionador da separação e da autonomia do adolescente, que tem como tarefa reestruturar as relações que foram desenvolvidas desde a infância.

Para Levisky (1997, cit. por Pais, 2000), os pais são considerados modelos identificatórios para os filhos e a família é a principal responsável pela transmissão social de um sentido de valores que induz os jovens a desenvolver as capacidades cognitivas e morais. A família desempenha, assim, um papel fulcral durante todo o desenvolvimento da criança e do adolescente, porque garante a sua sobrevivência, e porque é no seu seio que ele realiza as aprendizagens básicas que irão ser necessárias ao desenvolvimento autónomo no interior da sociedade.

Dahl (1995) considera, que na rapariga, as vicissitudes da organização intrapsíquica e das representações mentais para o objecto materno reflectem e caracterizam as tarefas psicológicas da adolescência feminina: a puberdade, a menarca, a sexualidade e a independência psicológica. A autora considera, que o progressivo desenvolvimento fomenta a viragem para a realidade exterior enquanto fonte de prazer e satisfação. A actividade no mundo real serve para salvaguardar a ameaça de perda do objecto materno, inserido também no mundo interno. O dilema da adolescente é atingir um sentido de *Self* integrado, enquanto psicologicamente diferenciada da sua mãe, sem sacrificar aquelas representações das relações de objecto precoce, que são empregues ao serviço da auto-estima, regulação de afecto, valorização narcísica do corpo e capacidade para o prazer genital.

Para a autora, durante a adolescência pode-se observar um desenvolvimento na organização das representações de objecto materno, tendo como função a reemergência das fantasias pré-edípicas e edípicas e a sua contribuição para a resolução do conflito interno associado com o desenvolvimento figurado na adolescência. Embora essa fantasia pareça reflectir um progresso desenvolvimental nas relações de objecto e na crescente diferenciação psíquica da filha em relação à mãe, é importante compreender a complexidade do seu papel no mundo interno (Dahl, 1995).

Dahl (1995) salienta ainda, que essas fantasias são construídas sob a pressão da exigência intrapsíquica da adolescência e representam transformações de memórias e de fantasias precoces, à luz da experiência corrente. Essas fantasias são criadas, de modo a resolver

conflitos internos gerados pela exigência do corpo sexual maduro, o reatar do desejo incestuoso, a restrição do *Superego* e a adaptação à realidade externa. Essas fantasias contêm representações de vinculação à mãe, a qual é utilizada ao serviço da representação do corpo, das pulsões, do desejado corpo do objecto e dos medos específicos de retaliação e punição. Desse modo, é importante elaborar essas complexas fantasias enquanto formações de compromisso, que podem ser empregadas ao serviço de múltiplas funções intrapsíquicas.

A adolescente descobre o seu corpo através da sua longa dependência do cuidado materno. Dessa forma, ela também aprende a distinguir sensações internas de estímulos externos e consolida capacidades auto-reguladoras e auto-tranquilizadoras. Através da experiência do cuidado do corpo pela mãe, a relação da rapariga com o seu corpo é estabelecida, sendo neste contexto que o *Ego* corporal é formado. As experiências infantis com a mãe, e as fantasias associadas são retrabalhadas e transformadas a cada nova época desenvolvimental, tornando-se altamente complexas. O processo de integração psíquico de vinculação à mãe, enquanto aspecto do *Self*, nunca está totalmente completo. A marca da organização psíquica da mulher adulta recai na capacidade de a filha continuar a permitir repercussões no interior de si própria, das representações da vinculação à mãe, no seu constante diálogo intrapsíquico com esta (Dahl, 1995).

Por sua vez, Klocars e Sirola (2001) referem que, o amor materno e a relação de amor que se estabelece entre mãe e filha são simultaneamente reais e sujeitos a fantasia, uma vez que, a sua origem é no interior da mãe, na sua função materna, quer física como mentalmente. O amor que existe nesta relação, surge na fantasia da mãe muito antes da filha nascer, porque, a mesma tinha previamente imaginado ter uma filha e tem recordações e fantasias da sua relação com a sua própria mãe, e talvez com a sua avó. Desse modo, a maternidade e a gravidez são constituintes de uma crise de desenvolvimento normal na vida uma mulher. No início, a criança será um objecto narcísico para os pais, e não um indivíduo separado, e esta fase não termina totalmente, embora a diferenciação da criança e a sua personalidade se vão progressivamente individuando. A mãe, quando dá à luz, partilha experiências e tem um entendimento empático, que se desenvolve naturalmente, há uma satisfação de todas as expectativas maternas, fantasias de feminilidade e maternidade.

Quando se verifica um desenvolvimento bem sucedido, esta união narcísica é transformada num amor, que é primeiramente partilhado com a mãe e depois com o pai, e finalmente na

tríade filha-mãe-pai. A rapariga constrói o *Self*, através do seu reflexo no olhar da mãe e na interacção com o corpo desta. As suas experiências de *Self* precoces e as suas impressões iniciais do corpo feminino, estão completamente dependentes da qualidade da relação mãe-filha (Klocars & Sirola, 2001).

A sexualidade vem transformar a relação de amor mãe-filha pré-edipiana inicial, e a mãe na mente da rapariga, torna-se um ser sexual, dado que são transmitidas sensações de prazer quando a mãe toca em determinadas partes do corpo da filha, conduzindo a rapariga a uma crise na relação porque percebe que o objecto de desejo da mãe é outra pessoa. Termina o sonho pré-edipiano, entrando na triangulação. Nesta fase, esta relação é muito vulnerável, porque até agora a mãe era o objecto de amor e quando a filha começa a identificar-se com a mãe, o objecto do seu amor é substituído. Se houver problemas na identificação com a mãe, também surgirão problemas em mudar de objecto de amor (Klocars & Sirola, 2001).

Se a identificação não permite um sentimento bom e suficiente de identidade, a rapariga permanece presa no seu amor inicial à mãe, porém, se a sexualização do corpo da rapariga for demasiado precoce, os objectos de identificação e amor não serão diferenciados. Através dos cuidados maternos, a mãe vai dando um significado ao corpo da filha, permitindo que a mesma conheça o próprio corpo, o que promove uma ligação com as sensações corporais, as partes sensuais e sexuais do seu corpo. A partir dessas sensações, a mãe pode, por um lado, sobressexualizar o corpo da filha na sua fantasia e, por outro, pode ter de negar a gratificação sexual do corpo. A filha depressa desenvolverá a habilidade para reconhecer os desejos maternos e a necessidade para os satisfazer (Klocars & Sirola, 2001).

Durante a fase edipiana, observa-se a passagem da relação dual para uma relação triangular. Tähkä (1993 cit. por Klocars & Sirola, 2001) divide o desenvolvimento da relação triangular em três fases: na primeira fase, a rapariga reconhece que o pai ocupa o lugar de um objecto de amor na mente da mãe. Dessa forma, ela tenta ser semelhante à mãe e mais adorável que o pai rival. Durante esta fase, a mãe é simultaneamente objecto de amor e de identificação; na segunda fase, a rapariga apercebe-se de que a mãe ama o pai, precisamente devido à sua dissimilaridade. Nesta altura, ela tenta gratificar a mãe do mesmo modo que o pai, tentando superá-lo em todos os aspectos; durante a terceira fase, a rapariga transfere o seu amor para o pai. Enquanto anteriormente idealizou a mãe, agora o objecto de desejo da mãe, torna-se o objecto idealizado do desejo da rapariga, i.e., o falo. Nesta fase do desenvolvimento, o pai

torna-se idealizado enquanto objecto de amor e a mãe permanece enquanto objecto idealizado de identificação.

Com a entrada no período de latência, a rapariga sente-se enganada quer pela mãe, na relação dual (porque a mesma tinha como primeiro objecto de amor o pai), quer pelo pai, na relação triangular (que tem como primeiro objecto de amor e desejo a mãe). A partir deste momento, ela tem de encontrar os seus objectos no exterior da família. A latência é o período de reparação e construção, a rapariga aprende a tolerar a perda, e adquire mecanismos de defesa psiquicamente mais desenvolvidos. A sua relação com os pais, especialmente com mãe, melhora e torna-se mais íntima. A presença dos pais é crucial para o desenvolvimento da identidade. O prévio desenvolvimento de identificação vai dar origem ao desenvolvimento da identidade. Para a rapariga, a latência representa o período de clarificação interna, de consolidação da sua força e de descoberta das suas capacidades. A sua personalidade tem vindo a transparecer, preparando-se para irromper numa mudança poderosa com a chegada da puberdade e do seu desenvolvimento sexual (Klocars & Sirola, 2001).

Klocars e Sirola (2001) referem que após o calmo período de latência, a rapariga transforma-se externa e internamente, sente necessidade de abandonar a relação próxima com a mãe de modo repentino, assim como, o desejo de lhe ser regressivamente íntima. Na adolescência, a situação edipiana é reactivada, a rapariga tem de ser capaz de abandonar o objecto do seu amor pré-edipiano (a mãe interna) e voltar-se para o pai-homem interno. A mudança de objecto é novamente delicada, se a rapariga não tiver sido capaz de se identificar com a mãe, ela regressa a uma fase prévia na sua relação (mãe-filha) e a mãe-mulher volta a ser o objecto de amor. De um modo gradual, a rapariga percebe que a personalidade da mãe e o seu estilo de vida diferem do seu.

Por outro lado, Blos (1962) refere que na adolescência feminina, se observa um impasse entre uma tentativa de regressão que exerce a sua influência em direcção a um retorno à mãe pré-edipiana, que resultaria numa dependência excessiva e passiva com uma sobrevalorização da mãe, e por outro lado, o afastamento face à mãe e direcção ao sexo oposto e à pseudo-heterossexualidade. A rapariga tem de estabelecer uma repressão massiva da pré-genitalidade, sendo um pré-requisito para o desenvolvimento normal da feminilidade, para depois se dirigir à fase edipiana. A rapariga ao afastar-se da mãe reprime as pulsões que estavam intimamente relacionadas com o seu cuidado, nomeadamente na pré-genitalidade, sendo que o regresso a

estes modos de gratificação, na puberdade constitui a base para correlacionar a delinquência feminina com perversão.

A adolescente que não consiga manter a repressão da sua pré-genitalidade irá encontrar várias dificuldades no seu desenvolvimento. A fixação à mãe pré-edipiana e o regresso às gratificações desse período geralmente resultam em comportamento de acting-out, cujo tema central é “o bebé e a mãe” e a recriação de uma união, na relação dual. Há dois tipos de delinquência feminina: um é a regressão à mãe pré-edipiana, e o outro é manter-se na fase edipiana, sendo que em ambos os casos o problema central é a mãe. A delinquência feminina é muitas vezes precipitada pela forte tentativa de regressão à mãe pré-edipiana, e ao pânico que tal regressão implica.

Klocars e Sirola (2001) afirmam que ao longo da adolescência, a filha redescobre a mãe, agora de um modo mais realista, a mãe é, no mínimo, parcialmente diferenciada da representação interna da mãe da infância. A rapariga já conheceu outras mulheres, as suas fantasias de mulher, feminilidade e maternidade tornam-se variadas, permitindo novos objectos de admiração e identificação. Já não é tão dependente da mãe e constrói a sua própria identidade feminina. Mãe e filha tornam-se diferenciadas, embora a identificação com a feminilidade lhes dê a oportunidade para continuarem o seu compromisso recíproco e amor mútuo. Não obstante, embora exista uma diferenciação, mãe e filha nunca se tornam completamente diferenciadas.

Segundo Ritvo (1976), o desejo de ter um filho e da maternidade muda ao longo da adolescência, e no desenvolvimento da adolescente para mulher. O desejo de ter um filho, que surge primeiro na fantasia da menina em identificação com a mãe, e como parte da resolução do complexo de Édipo, torna-se mais específico com o estabelecimento do ciclo menstrual. Desta forma, torna-se parte da imagem corporal, sendo que na adolescência o desejo de ter um filho ainda está fortemente ligado às origens edipianas e pré-edipianas. A maternidade como ideal tem origem precoce na identificação da menina com a sua mãe, e com os desejos infantis de ter um filho.

Erikson (1953, cit. por Kestenberg 1982) refere que a gravidez representa o culminar de desejos que começam na infância e variam de intensidade, ressurgindo na sua total força quando a realização desta se torna possível, ou seja, ao longo do período generativo do

desenvolvimento adulto.

Kestenberg (1982) refere que a tarefa integradora da menina na fase interno-genital consiste em estabelecer uma prioridade do interior feminino gerador sobre os órgãos alimentares e excretores e as suas funções, sendo que os impulsos interno-genitais originam fantasias. Através da externalização de impulsos interno-genitais, a menina de três ou quatro anos, aprende a salientar os desejos sexuais através da realização maternal. A identificação à mãe, ajuda a estabelecer a menina como uma mãe de brinquedo, intuitiva e compreensiva, sendo o bebê no seu interior, criado à imagem de si própria e da sua mãe. Quer a mãe quer o pai, diminuem na fantasia, enquanto a menina cresce interna e externamente. Quando a menina não consegue manter o duplo papel de criança e mãe, e tem de reconhecer a sua condição de criança, a menina fica irritada e deprimida, como se o seu bebê imaginário morresse.

A menina, zangada com a mãe por ser armazenadora de bebês, e cheia de impulsos homicidas contra o bebê irreal no seu interior, constrói formações reactivas que originam desejos de oferecer à mãe um bebê real. Alternando desde desejo edípicos negativos até aos positivos, a criança realiza a identificação a ambos os pais. A identificação interno-genital pré-edípica com a mãe estimulou um comportamento maternal, sendo que durante o desenvolvimento edípico positivo, a criança se identifica à mãe como rival, pelo amor do pai, estando no centro das fantasias a penetração e a fecundação por um pénis muito valorizado. A aprovação paterna do interior produtivo da menina, por ele “criada” ao longo da fase fálico-edípica, ajuda a menina a adiar os seus desejos de gravidez, numa transição benéfica para a latência (Kestenberg, 1982).

O desejo de um bebê do sexo feminino detém a qualidade da mãe pré-edípica, e o bebê do sexo masculino (fálico) é uma réplica do pai edípico ou do seu substituto (irmão). Uma sublimação da continua evolução das pulsões interno-genitais exerce uma influência integrativa na formação de ideais de maternidade e de ideais que são incorporados no superego. Com o colapso da organização da latência, a adolescente confronta-se com uma nova edição da genitalidade interna. Tanto a regressão a tendências pré-edípicas, pré-genitais e interno-genitais, como, a revivescência de desempenhos fálico-edípicos negativos e positivos, torna possível à menina reorganizar essas tendências na sua genitalidade feminina adolescente. A influência integradora da menstruação e de sensações interno-genitais mais maduras agem em conformidade com a influência integradora dos pais para trazer ordem ao

caos (Kestenberg, 1982).

A fase interno-genital adolescente acaba com uma reintegração na qual o ciclo menstrual se torna coordenado com ideais de fecundação, gravidez e parto, i.e., ganham uma representação significativa pela identificação à mãe. No fim da adolescência a rapariga torna-se consciente do seu genital interno, como centro dinâmico do espaço feminino interno. O complexo de Édipo é revivido e há uma necessidade crescente de fantasiar com a fecundação do pai. Entrando na adultícia, a jovem mulher procura intimidade com um novo objecto permanente, e não está preparada para um novo relacionamento triangular. Após a descoberta de que os parceiros não podem ser pai e mãe um do outro, há uma desilusão parcial e uma renovação da procura de intimidade ideal, fazendo planos para ter um filho (Kestenberg, 1982).

Estudos recentes

No decorrer da pesquisa bibliográfica para o presente trabalho, não foram encontrados estudos recentes em número significativo sobre a temática abordada, porém, serão apresentados dois trabalhos que se considera importantes, uma vez que as suas conclusões vão ao encontro das conclusões encontradas nesta investigação.

A monografia de Moreira (1989), tem por objectivo a análise de imagos parentais em crianças do período de latência, consideradas agressivas, tendo utilizado como técnica a versão animal do CAT. A sua amostra é constituída por 10 sujeitos agressivos (4 rapazes e 6 raparigas) e 9 sujeitos não agressivos (5 rapazes e 4 raparigas). A autora chegou à conclusão de que se as imagos parentais são consideradas ameaçadoras, estas crianças tendem a viver relações com os outros como sendo igualmente ameaçadoras, uma vez que as imagos determinam a forma como é apreendida a realidade, o que desencadeia a agressividade. Logo, as crianças consideradas “agressivas” contêm um tipo de imagos parentais, próprio de fases prévias do desenvolvimento, o que vem realçar as dificuldades destas crianças, tanto ao nível do processo de socialização, como ao nível das suas relações com o mundo exterior.

Na dissertação de mestrado de Silva (1999), é apresentado um estudo cujo objectivo é exemplificar através do processo resposta Rorschach, como no processo adolescente o pensamento depende da estrutura psíquica do materno e do feminino. A amostra do estudo é constituída por dois sujeitos adolescentes (raparigas), na fase da pré-adolescência e da adolescência propriamente dita. A autora chegou à conclusão de que a partir da situação Rorschach, se pode observar como no adolescente se encontram reactivadas as experiências emocionais mais primitivas, alusivas às relações do materno e do feminino, e como é que o sujeito teve a capacidade de se estruturar face a estas reactualizações, dando conta da forma como utiliza o pensamento, como se organiza no interior do seu espaço psíquico, de modo a proceder a novas integrações, transformações, criações e vinculações.

Assim, o materno e o feminino, constituem-se como os primeiros espaços psíquicos internos, que se formam, e organizam a partir da relação objectal primária bebé/mãe, e das primeiras experiências sensoriais e emocionais. Através do desenvolvimento destas experiências

emocionais, é possível a projecção da função contentora da “rêverie” materna, que é capaz de conter, integrar, e articular os elementos clivados e não integrados, em elementos utilizáveis para o sonho e para o pensamento, desenvolvendo assim, o processo de formação de símbolos, que comprova a existência de um aparelho de pensar pensamentos e a actividade do pensar.

Na adolescência há a necessidade de adquirir uma identidade, distinta da adquirida pelo bebé e pela criança na relação pré-genital, uma vez que se trata de adquirir uma identidade sexual definitiva e estável. Neste período, há uma última alternativa do sujeito integrar e elaborar a bissexualidade psíquica e optar por uma orientação sexual definitiva. Na adolescência, assim como, na relação objectal primária, há o desejo de reconhecer e ser reconhecido pelo Outro numa relação continente/conteúdo, materno/feminino, atribuidora de significados à experiência emocional entre ambas vivenciada, criando e descobrindo um novo objecto concebido na relação mais primária.

O adolescente com o seu corpo sexuado liberta-se da dependência narcísica das imagos idealizadas da infância, desinveste libidinalmente as imagos parentais e passa a investir em novos objectos, deparando-se com uma dialéctica entre a autonomia e a dependência. Por um lado, deseja libertar-se das figuras parentais mas, por outro, depende ainda delas, uma vez que estas se oferecem como modelos com quem se deseja identificar, para a consolidação dos seus processos de identificação e de aquisição de uma identidade estável. Quer a adolescência, como a situação Rorschach, são caracterizadas pela necessidade de integrar a bissexualidade psíquica, identificar-se projectivamente às imagos parentais face ao casal parental combinado, tornando possível a identificação ao pai que se encontra no interior da mãe. A integração da ideia de que no interior da mãe, existe um pénis (bebé) que é detentor do conhecimento e do saber, possibilita ao adolescente identificar-se ora à mãe na posição feminina, ora ao falo paterno na posição masculina.

QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

De acordo com Klein (1927), a imago materna é formada durante a infância, através da relação entre a mãe e o bebé. O objecto externo, neste caso a mãe, é apreendido de acordo com as suas características reais, sofrendo depois uma alteração, e sendo transformado em imago, voltando posteriormente a aproximar-se dos objectos exteriores reais. Durante o período de latência e na pré-adolescência, há uma regressão às imagos da infância, ou seja, imagos rígidas e inflexíveis (Blos 1962 e 1966). Segundo Blos (1967) a representação do objecto parental deriva da mesma pessoa, mas é modificada consoante as diferentes fases do desenvolvimento. Este facto tende a confundir a relação da adolescente com a sua mãe, que é experienciada parcialmente ou completamente como a imago materna da infância.

Por outro lado, Knobel (1981) refere que a identidade adolescente é caracterizada pela transformação da relação do indivíduo com os seus pais, quer externos e reais, quer com os pais internalizados. Quando as figuras parentais estão internalizadas, o adolescente pode começar o seu processo de individuação. Pode-se observar, que segundo os processos de mudança, que ocorrem na pré-adolescência e na adolescência, especificamente a reemergência das pulsões, a maturação sexual e psico-afectiva, e a desvinculação da imago materna, o que poderá conduzir a um sentimento de perda e à procura de novos objectos de amor em relações extrafamiliares, há uma remodelação das estruturas internas.

De acordo com Klocars e Sirola (2001), a procura de novos objectos em relações extrafamiliares, conduz o indivíduo a novos objectos de identificação. No caso da rapariga, essa identificação a outras mulheres irá permitir o alargamento das suas fantasias de mulher, da feminilidade e também da maternidade, ou seja, já se pode diferenciar da mãe tornando-se autónoma.

Após o que foi anteriormente referido, nomeadamente, que na pré-adolescência e na adolescência se observam grandes transformações internas e externas, que há uma reestruturação das imagos parentais, uma desvinculação face a estas, e uma tentativa de autonomização, escolheu-se sujeitos de 12, 13 e 14 anos, para se observar como essas transformações são realizadas e se existem diferenças entre os sujeitos de diferentes idades.

No sentido de melhor compreender os processos de transformação e de identificação e de colmatar algumas lacunas encontradas na literatura acerca desta temática, pode-se formular as seguintes questões:

- a) Será que os processos de transformação na imago materna, se diferenciam entre pré-adolescentes e adolescentes?
- b) Será que os processos de identificação à imago materna, se diferenciam entre pré-adolescentes e adolescentes?
- c) Será que a existe a fantasia da maternidade, a partir da identificação à mãe, em pré-adolescentes e adolescentes?

MÉTODOS

1. Participantes

Foi utilizada uma amostra de quarenta e duas (42) pré-adolescentes e adolescentes, com idades compreendidas entre os doze (12) e os catorze (14) anos, que frequentavam o ensino básico entre o 7º e o 9º ano de escolaridade, em duas escolas públicas da área da grande Lisboa. A amostra foi obtida através de uma amostragem por conveniência que decorreu no fim do ano lectivo 2006/2007 e início do ano lectivo 2007/2008.

As participantes no estudo foram testadas em instituições de ensino público que servem a zona da Grande Lisboa. As escolas abrangem alunos do 2º ciclo, 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário. Os pais e encarregados de educação dos alunos das escolas são na sua maioria de estatuto cultural e social médio e médio baixo.

Foram constituídos três grupos de raparigas de 12 anos (n=14), 13 anos (n=14), 14 anos (n=14).

2. Instrumento

Este estudo tem como instrumento o *Teste de Apercepção Temática* (T.A.T.), tendo sido apenas utilizado o cartão 7GF (Anexo A). O objectivo, foi explorar as transformações que ocorrem na imago materna, como esta é percebida, se há a fantasia de serem mães no futuro e se se identificam com o modelo materno, aos doze, treze e catorze anos.

De modo, específico pode-se definir o T.A.T. enquanto *Teste de Apercepção*, i.e., o sentido que o sujeito vai dar a estas percepções das imagens é função sobretudo da memória afectiva de situações anteriores semelhantes passadas por ele, *Temática*, ou seja, o material é figurativo, representa seres sós ou em relação ou paisagens pouco estruturadas, cada uma destas imagens reenvia para um tema (Shentoub, 1999).

O processo T.A.T. implica um conjunto de mecanismos mentais envolvidos nessa situação única em que é pedido ao sujeito para imaginar uma história a partir de um dado cartão. A situação T.A.T. concebe três parâmetros (Shentoub, 1999):

- O material (constituído pelos cartões)
- A instrução («imagine uma história a partir do cartão»)
- A presença do clínico (a dualidade do seu papel: por um lado, a neutralidade deste e simultaneamente, por outro lado, é ele que impõe o material e instrução e transcreve as respostas do sujeito).

O cartão que será utilizado para avaliar como é percebida a imago materna é o *7GF*. Este cartão apresenta, como material manifesto uma mulher, com um livro na mão, debruçada para uma menina que segura um boneco/bebé nos braços. Verifica-se uma diferença de gerações que é acentuada pela presença do boneco. A posição da menina é caracterizada pela imaturidade funcional (Shentoub, 1999).

No que se refere às solicitações latentes, segundo Shentoub (1999), este cartão pode reactivar a problemática das relações mãe-filha na sua dimensão dupla: quer de rivalidade e de identificação, quer de interacções precoces mãe-criança. Inserida num contexto edipiano, esta imagem pode levar a temas de iniciação que direccionam para a identificação feminina. Uma outra dimensão, para além da prova identificatória, é a presença de um boneco nos braços da menina, esse boneco pode ser investido como “representante do bebé edipiano”. Contudo, é a qualidade dos laços entre mãe-filha que é solicitada e que se traduz pelo modo como a criança agarra o boneco. Esta reactivação das relações precoces mãe-filha compele a movimentos de projecção e deslocamento sobre a relação entre a menina e o bebé/boneco.

A utilização do cartão *7GF*, deve-se ao facto de, ser possível reactivar através da projecção, três movimentos interligados: o modo como o sujeito percebe a sua imago materna, a possível identificação a esta, e a fantasia de ser mãe. A cotação foi efectuada através da análise das respostas dadas no cartão *7 GF* (Anexo D), da codificação dos procedimentos empregues pelo sujeito, e da problemática e conseqüente reagrupamento dos procedimentos na folha de decomposição. De seguida, analisou-se cada resposta dada, no interior de cada grupo etário, o que permitiu encontrar alguns subgrupos consoante as problemáticas que haviam sido elaboradas, ou seja, a partir do modo como os sujeitos perceberam a rapariga

e a sua relação com o personagem bebé/boneco e a personagem que representa a figura materna.

Utilizou-se três indicadores: *a maternidade*, em que os sujeitos perceberam a rapariga enquanto mãe, e a rapariga enquanto substituta materna; *o bebé/boneco*, em que os sujeitos escotomizam este personagem, o percebem enquanto boneco, ou enquanto bebé; e *a relação mãe/filha e imago materna*, em que os sujeitos escotomizam a mãe, elaboram uma relação de conflito entre ambas, e a relação de identificação. Finalmente, comparou-se os resultados, e posteriormente fez-se uma análise comparativa global entre os três grupos e seus subgrupos, obtendo-se as conclusões gerais.

3. Procedimento

Procedeu-se ao contacto com as escolas, em que foi entregue pessoalmente uma carta de consentimento (Anexo B), explicando-se aos responsáveis qual era o teor e o conteúdo do estudo para que as participantes, no momento de realização do teste, tivessem conhecimento do que iria ocorrer e voluntariamente participassem, ou não, no estudo, garantindo sempre a confidencialidade dos dados.

Procedeu-se à distribuição entre as alunas nas condições requeridas pelo estudo, de uma declaração de consentimento informado (anexo C) a ser devolvida pelos encarregados de educação. O teste foi aplicado no Serviço de Orientação e Psicologia (S.P.O.) e em sala de aula, a um indivíduo de cada vez. Durante a aplicação do teste estava apenas presente o investigador e o sujeito, não tendo existido qualquer tipo de interrupção.

Apresentação e Discussão de Resultados

1. Agrupamento e análise das respostas dos sujeitos de 12 anos em subgrupos

As respostas dos sujeitos de 12 anos foram reunidas em três subgrupos, segundo as problemáticas elaboradas, as quais já foram descritas anteriormente.

1 – A relação mãe/filha e imago materna

a) Escotomia

Nenhum sujeito de 12 anos elaborou a escotomia da figura materna.

b) Conflito

Observam-se, na generalidade das respostas destes sujeitos, três tipos de conflito que são projectados na rapariga em relação à figura materna; a si própria; e ao bebé/boneco. Esses conflitos são: o conflito edipiano, como no caso do sujeito 101, em que a rapariga após o acesso à sexualidade e à maternidade, faz uma regressão devido aos sentimentos de culpa por ter acedido à sexualidade, e por reconhecer a sua imaturidade, procura o apoio da mãe ou dos pais, mas esta/estes, ou a rejeitam, ou apenas a aceitam se ela não mantiver uma sexualidade adulta, acabando por encontrar apoio na mãe ideal; o conflito intrapsíquico entre a autonomia e a dependência, como no caso dos sujeitos 102, 103, e 114, em que a rapariga após aceder à maternidade, se sente imatura e incapaz de desempenhar a função materna, hesita entre assumir o papel adulto ou regredir, optando por este último mantendo-se no papel de filha, delegando na mãe a função materna.

Por um lado, a rapariga permanece no papel de filha porque é o papel ao qual já está habituada, por outro lado, devido à sua imaturidade, poderá pensar que não é capaz de ser uma boa mãe, como a sua própria mãe, e por se sentir culpada ao ter ocupado o lugar desta, prefere delegar-lhe essa função. Todavia, há uma excepção, no caso dos sujeitos 108 e 112,

em que a rapariga assume a sua função materna; Por fim, há o conflito devido à rivalidade fraterna, como é o caso dos sujeitos 106, 107, 109, 110 e 111, em que a rapariga rivaliza com o bebé, sendo este seu irmão ou irmã, por achar que este(a) lhe usurpou o seu lugar na relação com a mãe, e também que a própria mãe a traiu, uma vez que teve outro filho, que está a ocupar o seu lugar, e por a obrigar a substituí-la nos cuidados maternos, retirando-lhe assim, a sua infância.

c) Relação de identificação

Observam-se, de uma forma geral, cinco tipos de identificação da rapariga à mãe. A identificação da rapariga à mãe edipiana, por exemplo o sujeito 101, em que apesar de haver tal identificação, a rapariga regride para a mãe ideal, ou seja, para a mãe que não é sexualizada e que aceita a maternidade da filha incondicionalmente. A rapariga que após aceder à maternidade, se sente imatura e culpada, identificando-se à mãe neste papel, delegando-o nesta, por achar que é incapaz de ser uma boa mãe, como a sua própria mãe. Deste modo, faz uma regressão e mantém-se enquanto filha, como é o caso dos sujeitos 102, 103 e 114. Porém, há uma exceção no caso dos sujeitos 108 e 112, em que a rapariga assume a função materna, identificando-se com a mãe.

Os sujeitos 106, 110 e 111, que perceberam a rapariga enquanto substituta materna contrafeita, em relação ao irmão ou irmã, sendo obrigada a identificar-se à mãe para a substituir. Os sujeitos 107, 109 e 113, em que a rapariga se identifica à mãe, porém, permanece no papel de filha, rivalizando com o irmão ou irmã pela atenção da mãe. Finalmente o sujeito 105, que percebeu o bebé/boneco enquanto boneca, e o sujeito 104 que escotomizou este personagem, elaboraram as histórias mais regressivas uma vez que, a rapariga ainda não se consegue assumir enquanto mãe, mantendo-se apenas enquanto menina, infantil e dependente da mãe, numa relação dual.

2 - A maternidade

a) A rapariga enquanto mãe

Os sujeitos 101, 102, 103, 108, 112 e 114 perceberam a rapariga, enquanto mãe. De um

modo geral, a rapariga acedia à sexualidade e à maternidade, que era vivenciada com sentimentos de culpa, havendo o reconhecimento da sua imaturidade, o que conduz a uma regressão (com exceção na resposta dos sujeitos 108 e 112, em que a rapariga se assume como mãe), procurando o apoio da mãe e mantendo-se na sua posição de filha delegando ou partilhando a função materna com a mãe ou com o seu equivalente simbólico (“vizinha”, “empregada”, “senhora”).

b) A rapariga enquanto substituta materna

Os sujeitos 106, 110 e 111 centraram as suas histórias em torno da rapariga enquanto substituta materna, havendo, porém, uma diferença. Enquanto nas histórias dos sujeitos 106 e 110 a rapariga desempenha essa função contrafeita, porque é “obrigada” a assumir esse papel devido à negligência ou abandono da mãe, revelando, assim, a sua imaturidade. No caso do sujeito 111, tal não acontece, porque a rapariga deseja assumir esse papel, ou seja, substituir a mãe nos cuidados maternos. Observa-se assim, a fantasia de ser mãe, e a identificação ao modelo materno. Contudo, a rapariga só desempenha tal função na ausência da mãe, uma vez que a figura materna é denominada “avó”, de modo a evitar um possível conflito.

3 - O bebé/boneco

a) Escotomia

O sujeito 104 centra a sua história na relação entre a mãe e a rapariga, escotomizando o bebé/boneco. Esta escotomia deve-se, à grande culpabilidade e à imaturidade da rapariga, em percepcionar o bebé enquanto filho ou enquanto irmão, porque em qualquer dos casos teria de abandonar a sua posição infantil e a relação dual com a mãe. Poder-se-á pensar, que caso percepcionasse este personagem como um bebé, tal lhe despertaria fantasias insuportáveis, necessitando por isso, de recusar a realidade.

b) Boneco

O sujeito 105 percepciona o bebé/boneco enquanto uma “boneca”, deste modo, desvitaliza este personagem e reforça a imaturidade e infantilidade da rapariga. A rapariga ainda é

imatura para assumir a função materna, não se identifica com a mãe, e deseja manter-se enquanto criança.

c) Bebé

Os sujeitos que perceberam a rapariga enquanto mãe, nomeadamente os sujeitos 101, 102, 102, 108, 112 e 114, caracterizam o bebé enquanto um obstáculo em relação aos projectos e desejos que a rapariga tinha para o seu futuro. A maternidade é vivenciada com sentimentos de culpa e de imaturidade, o que leva a rapariga a não assumir a sua função materna, delegando os cuidados do bebé na própria mãe, com a excepção dos sujeitos 108 e 112. Os sujeitos 107, 109 e 113 centraram as suas histórias na rivalidade fraterna, havendo inclusive manifestações de agressividade face a este, por parte da rapariga, nas histórias dos sujeitos 107 e 109. De um modo geral, a rapariga sente ciúmes e rivalidade em relação ao bebé (que neste caso é o irmão ou irmã), porque este lhe usurpou o seu lugar face à mãe. No caso do sujeito 113, há a negligência e rejeição da mãe para com a rapariga, uma vez que apenas dá atenção ao bebé, fomentando assim, a rivalidade. Os sujeitos que perceberam a rapariga enquanto substituta materna também, manifestam essa rivalidade face ao bebé, sobretudo no caso dos sujeitos 110 e 111, em que a rapariga é obrigada a cuidar do irmão. O bebé é percebido como rival, que lhe roubou a infância e como um obstáculo porque está no meio da relação com a mãe.

Conclusões

Pode-se observar, através das respostas dadas pelos sujeitos de 12 anos que, de uma forma geral, se evidenciam dois movimentos distintos. Por um lado, quatro sujeitos (106, 107, 109, 113) elaboraram o conflito colocando a rapariga numa posição de rivalidade fraterna em torno da mãe. Colocam a rapariga na posição de filha, muito dependente da mãe, procurando obter a sua total atenção, dedicação e amor, mas devido ao facto de terem um(a) irmão/irmã mais novo(a), tal atenção é partilhada com o bebé. O facto de a mãe ter tido um outro(a) filho/filha, leva-a a zangar-se com esta, e a perceber o bebé enquanto um intruso, que lhe usurpou o seu lugar, e enquanto um obstáculo, porque está no meio da relação dela com a mãe. De certa forma, sente-se traída pela própria mãe, porque teve outro filho, e também, porque este lhe

veio roubar a infância, porque, por vezes, tem de substituir a mãe nos cuidados maternos. Deste modo, há uma rivalidade fraterna, acentuada nos dois casos de agressão directa, enquanto que nos restantes casos é mais dissimulada.

Num outro movimento, mais evoluído, seis sujeitos (101, 102, 103, 108, 112, 114) conseguem perceber a rapariga enquanto mãe, ou seja, há a tentativa de assumir o papel materno mas esta regride ao papel de filha, imatura, infantil e dependente devido à intensa culpabilidade sentida face à mãe (com excepção nos sujeitos 108 e 112). Ainda não consegue elaborar o luto da imago materna, individuar-se e autonomizar-se, porque receia o conflito com a mãe, e as consequentes mudanças na relação, optando por permanecer na função à qual já está habituada e na qual se sente segura. Progredir obriga a uma separação e a uma maior autonomização para a qual a rapariga ainda não se encontra totalmente preparada, necessitando do apoio que a mãe lhe fornece. Não existe na grande maioria dos sujeitos, a capacidade de assumir a função materna, delegando ou partilhando tal função com a mãe ou equivalente simbólico (“vizinha”, “empregada”, “senhora”), mantendo-se infantil e dependente desta, ou seja, mantém-se enquanto filha.

Estes dois movimentos contextualizam-se, na idade em que os sujeitos se encontram, em que há o despertar da sexualidade, acompanhado por sentimentos de culpa, assim como, o facto de os sujeitos ainda estarem ligados ao período edipiano, não havendo uma identificação à mãe uma vez que necessitam desta enquanto figura de suporte. Porém, as histórias em que a rapariga agride o bebé para atingir a mãe, revelam que os sujeitos ainda estão numa fase mais regressiva, pretendendo destruir os bons objectos internos da mãe devido à inveja que sentem face aos mesmos.

2. Agrupamento e análise das respostas dos sujeitos de 13 anos em subgrupos

1 – A relação mãe/filha e imago materna

a) Escotomia

O sujeito 123 escotomizou a figura materna, tal facto poderá justificar-se, devido à grande ansiedade sentida pelo sujeito face ao cartão, que terá recordado uma história, que não é muito elaborada. Observa-se um choque em relação à imagem, do qual não se consegue recompor e a recusa da função materna face à precocidade do acesso à maternidade. O facto de ser “ (...) uma criança que teve outra criança” suscita para além da angústia, também sentimentos de culpabilidade, imaturidade e infantilidade, assim como, uma grande ambivalência ao tentar dar dois finais diferentes, mas expressando apenas o final negativo. Este acesso prematuro à maternidade, é vivenciado como um choque abrupto no desenvolvimento, que obriga a personagem a perder a sua inocência e a sua infância, para adoptar um papel adulto. Se a personagem escotomizada fosse referida e designada mãe, poderia haver um conflito entre as personagens e aumentaria o sentimento de culpa. Porém, essa mesma escotomia poderá ser reveladora de uma imago materna má ou insuficiente, que não possui capacidade de contenção e compreensão, não havendo assim, a procura de auxílio.

b) Conflito

Em relação aos sujeitos 122, 124, 126 e 127 que perceberam a rapariga enquanto mãe, o conflito que é manifestado nas respectivas histórias é intrapsíquico, ou seja, a rapariga face à sua maternidade precoce sente-se culpada, imatura e incapaz de assumir totalmente a função materna, necessitando do apoio da mãe ou dos pais. Nas histórias destes sujeitos (com excepção do sujeito 122) há também, uma tentativa de não elaborar a maternidade da rapariga, não a manifestando inicialmente ou fazendo uma recusa da mesma. Os sujeitos 122, 124 e 127 revelam uma ambivalência, no primeiro caso, entre a fantasia de ser mãe e a realidade de tal ter acontecido precocemente, no sujeito 124 ao colocar inicialmente a rapariga enquanto irmã do bebé e depois enquanto mãe, assim como, no sujeito 127 que coloca o bebé primeiramente, enquanto irmã e depois enquanto filha da rapariga. Deste modo, nenhuma rapariga se assume verdadeiramente enquanto mãe, delegando ao papel materno na sua mãe, embora, o sujeito 124 revele o desejo de a rapariga aprender a ser mãe.

Os sujeitos que perceberam a rapariga enquanto substituta materna, elaboraram três tipos de conflitos, nomeadamente, o conflito entre a rapariga e a mãe, como no caso dos sujeitos 129 e 132, em que a rapariga é obrigada a substituir a mãe nos cuidados à irmã, devido à ausência desta, tendo assim de abdicar da sua infância para suprir as dificuldades da mãe; o

conflito intrapsíquico da rapariga, nas histórias dos sujeitos 130 e 131, devido ao reconhecimento da imaturidade para cuidar do irmão; e a ausência de conflito, como no caso dos sujeitos 128 e 134, em que a rapariga cuida do bebé, com o consentimento da mãe, ou seja, está a aprender a desempenhar a função materna. Os sujeitos 121 e 125 percepcionaram o bebé/boneco enquanto boneco, porém, enquanto o sujeito 121 não elabora um conflito, o sujeito 125 fá-lo, sendo o conflito entre mãe e filha motivado por uma tentativa de fuga da rapariga ao controle materno.

c) Relação de identificação

Relativamente aos sujeitos que percepcionaram a rapariga enquanto mãe, observam-se as seguintes semelhanças: na história do sujeito 122 e 127 a rapariga ao aceder à maternidade, reconhece a sua imaturidade e procura o apoio da mãe, que no caso do sujeito 127 é denominada por “empregada”. A figura materna é considerada boa, mas insuficiente, e com a qual a rapariga não se identifica. Por sua vez, os sujeitos 124 e 126, percepcionaram a mãe enquanto boa e contentora, sendo objecto de identificação por parte da rapariga, de modo a aprender a desempenhar a função materna. Em relação aos sujeitos que percepcionaram a rapariga enquanto substituta materna, verifica-se que quer na história do sujeito 128, como na do sujeito 134, a rapariga se identifica com a mãe, e tem a fantasia de ser mãe no futuro. Todavia, enquanto o sujeito 128, elabora uma história um pouco mais “madura”, havendo a fantasia de a rapariga substituir a sua mãe e de ser mãe no futuro, o sujeito 134, apresenta uma história muito regressiva e edipiana, querendo manter a todo o custo o vínculo que tem com a mãe, não se antecipando a individuação da rapariga.

Nas histórias dos sujeitos 129 e 130, a rapariga não se identifica com a mãe, sendo esta percepcionada enquanto uma má mãe, negligente e ausente, sendo obrigada a substituí-la, embora o seu desejo seja permanecer infantil. No caso dos sujeitos 131 e 132 a rapariga identifica-se à mãe mas obrigada, uma vez que tem de cuidar do(a) irmão/irmã contrafeita, devido à ausência da mãe. No caso dos sujeitos 121 e 125, que percepcionaram a rapariga enquanto filha, que brinca com o seu boneco, em ambos os casos a mãe tenta impor a sua vontade em relação à filha, todavia, esta deseja manter-se infantil. Deste modo, a mãe é percepcionada como insuficiente e com a qual a rapariga se identifica contrariada, embora a fantasia de ser mãe possa estar latente no facto de brincar com o boneco, ainda é uma fantasia muito edipiana. O sujeito 123 escotomiza a figura materna, de modo a evitar a um possível

conflito entre as personagens, o que aumentaria o sentimento de culpabilidade. Contudo, essa mesma escotomia poderá revelar uma má imago materna ou insuficiente, que não possui uma capacidade de contenção e compreensão. Finalmente o sujeito 133, escotomiza o bebé/boneco, experiencia a imago materna enquanto insuficiente, e incapaz de a conter, ao transmitir-lhe um vínculo desadequado e infantil.

2 - A maternidade

a) A rapariga enquanto mãe

Em relação aos sujeitos 122, 124, 126, e 127, que elaboraram o conflito tendo percepcionado a rapariga enquanto mãe, têm em comum, o facto de a maternidade ser vivenciada com sentimentos de culpa e de imaturidade, tendo as personagens regredido ao papel de filha. Contudo, observam-se nas respostas destes quatro sujeitos, dois movimentos diferentes, por um lado, há um movimento mais infantil e regressivo, porque apesar de a rapariga aceder à sexualidade e à maternidade, não consegue assumir a sua função materna, delegando tal função na mãe. Deste modo, a rapariga mantém-se enquanto filha, infantil e imatura, adiando o papel materno. Por outro lado, nas histórias dos sujeitos 122 e 124, embora a rapariga reconheça a sua imaturidade, há a preocupação em aprender a desempenhar a função materna. Na maioria há o desejo latente de ser mãe mas apenas no futuro, o facto de tal acontecer de momento conduz a esta ambivalência e à delegação ou partilha da função materna com a mãe.

b) A rapariga enquanto substituta materna

Observa-se dois movimentos distintos, por um lado, os sujeitos 129, 130, 131 e 132 têm em comum o facto de a rapariga desempenhar o papel de substituta materna contrafeita, ou seja, é percepcionada enquanto imatura e infantil, que se vê obrigada a tomar conta do bebé, e por consequência tem de abdicar da sua infância para assumir um papel adulto, materno e contentor, papel esse para o qual não ainda não está preparada, e o qual não desejava assumir. Por outro lado, nas respostas dos sujeitos 128 e 134, a rapariga desempenha o papel de substituta materna na presença da mãe e tem esse desejo de aprender a cuidar do bebé. Embora no caso do sujeito 134 a rapariga mantenha uma relação com a mãe ainda muito edipiana, como se se tratasse de um casal homossexual.

3 - O bebé/boneco

a) Escotomia

O sujeito 133 escotomizou o bebé/boneco, contudo, faz um pedido de ajuda ao clínico no início da sua resposta, de modo a confirmar se se trataria de um bebé real ou de um boneco, mas depois não o refere na sua história, de modo manifesto. O bebé/boneco encontra-se, porém, de modo latente na história, uma vez que a “menina” aborda o sentimento depressivo e vivencia um conflito intrapsíquico que não é revelado, e para se conseguir conter “ (...) se agarra às suas coisas mais valiosas (...)”. Essa riqueza à qual se agarra pode ser, por um lado, o boneco, que representaria o objecto transitivo infantil, mantendo-se no papel de filha, infantilizada e, por outro lado, o bebé real, seu filho que representaria um prolongamento de si ou de um bom objecto de amor. O facto de a mãe tentar conter a “menina” através de uma história, e esta recusar ouvi-la por não ser o vínculo adequado, poderá revelar que de facto, o bebé/boneco é percebido enquanto filho, sendo o conflito existente devido a essa maternidade precoce.

b) Boneco

Quer o sujeito 121, como o sujeito 125, elaboraram uma problemática semelhante, em que a figura materna está a transmitir ensinamentos à rapariga, que se mantém no papel de filha, que ignora tais ensinamentos preferindo brincar com o “boneco” ou “boneca”. A rapariga ainda se vê como uma criança revelando, assim, a sua infantilidade e imaturidade, evitando crescer e ouvir os conselhos da mãe. Todavia, enquanto na história do sujeito 121 a rapariga não está a dar atenção ao que a mãe relata, continuando a brincar, tal não conduz a um conflito, na história do sujeito 125 conduz, uma vez que a rapariga rejeita o controle materno, tendo de se afastar fisicamente da mãe.

c) Bebé

Os sujeitos que elaboraram a problemática sendo a rapariga mãe, percebem o bebé enquanto um obstáculo, obrigando a rapariga a crescer e a adoptar um papel adulto, chegando

o bebé a ser rejeitado em alguns casos. Com excepção dos sujeitos 122 e 124 que embora reconheçam a sua imaturidade, desejam aprender a desempenhar o papel materno, os restantes sujeitos não assumem completamente esse papel delegando tal tarefa na mãe. Porém, existem algumas ambivalências face a este personagem, nomeadamente, no caso do sujeito 124 ao colocar inicialmente a rapariga enquanto irmã do bebé e depois enquanto mãe, o sujeito 127 que coloca o bebé primeiramente, enquanto irmã e depois enquanto filha da rapariga e o sujeito 129 em que o bebé passa de filha para irmã da rapariga. Esta ambivalência dos sujeitos em colocar a personagem com quem se identificam, enquanto mãe ou irmã do bebé, poderá dever-se, por um lado, ao facto de os próprios sujeitos ainda se estarem a descobrir a si próprios, e por outro, enquanto na infância os desejos incestuosos não podiam ser realizáveis, agora ao treze anos tal pode ser possível, ou seja, o seu desenvolvimento físico permite não só o acesso à sexualidade, como também, à maternidade.

Os sujeitos que elaboraram a problemática, em que a rapariga desempenha o papel de substituta materna, percebem o bebé através de dois movimentos diferentes: nas histórias dos sujeitos 129, 130, 131 e 132 a rapariga desempenha esse papel contrafeita, percebe o bebé enquanto irmão ou irmã, sentindo a necessidade ou vendo-se obrigada a cuidar dele, devido à negligência, ou ausência da mãe. Por sua vez, nas histórias dos sujeitos 128 e 134, a rapariga cuida do bebé na presença da mãe, com o seu consentimento, de modo a aprender a desempenhar tal papel. Finalmente o sujeito 123 escotomizou a figura materna, tendo colocado a rapariga enquanto mãe do bebé, sendo ela ainda muito infantil ao denominar estes personagens como “ (...) uma criança que teve outra criança”, colocando ambos os personagens com uma diferença de idades muito reduzida, o que provoca o choque no sujeito. O sujeito 133 escotomizou o bebé/boneco, assim, a rapariga mantém-se infantil e evita o conflito com a mãe.

Conclusões

De um modo geral, as respostas dadas pelos sujeitos de 13 anos, revelam alguns movimentos distintos. Os sujeitos que perceberam a rapariga enquanto substituta materna, apresentam dois movimentos diferentes, por um lado, nas histórias dos sujeitos 129, 130, 131 e 132, a rapariga substitui a mãe nos cuidados ao irmão/irmã contrafeita, tendo de abdicar da sua

infância precocemente para assumir um papel adulto. Por outro lado, no caso dos sujeitos 128 e 134, a rapariga desempenha esse papel na presença da mãe, havendo o desejo de aprender a cuidar do bebé. São dadas duas escotomias, uma do bebé/boneco, em que a rapariga se mantém como filha, não havendo de momento o desejo de desempenhar a função materna, e a escotomia da figura materna, porque só retirando a mãe é que a rapariga pode assumir a maternidade.

No caso dos sujeitos que perceberam a rapariga enquanto mãe, a maternidade é vivenciada com sentimentos de culpa e de imaturidade, o que conduz à regressão desta ao papel de filha. Há uma tentativa de não elaborar a maternidade (com a excepção do sujeito 122), assim como, uma grande ambivalência entre colocar o bebé enquanto filho ou irmão da rapariga. Todavia, evidenciam-se dois movimentos, por um lado, no caso dos sujeitos 126 e 127, há um movimento regressivo porque a rapariga se mantém no papel de filha, delegando na mãe a função materna. Por outro lado, no caso dos sujeitos 122 e 124, embora a rapariga reconheça a sua imaturidade há o desejo de aprender com a mãe a desempenhar a função materna.

Nesta faixa etária, salienta-se a grande ambivalência que é dada em relação a colocar a rapariga enquanto mãe ou irmã do bebé, existe assim um movimento regressivo e progressivo constante, que se poderá dever ao facto de, na sua maioria, os sujeitos estarem fisiologicamente aptos para consumir uma relação sexual adulta, da qual poderia advir a maternidade. Face à real possibilidade de tal acontecer, e devido a identificarem-se com a rapariga, que na generalidade dos sujeitos, é percebida enquanto adolescente hesitam em colocar tal personagem enquanto mãe, devido quer à culpabilidade quer ao reconhecimento da imaturidade e incapacidade em desempenhar o papel materno.

3. Agrupamento e análise das respostas dos sujeitos de 14 anos em subgrupos

1 – A relação mãe/filha e imago materna

a) Escotomia

O sujeito 141 escotomiza a rapariga, manifestando unicamente a relação mãe/filho, o que se poderá dever ao facto de o bebé ser percepcionado enquanto filho dessa personagem, obrigando-a a crescer e a ocupar um papel adulto, para o qual ainda não está preparada. Ou enquanto irmão, de quem poderia ter de cuidar, substituindo a mãe, o que a levaria também a crescer e a abandonar precocemente a sua infância e a estreita ligação com a mãe, pois, este iria ocupar o seu lugar.

b) Conflito

Em relação aos sujeitos que percepcionaram a rapariga enquanto mãe, observa-se dois tipos de conflito. Por um lado, o conflito intrapsíquico, como no caso dos sujeitos 144, 147, 151 e 152, em que a maternidade é vivenciada com sentimentos de culpa, de arrependimento, de imaturidade e alguma incapacidade em assumir o papel materno. Por outro lado, os sujeitos 149 e 150, que elaboraram um conflito entre a rapariga e a mãe. No caso do sujeito 149 a mãe não queria que a filha se tornasse autónoma, ou seja, a mãe é uma força de bloqueio que não a deixa evoluir, e o sujeito 150, o conflito deve-se ao facto de a rapariga se assumir como mãe, rejeitando identificar-se com a própria mãe. Os sujeitos 145 e 146 que percepcionaram a rapariga enquanto substituta materna, não elaboraram um conflito, uma vez que a problemática se centra na transmissão de conhecimentos maternos.

Os sujeitos 142, 143 e 154 não manifestam um conflito, embora no caso do sujeito 142, haja uma agressividade dirigida à “boneca”. O sujeito 141 escotomizou a rapariga, não sendo elaborado um conflito, apenas é expresso a relação entre a mãe e o bebé destituída de afecto. Os sujeitos 148 e 153 escotomizaram o bebé/boneco, em ambos os casos o conflito elaborado é intrapsíquico, porém, enquanto o sujeito 148, a rapariga hesita entre a autonomia e a dependência, o sujeito 153, por sua vez, expressa conflito intrapsíquico da rapariga, que é obrigada a lidar com a sua realidade, que a desilude e na qual é infeliz, não podendo viver na fantasia concedida através do imaginário materno.

c) Relação de identificação

Em relação aos sujeitos que percepcionaram a rapariga enquanto mãe, observam-se dois movimentos, por um lado, nas histórias dos sujeitos 144, 147, 149, 151 e 152, a rapariga

identifica-se com a mãe mas contrariadas (com a exceção do sujeito 147), por que não desejavam assumir o papel materno tão precocemente. Por outro lado, na história do sujeito 150 a rapariga não identifica com a mãe, porque a rapariga se assume como mãe numa relação especular, em que apenas ela sabe desempenhar a função materna. Os sujeitos 145 e 146 que elaboraram a história tendo a rapariga o papel de substituta materna, esta identifica-se à mãe, estando a prender com ela a cuidar do irmão/irmã. Relativamente, aos sujeitos 142, 143 e 154, que perceberam a rapariga mantendo-se no papel de filha, pode-se observar dois movimentos, no caso dos sujeitos 142 e 143 a rapariga identifica-se com a mãe devido à dependência face a esta e à sua imaturidade, enquanto que no caso do sujeito 154, a rapariga não se identifica com a mãe, uma vez que coloca ambas as personagens como mulheres adultas, se haver diferenciação de idades e sem ser estabelecida uma relação entre elas.

2 - A maternidade

a) A rapariga enquanto mãe

Relativamente aos sujeitos 144, 147, 149, 150, 151 e 152 que perceberam a rapariga enquanto mãe, de um modo geral, a maternidade foi vivenciada com sentimentos de culpa, arrependimento e tristeza, por se tratar de uma gravidez precoce. A rapariga reconhece a sua imaturidade, faz uma regressão ao procura o apoio da mãe (ou do seu equivalente simbólico), na qual delega ou partilha a função materna. Contudo, há algumas diferenças nomeadamente, na história do sujeito 150, a rapariga acede à maternidade assumindo-a plenamente, e estabelece com o bebé uma relação especular, na qual tanto a “empregada” como o “pai” do bebé são rejeitados. Desta forma, a rapariga assume-se como mulher adulta, mãe e contentora.

No caso do sujeito 151, a rapariga acede à maternidade, também é ainda imatura para assumir totalmente a função materna, tendo o apoio a mãe, com a qual partilha essa mesma função, mas devido a falta de recursos financeiros pondera dá-lo a alguém. É a mãe que a impede, sacrificando-se para manter a filha e o seu neto unidos, o que acontece. Deste modo, há uma espécie de triangulação constituída pela mãe, a filha e o neto, não havendo mais espaço para outros elementos. Finalmente o sujeito 152 elabora uma história em que a rapariga acede à maternidade, o que conduz a sentimentos de culpa, remorsos e a um estado de desorientação,

indo procurar a mãe, mas apenas enquanto último recurso. Porém, acaba por assumir a maternidade e fica com o “pai” do bebê.

b) A rapariga enquanto substituta materna

Os sujeitos 145 e 146 elaboraram a problemática tendo percepcionado a rapariga enquanto substituta materna. Os sujeitos baseiam a relação entre mãe e filha na transmissão dos ensinamentos maternos, estando a rapariga a substituir a mãe nos cuidados da irmã e do irmão, respectivamente, verificando-se uma identificação ao modelo materno. Porém enquanto a rapariga, na história do sujeito 145 ao dar um salto temporal, se assume enquanto mãe desempenhando tal função, a mesma personagem na resposta do sujeito 146, não consegue assumir tal papel, transmitindo apenas esses conhecimentos ao irmão. Outro aspecto importante é o facto de o sujeito 145, ter percepcionado o bebê enquanto irmã, o que poderia facilitar a identificação da rapariga com o papel materno, embora através de uma relação especular. No caso do sujeito 146, é atribuído um irmão, desta forma é dado um outro, diferente, ao qual o sujeito poderá não se identificar tão facilmente.

3 - O bebê/boneco

a) Escotomia

O sujeito 148 escotomiza o bebê, manifesta apenas a relação entre a “empregada” e a “rapariga”, estando a primeira a transmitir-lhe conhecimentos, experiências e valores, adequados à sua idade, mas esta prefere diferenciar-se desses ensinamentos, querendo experienciar ela própria, ou seja, rejeita o modelo materno para criar o seu próprio. Deste modo, há uma tentativa de fuga face ao domínio materno, na procura de individuação, contudo, essa mesma tentativa é adiada, logo permanece criança e ligada à mãe. O sujeito 153 relata uma história muito restritiva, regressiva e dependente. Salienta-se a dependência, imaturidade, infantilidade e incapacidade da rapariga, que permanece numa relação dual, da qual não consegue, e possivelmente não pretende se separar. A escotomia do bebê/boneco deve-se a essa dependência e à relação dual da rapariga, que quase se coloca no lugar do bebê, não havendo espaço para outros elementos.

b) Boneco

Os sujeitos 142, 143 e 154 perceberam o personagem bebé/boneco, enquanto um “boneco” ou uma “boneca”, assim, a rapariga mantém-se enquanto infantil, imatura e dependente da mãe (com excepção do sujeito 154). No caso do sujeito 142, a rapariga e mãe tinham comprado uma boneca que se parte, tendo a mãe relatado uma história à filha, que é baseada na própria filha, há assim uma relação especular, para a conter, sendo a mãe quem repara a boneca. A rapariga permanece ao longo da vida ligada à boneca, com se esta fosse o seu objecto transitivo, ou seja, permanece ligada ao bom objecto, em aceder à maternidade. Permanece sempre dependente da mãe ou do seu objecto.

O sujeito 143 elabora a história, estando a mãe a relatar uma história à filha baseada numa menina da idade desta, ou seja, está a ensinar a filha como comportar-se na sua idade, através de uma relação especular. Porém, a rapariga não lhe está a dar atenção preferindo brincar com os “bonecos/bonecas”, i.e., prefere manter-se infantil, adiando crescer, mas acaba por se submeter à vontade da mãe. Finalmente o sujeito 154 não faz distinção de idades entre as personagens, referindo tratar-se de “ (...) duas mulheres (...)”, dá o anonimato das personagens e faz uma telescopagem de papéis relativamente às mesmas, estando ambas alheadas, num estado narcísico, não havendo uma relação entre elas. O bebé/boneco é denominado de “boneca”, o que revela imaturidade e incapacidade para colocar as personagens enquanto mães, embora as caracterize como adultas.

c) Bebé

O sujeito 144 elabora uma história, tendo a rapariga acedido à maternidade, que é vivenciada com alguma tristeza, sendo neste momento um obstáculo em relação aos projectos que tinha planeado. O sujeito 147 começa por nomear a personagem de “Joana”, que inicialmente é descrita como filha, mas de seguida essa mesma personagem é descrita como sendo a mãe adolescente do bebé.

Conclusões

Na maioria das respostas dos sujeitos de 14 anos, pode-se verificar três movimentos diferentes. Por um lado, o movimento mais regressivo, em que os sujeitos 142 e 143 perceberam a rapariga enquanto filha, e o bebé/boneco enquanto “boneco” ou “boneca”. Deste modo, a rapariga mantém-se infantil, imatura e dependente da mãe, numa relação dual, não havendo de momento a fantasia da maternidade. O sujeito 154 não faz a distinção de idades entre as personagens, caracterizando-as como duas mulheres adultas, sem estabelecer alguma relação entre elas. Salienta-se nas respostas dos sujeitos, de uma forma geral, que a rapariga quando é colocada enquanto mãe, se identifica com a própria mãe contrariada, i.e., há o desejo de se diferenciar e de se autonomizar que não é concretizado devido à maternidade precoce, e à incapacidade desta em desempenhar tal função, por ser imatura. Todavia, quando a rapariga desempenha o papel de substituta materna, esse papel é aceite, há o desejo de aprender a cuidar do irmão para assumir essa função no futuro.

Por outro, os sujeitos 145 e 146 perceberam a rapariga enquanto substituta materna, baseiam a relação entre mãe e filha na transmissão de conhecimentos maternos, ou seja, a rapariga está a aprender a cuidar do irmão, não só para substituir a mãe nessa tarefa, como também, para se preparar para assumir essa função no futuro. Finalmente, os sujeitos 144, 147, 149, 150, 151, e 152 que perceberam a rapariga enquanto mãe do bebé, elaboraram a problemática centrando-se na maternidade precoce, sendo esta vivenciada com sentimentos de culpa, arrependimento, e de imaturidade. Embora haja a fantasia da maternidade, tal era projectada apenas no futuro, desta forma, a rapariga regride ao papel de filha, delegando na mãe a função materna, devido à sua imaturidade (com excepção do sujeito 150). Nas histórias destes sujeitos, a rapariga faz uma identificação à mãe mas contrariada (excepto o sujeito 150), i.e., é obrigada a identificar-se com a função materna.

Conclusão

O objectivo deste estudo focava a compreensão dos processos de transformação da imago materna e o processo de identificação à mãe, em pré-adolescentes e adolescentes. Deste modo, os resultados obtidos pretendem colmatar algumas lacunas na literatura acerca desta temática.

Verifica-se neste estudo, de uma forma geral, algumas diferenças importantes quer no interior de cada grupo quer entre os três grupos, nomeadamente, aos doze, treze, e catorze anos. Quanto às diferenças existentes no interior de cada grupo, como haviam sido apresentadas anteriormente, optou-se por apresentar nesta fase, apenas as diferenças entre os sujeitos de grupos diferentes, ou seja, de faixas etárias diferentes.

Relativamente ao grupo constituído por sujeitos de 12 anos, observa-se dois movimentos distintos. Por um lado, os sujeitos que elaboraram as histórias mais regressivas, em que colocaram a rapariga numa posição de rivalidade fraterna, pela atenção da mãe. A rapariga mantém-se no papel de filha, muito dependente da mãe, rivalizando com o irmão ou irmã, que é considerado(a) um intruso(a), por estar a ocupar o lugar que havia sido seu, e um obstáculo, por se encontrar no meio da relação com a mãe. Observa-se também, que a rapariga estabelece um conflito com a mãe, por considerar que esta a traiu ao conceber um outro filho(a), como se esta a tivesse “trocado”, e ao retirar-lhe a sua infância, nos casos em que tem de a substituir nos cuidados maternos.

Por outro lado, os sujeitos que elaboraram as histórias mais evoluídas, em que a rapariga foi colocada no papel de mãe, o movimento predominante é a hesitação entre a autonomia e a dependência. Confrontada com a maternidade precoce, a rapariga hesita entre tornar-se autónoma, assumindo a função materna e por consequência o papel adulto, ou manter-se no papel de filha, fazendo uma regressão e delegando essa função na sua mãe. Na generalidade dos casos, a rapariga faz uma tentativa de assumir o papel materno mas regride quase automaticamente, devido à sua imaturidade e à culpabilidade, por ter acedido ao mesmo papel que a mãe. Autonomizar-se implica abandonar a infância, separar-se do objecto infantil e assumir um papel adulto, para o qual não ainda está preparada. A rapariga mantém-se

dependente da mãe da infância, que necessita enquanto figura de suporte, não há assim, uma identificação à mãe enquanto mulher nem enquanto mãe.

É na pré-adolescência que se inicia o segundo processo de individuação, que tem como objectivo máximo estabelecer um vida afectiva fora do núcleo familiar. A regressão durante esta fase, é um mecanismo de defesa muito utilizado e que tem valor desenvolvimental, sendo esta a última altura que pode ser utilizado para resolver conflitos anteriores. Observa-se nesta fase, movimentos regressivos, como por exemplo, a idealização de modelos alternativos às figuras parentais (Blos, 1962, 1966). Tais movimentos verificam-se no interior do subgrupo de sujeitos de doze anos, que perceberam a rapariga enquanto mãe, e colocaram equivalentes simbólicos da figura materna, em vez da mãe, de modo, a evitar um possível conflito e a diminuir a culpabilidade da rapariga por ter acedido à maternidade, e dessa forma, ocupado o lugar que pertencia à mãe. Porém, a rapariga acaba por regressir, devido à sua imaturidade.

A imago materna deste subgrupo de sujeitos, que perceberam a rapariga enquanto mãe, é experienciada como a da infância, ou seja, permanece ou clivada havendo a identificação da rapariga apenas com a boa imago materna (mãe ideal); ou superegógica e pré-edípica, da qual ainda está dependente ou “presa”, embora haja o desejo de se diferenciar; ou ainda, enquanto uma boa imago materna.

Nesta faixa etária, evidencia-se uma estrutura ainda infantil, semelhante à estrutura de crianças do período de latência, porque predomina a dependência à imago materna, do período pré-edípico. Este resultado vai ao encontro do que Blos (1962, 1966) havia referido, ou seja, que quando a rapariga entra na pré-adolescência, tem a mesma estrutura interna que a do período de latência, mas nesta fase essa estrutura é desadequada porque o seu ego não pode ser suportado pelo ego parental, e porque há a reemergência da sexualidade que é sentida como culpabilizante a vários níveis. As pré-adolescentes enfrentam os impulsos com as instâncias que têm, que são preenchidas por imagos parentais arcaicas, i.e., pelas imagos que se formaram ao longo da infância, e que são inflexíveis, rígidas e punitivas. Nas pré-adolescentes há uma imago materna genital, má e severa, sendo mais severa do que a mãe na realidade é. Há assim o risco de as pré-adolescentes ficarem presas na relação pré-edípica, há o perigo da homossexualidade e da não diferenciação (Blos, 1962, 1966).

Para Klocars e Sirola (2001) a rapariga durante a adolescência, devido à reactivação da situação edipiana, tem de ser capaz de abandonar o objecto de amor pré-edipiano, i.e., a mãe interna, e voltar-se para o pai-homem interno. Porém, se a rapariga não tiver sido capaz de se identificar com a mãe, regressa a uma fase anterior na sua relação entre mãe e filha, voltando a mãe-mulher a ser o seu objecto de amor.

Relativamente à fantasia da maternidade, observa-se que esta, na generalidade dos casos, está ainda ao nível das fantasias das crianças do período de latência, i.e., os sujeitos ainda não conseguem autonomizar-se e diferenciar-se da mãe da infância, de modo a procurarem novos objectos de amor e também de identificação, em grupos extrafamiliares. Assim, o acesso à função materna é considerado culpabilizante, por significar equiparar-se à mãe, ou seja, desempenhar o papel desta.

Em relação ao grupo constituído por sujeitos de treze anos, também se evidenciam dois movimentos diferentes. Por um lado, há quatro sujeitos que colocaram a rapariga no papel de substituta materna, porém, nas histórias de dois deles, a rapariga desempenha essa função contrafeita, uma vez que é imatura e se vê obrigada a abdicar da sua infância para cuidar do irmão ou irmã assumindo, assim, um papel adulto para o qual não está preparada e que não desejava assumir. Contudo, nas histórias dos outros dois sujeitos, a rapariga substitui a mãe na presença desta, havendo o desejo em aprender a desempenhar o papel materno, para o assumir no futuro. Desta forma, a rapariga não só agradava à mãe, por estar a cumprir o seu desejo, como também, a podia substituir com a sua autorização, não havendo assim um conflito.

Por outro, os sujeitos que colocaram a rapariga no papel de mãe, na generalidade dos casos, há uma tentativa de não elaborar a maternidade, porque é vivenciada com sentimentos de culpa e há o reconhecimento da imaturidade e da incapacidade em desempenhar o papel materno. O movimento que se destaca é uma grande ambivalência, em colocar o bebé enquanto filho(a) ou irmão/irmã da rapariga, ambivalência essa que se poderá dever à culpabilidade, à imaturidade e à incapacidade em desempenharem a função materna, assim como, ao facto de já haver uma identificação com a mãe, numa fase em que há o desejo de se diferenciar desta. Observa-se uma alternância entre um movimento regressivo e progressivo constante. Num movimento mais regressivo, a rapariga regride, mantendo-se no papel de filha, adiando a sua função materna que é delegada na mãe.

Todavia, no movimento mais evoluído, embora a rapariga reconheça a sua imaturidade, e a sua incapacidade em desempenhar o papel materno, deseja aprender com a mãe a fazê-lo. Verifica-se a existência do desejo da maternidade, mas tal era projectado no futuro. O facto de ter acontecido nesta altura, conduz à tentativa de não elaborar a maternidade, por ser percebida enquanto um obstáculo, por ser causadora de angústia, e por haver o reconhecimento da imaturidade. Nenhuma rapariga se assume verdadeiramente como mãe, porque delega na sua mãe esse papel, mantendo-se infantil.

Nas histórias dos sujeitos de 13 anos, embora haja o desejo, por parte da rapariga, de se diferenciar da mãe, ou seja, uma luta entre a dependência e a autonomia, com o acesso à maternidade precoce e perante a incapacidade em desempenhar a função materna, vê-se compelida a identificar-se a esta, e a permanecer dependente, através da regressão. Deste modo, acaba por se identificar à mãe quer enquanto mulher quer como mãe, para aprender a desempenhar a função materna. De acordo com Blos (1962, 1966), por volta dos treze anos, as raparigas rivalizam com a mãe e fazem uma tentativa no sentido de se afastarem, diferenciarem e tornarem-se autónomas face a esta, i.e., as raparigas afirmam-se enquanto mulheres. Observa-se assim, a uma remodelação do mundo interno das pré-adolescentes, tendo por base a remodelação das imagos parentais da infância. Por sua vez, a utilização da regressão, permite reparar o que não foi vivido de maneira adequada e desligar-se dos objectos infantis. A tarefa fulcral desta fase é o desligamento das imagos parentais, que irá permitir a individuação, e a procura de novos objectos de amor no meio extra familiar (Blos, 1962, 1966).

A mãe nesta fase, já não é considerada apenas enquanto figura de suporte da qual a rapariga necessitava, mas enquanto um bom objecto de identificação enquanto mulher e enquanto mãe, do qual, à posteriori, se poderá diferenciar e tornar-se autónoma. A ambivalência surge precisamente porque já há uma identificação com a mãe, numa fase em que há o desejo de ser diferente desta. Segundo Dahl (1995) a rapariga, tem de alcançar um sentido de self integrado, porém, tem de se conseguir diferenciar psiquicamente da sua mãe, sem contudo, abandonar as representações das relações de objecto precoce. Pode-se observar um desenvolvimento na organização das representações de objecto materno, cuja função é a reemergência das fantasias pré-edípicas e edípicas e a sua contribuição para a resolução do conflito interno que está ligado com o desenvolvimento na adolescência. Essas fantasias são construídas sob a pressão da exigência intrapsíquica da adolescência, e são criadas para resolver conflitos

internos originados pela exigência do corpo sexual maduro, pelo reacordar do desejo incestuoso, pela restrição do superego e pela adaptação à realidade exterior. Estas fantasias contêm representações de vinculação à mãe, sendo esta utilizada na representação do corpo, das pulsões, e dos medos específicos de retaliação e punição (Dahl, 1995).

Observa-se nesta faixa etária, uma estrutura que corresponde à pré-adolescência, ou seja, há tentativas de diferenciação face à imago materna, assim como, de identificação, sendo que o movimento que mais predomina é a ambivalência. Blos (1962, 1966) considera que na pré-adolescência há o reaparecimento da ambivalência, uma vez que o pré-adolescente deseja ser independente face às figuras parentais, porém, permanece muito dependente destas. As relações de objecto infantil, quando revividas na adolescência tendem a surgir na sua forma original, ou seja, através do estado ambivalente. De facto, a última tarefa da adolescência é precisamente fortalecer as relações de objecto pós-ambivalente.

Quanto ao grupo constituído por sujeitos de catorze anos, também se observa dois movimentos distintos. Por um lado, os sujeitos que perceberam a rapariga enquanto substituta materna, baseiam a relação entre mãe e filha na transmissão de conhecimentos maternos, ou seja, a rapariga está a aprender a cuidar do irmão, e a preparar-se para assumir essa função no futuro. Dessa forma, embora haja a fantasia da maternidade e a aprendizagem dos cuidados maternos, tal é adiada e projectada apenas no futuro. A imago materna é assim, experienciada enquanto um bom objecto de identificação.

Por outro, nas histórias dos sujeitos que colocaram a rapariga no papel de mãe, observa-se o problema de identificação antagónica. A rapariga tem necessidade de se diferenciar da mãe, mas ao aceder à maternidade é obrigada a identificar-se com esta, devido à sua imaturidade, o que a obriga a regredir e a manter-se no papel de filha. Deste modo, a identificação à mãe existe, mas contra a vontade da rapariga, cujo desejo era tornar-se autónoma. A maternidade precoce é vivenciada com sentimentos de culpa e de arrependimento, e é considerada um obstáculo, porque impediu a concretização do desejo de autonomia e de diferenciação por parte da rapariga.

Deste modo, verifica-se nos sujeitos a fantasia da maternidade, mas tal fantasia seria projectada apenas no futuro, uma vez que nesta fase há uma tentativa de diferenciação face à

mãe e de identificação a novos objectos extrafamiliares. Face à maternidade na maioria dos casos, há uma regressão à mãe, delegando na mãe o papel materno.

Segundo Klocars e Sirola (2001) é ao longo da adolescência que a rapariga redescobre a mãe, de uma forma mais realista, sendo esta diferenciada da representação interna da mãe da infância. A adolescente ao manter relações extrafamiliares interage com outras mulheres que poderão ser novos objectos de identificação, alargando assim, as fantasias de mulher, de feminilidade e de maternidade. Mãe e filha tornam-se diferenciadas, inclusive nas suas fantasias, embora, a relação de identificação com a feminilidade lhes conceda a possibilidade de continuarem o seu compromisso de amor mútuo (Klocars & Sirola, 2001).

No grupo constituído por sujeitos de catorze anos, observa-se uma estrutura que corresponde à adolescência, em que há uma identificação antagonista face à mãe, há a tentativa de diferenciação face a esta, mas que não é totalmente concretizada porque já há uma identificação. De acordo com Blos (1966), a rapariga durante a adolescência tem a difícil tarefa de se desvincular da mãe da infância, i.e., tem de se diferenciar e procurar novos objectos de identificação e de amor, em relações extrafamiliares, e defender-se de uma possível regressão à mãe pré-edipiana. O processo adolescente é, segundo o autor, constituído por uma tensão dialéctica entre a primitivização e a diferenciação, e entre posições regressivas e posições progressivas.

Poder-se-á afirmar a confirmação das questões de investigação elaboradas neste trabalho, uma vez que nos três grupos, foram apresentadas mudanças na imago materna, na identificação a esta, e na fantasia da maternidade.

È importante salientar que nos três grupos, ou seja, nas três faixas etárias, existem sujeitos que não conseguiram colocar a rapariga no papel de mãe, nem de substituta materna. Deste modo, a rapariga manteve-se apenas como filha, imatura, infantil e dependente da mãe, sem haver a fantasia de assumir, pelo menos de momento, a maternidade. Relatam assim histórias muito regressivas do período pré-edipiano. Este resultado vai no sentido da afirmação de Cordeiro (1988), que durante a adolescência existem discrepâncias entre a maturidade sexual e a maturidade psico-afectiva.

Limitações do Estudo

Contudo, infelizmente, o presente estudo experienciou algumas dificuldades, nomeadamente ao nível da literatura relacionada com a fantasia da maternidade, uma vez que se encontrou pouco suporte teórico.

Propostas para estudos futuros

Propõem-se investigações posteriores nesta área, mais especificamente, um estudo longitudinal, em que com uma amostra maior se poderia avaliar os mesmos sujeitos aos doze, aos treze e aos catorze anos. Desta forma, poderia observar-se os processos de transformação da imago materna e o processo de identificação à mãe, através da uma comparação face ao mesmo sujeito em idades diferentes, e uma comparação entre sujeitos também em diferentes idades.

Referências Bibliográficas

- Blos, P. (1962). *On adolescence: A psychoanalytic interpretation*. New York: The Free Press.
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 22, 162-186.
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Braconnier, A., & Marcelli, D. (2005). *Adolescência e psicopatologia* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Carretero, M. (1985). Teorías de la adolescencia. In: A. Marchesi, M. Carretero, & J. Palácios, (Eds.), *Psicologia evolutiva: Vol.3. Adolescencia, madurez y senectude* (pp.13-36). Madrid: Alianz Editorial.
- Coleman, J., C. (1985). *Psicología de la adolescencia*. Madrid: Ediciones Morata.
- Cordeiro, J. D. (1988). *Os adolescentes por dentro*. Lisboa: Edições Salamandra.
- Dahl, E.K. (1995). Daughters and Mothers: aspects of the representational world during adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 50, 187-204.
- Erikson, E. (1980). *Identity and the life cycle* (2nd ed.). New York: W.W.Norton & Company.
- Fierro, A. (1995). Desenvolvimento da Personalidade na Adolescência. In C. Coll, J. Palácios, & A. Marchesi (Eds.), *Desenvolvimento psicológico e educação* (Vol.1, pp.288-298). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fleming, M. (1993). Adolescência. *A*, 20, 5 – 12.

- Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Freud, S. (1961). The dynamics of transference. In J. Strachey (Ed. And Trans.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 98-108). London: Hogarth Press. (Original work published 1912).
- Houzel, D., Emmanuelli, M., & Maggio F., (2004). *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Kestenberg, J.S. (1982). Regressão e reintegração na gravidez. In: H. Blum (Ed.), *Psicologia feminina: uma visão psicanalítica contemporânea* (pp. 152-177). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klein, M. (Ed.) (1927). Simpósio sobre análise de crianças. In *Melanie Klein: amor culpa e reparação e outros trabalhos (1921 – 1945)* (Vol.1, pp.413 - 464). Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (Ed.) (1935). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Melanie Klein: amor culpa e reparação e outros trabalhos (1921 – 1945)* (Vol.1, pp.413 - 464). Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (Ed.) (1945). O complexo de Édipo à luz das ansiedades arcaicas. In *Melanie Klein: amor culpa e reparação e outros trabalhos (1921 – 1945)* (Vol.1, pp.413 - 464). Rio de Janeiro: Imago.
- Klockars, L., & Sirola, R. (2001). The mother-daughter love affair across the generations. *Psychoanalytic Study of the Child*, 56, 219.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury, & M. Knobel (Eds.), *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* (7ª ed., pp.24 – 62). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1985). *Vocabulário de psicanálise* (6ª ed.). Lisboa: Moraes

Editores.

- Leal, I. (2001). O feminino e o materno. In: M.C., Canavarro (Ed.). *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp. 51-74). Coimbra: Quarteto.
- Malpique, C. (2003). *O fantástico mundo de Alice: Estudos sobre a puberdade feminina* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Marques, M. E. (1996). Feminino, fecundo e finito: expressões nos Rorschach de adolescentes. *Análise Psicológica 1, (XIV)*, pp. 45-52.
- Matos, A. C. (2003). *Mais amor – menos doença: A psicossomática revisitada* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.
- Menezes, I. (1990). Desenvolvimento no contexto familiar. In B. Campos, *Psicologia do Desenvolvimento e Educação de Jovens* (pp.51 – 73). Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, M.P. (1989). Imagos parentais em crianças agressivas: através da aplicação do CAT(A). *Análise Psicológica 1-2-3 (VII)*, pp. 383-385.
- Pais, A. (2000). *A raiva em pré-adolescentes e adolescentes: A importância dos maus sentimentos* (vols. 1 e 2). Dissertação de Mestrado em Psicologia Legal. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Pereira, F. (Eds.) (1997). *Literature and psychoanalysis – Proceedings of the fourteenth international conference on literature and psychoanalysis Los Novos, Avila*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Ritvo, S. (1976). Adolescent to woman. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 24S*, 127-137.
- Schave, D., & Schave, B. (1989). *Early adolescence and the search for the self: A developmental perspective*. New York: Praeger Publishers.

Shentoub, V. & Colaboradores (1999). *Manual de utilização do TAT* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi.

Silva, A.C.D. (1999). *O materno e o feminino em sujeitos adolescentes e sua expressão e interpretação através do processo de resposta Rorschach*. Dissertação de Mestrado de Psicopatologia e Psicologia Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Sklansky, M. A. (1991). The pubescent years: Eleven to fourteen. In S.I. Greenspan, & G.H. Pllock (Eds.), *The course of life: Adolescence* (Vol. 4, pp. 63 – 95). (Ed. rev.). Madison. Connecticut: International Universities Press.

Stoller, R.J. (1976). Primary femininity. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 24S, 59 - 78

ANEXOS

ANEXO A

CARTÃO 7 GF DO TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA



ANEXO B

CARTA DE CONSENTIMENTO ÀS ESCOLAS

CARTA DE CONSENTIMENTO

Ana Filipa Caldeira
Rua Bento Gonçalves, nº1, 1ºDto
2760 – 015 Caxias
(tel. 919082933)

À direcção do conselho executivo

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica no Instituto Superior de Psicologia Aplicada, sob a orientação de Prof. Dra. Ângela Vila Real, vou realizar uma investigação sobre a percepção da representação materna em pré-adolescentes e adolescentes do sexo feminino, com doze anos (12), treze anos (13) e catorze (14) anos de idade.

De forma genérica, posso afirmar que este trabalho tem como objectivos:

- A percepção da representação materna
- A compreensão de um aspecto da pré-adolescência e da adolescência

Em termos práticos, o trabalho será constituído pela aplicação de uma imagem de um teste qualitativo. Venho desde já solicitar a vossa colaboração e autorização nesta investigação, bem como auxílio numa pré-selecção dos indivíduos para este estudo, segundo os seguintes critérios: raparigas de doze, treze e catorze anos de idade. Todos os elementos fornecidos estão sujeitos a confidencialidade e sigilo.

Agradeço antecipadamente a vossa disponibilidade e a devolução dos elementos que solicito.

Ana Filipa Caldeira
(Finalista de Psicologia Clínica)

ANEXO C

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO

No âmbito da realização de um trabalho académico sobre a pré-adolescência e a adolescência, cujo objectivo é a compreensão da representação materna em raparigas, gostaria de solicitar a

colaboração do seu educando para este trabalho, ao qual será pedido para preencher um questionário.

_____ (nome do aluno) declaro que aceito que o meu educando participe no projecto de Investigação sobre a pré-adolescência e a adolescência, respondendo às perguntas que para tal lhe sejam colocadas.

Data ____/____/____

Assinatura

ANEXO D

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DOS SUJEITOS

Respostas dos sujeitos de 12 anos ao cartão 7GF do TAT

Sujeito 101 – 5^o Isto é uma menina que engravidou muito cedo, e quando soube que tava grávida ficou muito triste, depois foi falar com o rapazinho que a engravidou, e ele disse que já não a queria mais, então foi procurar apoio da parte dos pais, mas eles disseram que não a queriam porque era muito irresponsável e porque ela não era pura. Depois foi procurar apoio numa vizinha muito amiga dela, ela contou a história como aconteceu, disponibilizou ajuda e

que com ela podia fazer tudo à vontade, que ela fazia tudo, até ter idade de fazer o que devia. E ficou tudo bem. 2`57”

B2 1; C/Fo3; B1 1; A2 18; B1 2; B2 5; B1 2; B2 5; A2 18; B2 4; B1 2; E11; B2 2; B2 7;

Procedimento: inicia a resposta com um baixo tempo de latência, com a entrada directa na expressão (B2 1). Centra a história na personagem com a qual se identificou projectivamente, a “menina”, dando o anonimato da mesma (C/Fo3), e através de uma fantasia pessoal (B1 1). Aborda o afecto depressivo, através de afectos expressos à mínima (A2 18), ao saber da sua gravidez. Introduce um personagem que não figura na imagem, o “rapazinho” (B1 2), que é denominado de um modo infantilizado e inferiorizante, o qual a rejeita (B2 5). Faz uma regressão ao recorrer aos “pais”, introduzindo outro personagem, o pai (B1 2), tentando manter-se na posição de filha, mas é novamente rejeitada e abandonada (B2 5, A2 18, B2 4). Introduce uma nova figura que não consta da imagem, a “vizinha” (B1 2, B2 2), na qual é projectada a mãe ideal, dando também uma confusão de identidades (E11), “ (...) com ela podia fazer tudo à vontade, que ela fazia tudo, até ter idade de fazer o que devia”. A “vizinha” aparece como a única pessoa que aceita a sua sexualidade e maternidade, identificando-se empaticamente com ela. Conclui a história com a realização mágica do desejo (B2 7).

Problemática: centra-se na maternidade precoce da “menina” e na conseqüente dupla rejeição desta, pelo “rapazinho” e pelos “pais”, abordando assim o afecto depressivo e a dramatização, recebendo apenas o apoio e compreensão por parte da “vizinha”. Devido à imaturidade, culpabilidade, e incapacidade de assumir a função materna, e por não suportar a solidão, sente necessidade de procurar ajuda em figuras de suporte.

Análise: o sujeito 101 inicia a sua resposta com uma entrada directa na expressão, dando o anonimato da rapariga “ (...) uma menina (...)”, que acedeu precocemente à sexualidade e à maternidade, o que a leva a abordar o sentimento depressivo. Deste modo, revela alguma imaturidade, culpabilidade e incapacidade em assumir a função materna. Ao saber da sua condição, procura o apoio e contenção no “rapazinho”, mas este rejeita-a “ (...) já não a queria mais (...)”. Ao ver-se sozinha faz uma regressão, indo procurar o apoio dos seu “pais”, porém, estes também a rejeitam, culpabilizam e a abandonam, devido à sua irresponsabilidade e por já ter acedido à sexualidade “ (...) era muito irresponsável e porque ela não era pura”. Estando novamente sozinha, procura o auxílio da sua “vizinha”, que se disponibiliza para a ajudar, a

contém e aceita. O sujeito faz uma confusão de identidades entre a “menina” e a “vizinha”, porque “ (...) com ela podia fazer tudo à vontade, que ela fazia tudo, até ter idade de fazer o que devia”, a ideia de poder fazer tudo é culpabilizante e acaba por se censurar a si própria.

O sujeito conclui a história com a realização mágica do desejo “e ficou tudo bem”, ou seja, consegue aprender com a ajuda da “vizinha” a ser mãe. O conflito expresso nesta história deve-se ao facto de, a “menina” ter acedido precocemente à maternidade, sendo esse o motivo da sua dupla rejeição, pelo “rapazinho” e pelos “pais”, e a consequente solidão, que só é superada através da ajuda da “vizinha”. A história termina, tendo como solução a realização mágica do desejo, e a solução do conflito por ajuda de dependência exterior, permitindo que a “menina”, assuma o papel materno embora com ajuda. Os mecanismos de defesa utilizados pelo sujeito são, a idealização, da “menina” por parte dos seus “pais” que consideram a maternidade precoce desta, uma falha e uma irresponsabilidade da sua filha perfeita; a regressão, uma vez que, a “menina” ao ser rejeitada pelo “rapazinho”, e ao ver-se sozinha, regride à posição de filha procurando a ajuda dos “pais”; e a clivagem da figura materna, projectando na “mãe” a má imago e na “vizinha” a mãe ideal, ou seja, a boa imago materna.

O sujeito denominou a rapariga de “menina”, logo, é percebida enquanto infantil, imatura, e dependente não sendo capaz de assumir o papel materno sem o apoio de outras figuras. A mãe não aparece como uma imagem separada do pai, como autónoma, faz parte do casal, o qual a abandona e rejeita. Desse modo, pode-se considerar uma má imago materna, uma vez que, não só não é contentora como ainda é abandonica e punitiva. O sujeito 101 introduz três personagens que não figuram na imagem – o “rapazinho”, o pai e a “vizinha”. O “rapazinho”, é assim designado numa tentativa depreciativa e inferiorizante, surgindo com o intuito de justificar a gravidez, procurando a “menina” algum apoio e contenção, contudo este rejeita-a e abandona-a, dando a ideia de que a enganou ao engravidá-la. O pai surge no casal parental, de modo a reforçar a culpabilidade.

A personagem “vizinha” é, introduzida de modo a salvar a “menina” da solidão, acolhendo-a, ajudando-a e aceitando-a, permitindo que esta assuma o seu papel de mãe. Na personagem “vizinha” é projectada a mãe ideal, fonte de amor, protecção, e auxílio, que aceita a sexualidade e maternidade da “menina” e que a ajuda a ser mãe. O facto de introduzir a personagem “vizinha”, na qual é projectada a mãe ideal, revela a utilização de uma clivagem em relação à imago materna, ou seja, está ainda ao nível da mãe clivada pré-edípica. A

“menina” identifica-se a esta boa imago na função materna. O sentimento depressivo é abordado para caracterizar o drama da história e a forma como termina a história (o final com realização mágica do desejo) aparece como a solução que o sujeito encontrou não só para colmatar esse sentimento depressivo, mas também para reparar a relação com a figura materna, embora apenas com a boa imago materna, com a mãe ideal.

Sujeito 102 – 15” Eu não sou muito boa para histórias. Era uma vez, uma menina que engravidou não é, e que não podia fazer o que ela mais queria, teve sorte que a mãe não a expulsou de casa e que a ajudou, e tava triste. (?) Um final triste, ela não podia fazer as coisas que ela queria fazer porque tinha de cuidar da menina ou do menino, não sei. 2`02”

C/N9; A2 4; C/Fo3; B2 8; A2 18; A2 17; B2 8; A2 18; A2 15; B2 11; A2 11;

Procedimento: começa o relato com uma crítica a si própria (C/N9). Faz um afastamento têmporo-espacial (A2 4) e dá o anonimato da rapariga, “uma menina” (C/Fo3), seguido de um comentário pessoal (B2 8). O facto de a “menina” ter engravidado, obrigou-a a crescer e a não poder seguir os seus desejos, nem permanecer infantil, sendo a maternidade vivenciada com tristeza (A2 18), rejeição e culpabilidade (A2 17). Faz um comentário pessoal (B2 8) acerca do destino da rapariga, dando uma ambiguidade, a mãe apoiou-a, embora houvesse a fantasia de poder ser rejeitada e abandonada por ela, dando em seguida o sentimento depressivo (A2 18). Deste modo, há isolamento das personagens, que não são colocadas em relação (A2 15). Conclui a história, com o sentimento depressivo ligado à maternidade precoce da rapariga, que é vivenciada de forma negativa, quer devido à sua imaturidade como pelo facto de mudar o seu estilo de vida, impedindo-a de fazer o que gostava de fazer. A gravidez aparece como um obstáculo. Dá uma instabilidade de género quanto ao bebé (B2 11). Termina com uma denegação “não sei” (A2 11).

Problemática: centra-se na incapacidade de a “menina” se colocar e desempenhar a função materna, a qual é vivenciado como uma fantasia negativa, delegando tal função na “mãe”. O bebé é percebido como um obstáculo aos seus próprios desejos, como se não houvesse ainda a fantasia de ser mãe, uma vez que, a obriga a crescer e adoptar um papel adulto.

Análise: o sujeito 102 inicia o relato com uma crítica de si, fazendo um afastamento têmporo-espacial e dando o anonimato da rapariga “ (...) uma menina (...)”, que havia engravidado,

fazendo de seguida um comentário “ (...) não é (...)”, quase como se fizesse um crítica depreciativa. A maternidade além de ser vivenciada com sentimentos de culpa e de imaturidade, é também percebida enquanto um obstáculo, porque não permite que a “menina” continue infantil. Há quase uma rejeição do bebé, que só é suplantada através do apoio da mãe, que a ajuda a cuidar deste. Aborda o sentimento depressivo, face à maternidade precoce, ao afirmar “ (...) e tava triste”, reforçando a imaturidade e a incapacidade desta em assumir tal função. O sujeito isola os personagens, não os coloca em relação. Após questionado sobre que fim daria à história, o sujeito conclui dando um fim negativo, tendo a “menina” de ser obrigada a assumir a função materna, abdicando dos seus desejos e cuidando “ (...) da menina ou do menino (...)”, dando assim uma instabilidade de género ao bebé, provavelmente porque ela própria se sente ainda indefinida.

O sujeito termina fazendo uma denegação do que havia dito, sendo indicador da angústia que sente face à imagem e à história que elaborou. O conflito apresentado nesta história é intrapsíquico, deve-se à maternidade precoce da “menina”, e à sua incapacidade e imaturidade para desempenhar o papel materno, o qual é vivenciado como uma fantasia negativa, delegando tal função na sua “mãe”. Desta forma, adia a função materna, podendo se manter no papel de filha e dependente da “mãe”. O modo utilizado para resolver o conflito é, através da solução directa do conflito, terminando a rapariga a cuidar do bebé, como se fosse obrigada a fazê-lo, estando implícito o sentimento depressivo e alguma rejeição face a este papel, e através da solução por ajuda de dependência exterior, porque nunca chega a assumir completamente a sua função materna, necessitando sempre do auxílio da sua “mãe”.

Os mecanismos de defesa utilizados foram, a negação, a imagem causou-lhe alguma angústia, tendo o sujeito negado o que havia dito, ao concluir a história; o isolamento, o sujeito faz um relato da história que elaborou, sem estabelecer uma relação entre as personagens; e a regressão, uma vez que, a “menina” ao aceder à maternidade procura a ajuda da “mãe”, delegando-lhe o papel materno, de modo a manter-se enquanto filha, infantil e imatura, ou seja, evitando crescer e adoptar um papel adulto. O sujeito 102 denomina a rapariga de “menina”, imatura e infantil, e faz uma crítica pelo facto de esta ter engravidado precocemente. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo uma boa imago, com a qual a “menina” se identifica, sendo nesta que delega os cuidados do seu bebé, ou seja, a “mãe” ocupará o papel materno duplamente, com a filha e com o seu neto.

Sujeito 103 – 9” A miúda não teve cuidados, não falava muito com a mãe e entretanto engravidou de um rapaz, e depois a mãe tentou ajudá-la o máximo que podia, e depois o rapaz não quis saber dela e do filho. (?) Ela acaba bem com a ajuda dos pais e depois a criança cresce normalmente, sem saber quem é o pai. 1`49”

B2 1; B1 1; A1 3; A2 3; B1 2; A2 18; B2 7; B1 2;

Procedimento: inicia o relato com uma entrada directa na expressão (B2 1), referindo-se à personagem de forma depreciativa “miúda”. Constrói a história à volta de uma fantasia pessoal (B1 1), com referências sociais (A1 3) quanto à contracepção, “a miúda não teve cuidados (...)”. Verifica-se um sentimento de culpabilidade pelo facto de não conversar com a mãe, não seguindo os seus conselhos, tendo engravidado. O sujeito utiliza uma precaução verbal (A2 3) para introduzir o tema da sexualidade e da maternidade, introduzindo um personagem que não figura na imagem (B1 2), o “rapaz”, o qual a rejeita (A2 18). Como término da história, dá a realização mágica do desejo (B2 7), uma vez que a jovem acaba bem junto dos pais, introduzindo assim também a figura do pai (B1 2) como contentor.

Problemática: centra-se na gravidez na adolescência e no conseqüente abandono da figura masculina, tendo os pais como suporte. A maternidade é vivenciada com sentimentos de culpabilidade, imaturidade e dependência face aos pais, o que a leva a fazer uma regressão, mantendo-se no papel de filha.

Análise: o sujeito 103 inicia a história, com uma entrada directa na expressão, identificando-se projectivamente com a rapariga, que denomina de “miúda”, de modo a denegri-la, desvalorizá-la e a atribuir-lhe imaturidade. A “miúda” foi imprevidente, porque não ouvia os conselhos da “mãe”, tentando diferenciar-se desta, e engravidou, acede assim à culpabilidade, porém a “mãe” aceitou a gravidez da filha, e “ (...) tentou ajudá-la o máximo que podia (...)”, dando, assim, uma formação reactiva. O sujeito introduz um personagem que não consta na imagem, o “rapaz”, de quem teria engravidado, que a rejeita e a abandona, conduzindo-a à solidão. O sujeito conclui a sua história, dando a realização mágica do desejo, tendo a “miúda” aceitado a sua maternidade, e aprendendo a cuidar do bebé com a ajuda dos seus “pais”, e sem o filho ter conhecido o pai, “ (...) sem saber quem é o pai”, há assim um corte na relação com o “rapaz” devido à sua rejeição. A “miúda” ao sentir-se rejeitada e só, procura o apoio dos seus “pais”, que a aceitam enquanto mãe, desde que ela não tenha uma vida sexual

activa, deste modo, faz uma regressão mantendo-se enquanto filha, para ser aceite e obter auxílio.

Está inerente a projecção da rejeição da maternidade no “rapaz”, que é o único que acaba por assumir essa rejeição, uma vez que, a “miúda” devido à culpabilidade sentida e à sua imaturidade, acaba por aceitar a maternidade, mas através da dependência aos pais. O conflito expresso nesta história é intrapsíquico, centra-se na maternidade precoce da “miúda”, e na consequente rejeição do “rapaz” face a esta. A maternidade é vivenciada com sentimentos de culpabilidade, por não ter seguido os conselhos da “mãe”, imaturidade e dependência face aos “pais”. A “miúda” faz uma regressão, de modo a manter-se no papel de filha, abdicando da sua sexualidade activa, para ser aceite pelos “pais”. A solução utilizada é a realização mágica do desejo e a solução por dependência de ajuda exterior, porque necessita ter sempre uma figura de suporte. Os mecanismos de defesa utilizados são, a formação reactiva, porque a mãe aceita a maternidade da filha sem nenhum tipo de conflito, dando o seu total apoio; e a regressão, mantendo-se a “miúda” no papel de filha, embora assuma a função materna, mas sempre com o apoio dos “pais”.

O sujeito 103 denomina a rapariga de “miúda”, de modo a distanciar-se da personagem, a desvalorizá-la e infantilizá-la, estando inerente uma crítica devido ao facto de esta ter engravidado. A “miúda” é percebida enquanto vivendo uma sexualidade plena mas que, após a gravidez, se sente culpada relativamente ao facto de ter rejeitado os conselhos da mãe, encontrando apoio nos “pais”, poder-se-á pensar que a rapariga já se consegue colocar no papel de mãe. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo percebida enquanto superegógica, castrando a filha ao mantê-la infantil e dependente, e “obrigando-a” a não aceder à sexualidade adulta, e também, como uma figura algo idealizada, porque aceita a maternidade da filha, sem elaborar nenhum conflito, como se fosse algo banal, introduzindo uma formação reactiva “ (...) a mãe tentou ajudá-la o máximo que podia (...)”. O “rapaz”, é introduzido para justificar a gravidez, e na tentativa de fornecer apoio à “miúda”, mas este rejeita-a, conduzindo-a à solidão, sendo por isso percebido enquanto abandonico. O pai é introduzido no seio do casal parental, enquanto protector e contentor.

Sujeito 104 – 8” Era a mãe que estava a contar uma história à filha, e a rapariga estava a pensar na história, estava a olhar através da janela. (?) Não sei. 1`12”

B2 1; A2 3; C/Fa1; A2 13; A1 1; E1; A2 11;

Procedimento: inicia o discurso com uma entrada directa na expressão (B2 1) e com uma precaução verbal (A2 3), apegando-se ao conteúdo manifesto (C/Fa1) descrevendo a imagem sem indicar um conflito e estabelecendo uma relação mãe/filha meramente intelectual (A2 13), destituída de afectos e sendo uma história construída através do tema banal (A1 1). A “rapariga” olha através da janela como se estivesse a olhar para a liberdade. Escotomiza o bebé/boneco (E1) devido à culpabilidade. Termina com uma denegação (A2 11), de modo a não elaborar nenhum conflito.

Problemática: é uma história destituída de afectos e sem relação. A filha olha para a janela como se estivesse a olhar para a sua liberdade e independência da mãe, mas a sua defesa prevalece, e mantém-se dependente da mãe.

Análise: o sujeito 104 inicia o seu relato, com uma entrada directa na expressão, através de uma precaução verbal, construindo uma história próxima do tema banal. Estabelece uma relação baseada na intelectualização, entre as personagens, tratando-se de “mãe” e “filha”. A “rapariga” está a reflectir sobre a história, e a olhar para a janela como se olhasse para a liberdade, vislumbrasse a autonomia, porém, mantém-se ligada à “mãe”, no seu papel infantil. O bebé/boneco é escotomizado, devido à grande culpabilidade sentida e à imaturidade da “rapariga”. O sujeito conclui o seu relato, com uma denegação, poder-se-á pensar que, o bebé/boneco lhe despertaria fantasias insuportáveis, tendo de recusar a realidade, ou seja, escotomizando-o. Não há verdadeiramente um conflito, uma vez que, a “rapariga” escotomiza o bebé/boneco e mantém-se dependente da “mãe”, evitando assim, um possível conflito com esta. Observa-se por um lado, há tentativa de autonomia e individuação face à “mãe”, que não se chega a concretizar devido à defesa, mantendo-se enquanto “filha” e ligada à sua “mãe” e ao imaginário desta.

E por outro lado, há escotomia do bebé/boneco, devido à imensa culpabilidade sentida, para o perceber enquanto filho ou irmão, porque dessa forma, teria de abandonar a sua posição infantil e a sua posição privilegiada face à mãe. Não é dada uma solução do conflito, ou seja, a angústia e a culpabilidade é tão grande, que acaba por fazer uma negação do que havia dito por não a conseguir suportar. O mecanismo de defesa utilizado pelo sujeito é a negação, porque necessita anular o que havia elaborado, numa tentativa de afastar as fantasias

insuportáveis que a imagem lhe suscitou. A rapariga é designada de “filha”, sendo percebida enquanto infantil e dependente da mãe, embora vislumbre a possibilidade de se individuar, opta por permanecer dependente desta. A figura materna é denominada de “mãe”, estando implícito de que se trata de uma boa imago, uma vez que, a “filha” opta por permanecer consigo e consegue fantasiar a partir do imaginário materno. Não se observa uma fantasia de ser mãe, embora se identifique com a sua mãe, é como se essa possibilidade, pelo menos, para já estivesse arredada.

Sujeito 105 – 1” Era uma vez, a mãe estava a contar a história à filha, que não estava interessada em ouvir a história, tinha uma boneca na mão e estava vestida com um vestido, sentada no sofá. Acho que é só. (?) Então depois a mãe no final, pedia-lhe para fazer um resumo e metia-lhe de castigo, porque ela não estava atenta. 1`48”

B2 1; A2 4; A1 1; A2 15; C/Fa1; C/Fo5; A2 15; A2 3; C/Fa4;

Procedimento: inicia o relato com tempo de latência mínimo, sinal de impulsividade ou ansiedade perante a imagem, com uma entrada directa na expressão (B2 1) e fazendo um afastamento têmporo-espacial (A2 4), dando uma história próxima do tema banal (A1 1). A mãe tenta uma aproximação à filha, mesmo que seja através da intelectualização (A2 15), a qual é cortada pela filha. Descreve a figura da filha por descrever, não a caracterizando (C/Fa1), infantiliza a rapariga e desvitaliza a figura do bebé, colocando-o como um boneco. Faz uma tentativa de recusa (C/Fo5), terminando a história com uma nova intelectualização (A2 15), uma vez que coloca a mãe no papel superegóico e a culpa por não estar atenta ao que a mesma lhe dizia (C/Fa4).

Problemática: assiste-se a uma mãe superegóica, que tenta uma aproximação à filha mas é extremamente castradora e culpabilizante, quando a filha não lhe dá atenção, não suportando, deste modo, a rejeição. A rapariga tenta-se distanciar da mãe, procurando não se identificar com ela contudo, não consegue pois é impedida pela mesma, sendo castigada por essa tentativa falhada de fuga. Há um conflito entre o não se querer identificar com a mãe, e querer permanecer infantil, sendo por isso punida pela mãe superegóica, à qual se sente presa.

Análise: o sujeito 105 começa a sua história, com uma entrada directa na expressão, através de um afastamento têmporo-espacial, construindo uma história próxima do tema banal, e

estabelecendo uma relação entre as personagens, tratando-se de “mãe” e “filha”. A “mãe” relatava uma história à filha, transmitindo-lhe assim, alguns conhecimentos, porém, a “filha” “ (...) não estava interessada em ouvir a história (...)”, há assim, um corte na relação e uma recusa, em ouvir o que a “mãe” lhe quer contar. O sujeito continua a história, descrevendo a “filha”, apegando-se ao conteúdo manifesto, infantilizando-a e desvitalizando o bebé/boneco, que percebe enquanto uma “boneca”. Faz uma tentativa de recusa, e após lhe ser questionado sobre que fim daria à história, o sujeito conclui, tendo a “mãe” pedido um resumo da história que lhe havia contado, e ao se aperceber que a “filha” não tinha estado atenta, pune-a, colocando-a de castigo. O sujeito relata uma história, cujo conflito remete para a hesitação entre defesa e a individuação, o que conduz ao conflito face à imago materna.

A “mãe” está a ensinar à “filha” como esta se deve comportar na sua idade contudo, esta rejeita identificar-se à mãe e ao modelo que esta lhe estava a transmitir. Deseja ser diferente, mas continua a querer ser criança, ou seja, há um desejo de se individuar mas que não é alcançado, permanecendo infantil e presa à “mãe”. Não é dada uma solução do conflito, uma vez que, a “mãe” acaba por punir a “filha”, colocando-a de castigo, devido ao seu desinteresse. Os mecanismos de defesa utilizados foram, a intelectualização, de modo a evitar a projecção, a expressão de afectos e as pulsões agressivas, embora no fim se tenha desmoronado, com a revelação de uma mãe agressiva e punitiva; e a regressão, embora haja um movimento, no sentido da individuação, a defesa consegue-se impor, e a “filha” mantém-se infantil e dependente. A rapariga é denominada apenas de “filha”, sendo percebida enquanto infantil, imatura e dependente, embora já haja uma tentativa de se individuar. A “mãe” é percebida enquanto superegógica, punindo a “filha”, por não seguir o seu modelo, deste modo não se identifica a esta.

Sujeito 106 – 9” Sobre isto? Então... não sei. Era uma vez, uma mãe que tinha dois filhos e que trabalhava como explicadora, um dia pediu à filha mais velha para tomar conta do pequeno bebé. Enquanto a mãe tentava ganhar mais algum dinheiro, a pequena rapariga não estava a conseguir dar conta do recado, pois, o bebé não parava de chorar. Depois procurou uma fralda, molhou-a e pôs açúcar, funcionou como chucha até que o bebé se calou. O bebé tinha adormecido, depois a mãe conseguiu arranjar mais uma aluna e voltou após uma hora e a filha pôde finalmente ir para a escola. 2`42”

C/C2; A2 3; C/Fo1; A2 11; A2 4; C/Fo3; A2 4; B2 2; B1 1; A2 5;

Procedimento: começa o relato com um tempo de latência relativamente baixo, efectuando um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), seguida de uma precaução verbal (A2 3), de uma pausa intra-relato e de uma denegação (A2 11). Faz um afastamento têmporo-espacial (A2 4), e o anonimato das personagens (C/Fo3), e faz um novo afastamento têmporo-espacial (A2 4) de modo a delegar os cuidados do “bebé” na “filha”, para que a “mãe” pudesse ir trabalhar. Descreve a “rapariga” enquanto infantil e imatura, uma vez que, não consegue conter o bebé, até que encontrou uma solução para o acalmar, não sendo contudo contentora. Após o bebé adormecer, continua com uma fabulação longe da imagem (B2 2), e com uma história construída à volta de uma fantasia pessoal (B1 1), uma vez, que a “mãe” consegue dar explicações a uma nova aluna, e faz uma precisão numérica (A2 5) em relação ao tempo que esta demorou para chegar a casa. Termina a história com a realização mágica do desejo (B2 7), e que a “filha”, após ter substituído a “mãe” pode “finalmente” ir para a escola, transmitindo quase uma sensação de alívio por já não ter de cuidar do bebé, podendo fazer o que gosta e que é adequado à sua idade.

Problemática: centra-se na rivalidade fraterna, uma vez que, o irmão lhe vem retirar a infância, ao ter de substituir a “mãe” nos cuidados maternos, zangando-se com esta por a obrigar a assumir um papel, para o qual ainda não está preparada.

Análise: o sujeito 106, começa por fazer um pedido de ajuda ao clínico, em relação à história que teria de elaborar a partir do material, faz uma precaução verbal, um silêncio intra-relato e uma denegação. O sujeito revela alguma ansiedade face à imagem, colocando-se numa atitude anaclítica. Começa a história através de um afastamento têmporo-espacial, dando o anonimato da figura materna, que denomina de “ (...) uma mãe (...)”, que trabalha, sendo os outros dois personagens seus “filhos”. Após um novo afastamento têmporo-espacial, a “mãe” delega na sua “ (...) filha mais velha (...)” os cuidados do bebé, para que pudesse ir trabalhar. Durante o tempo em que a “mãe” trabalhava, a “ (...) pequena rapariga (...)”, sendo ainda infantil, tem algumas dificuldades em conter o “bebé”, porém, conseguiu fazê-lo. Quando o bebé já está a dormir, a “mãe” chega a casa, e a “filha” pode finalmente voltar a ser criança.

O conflito manifestado nesta história centra-se no facto de a “rapariga” ter de crescer, para substituir a “mãe” nos cuidados maternos, zangando-se com esta, ou seja o irmão retira-lhe a sua infância. A solução utilizada é a realização mágica do desejo, podendo a “rapariga” voltar

a ser criança, e a solução por compromisso viável, ao agradar à “mãe”, para depois poder voltar a ser criança. Os mecanismos de defesa utilizados são, a negação, porque a imagem lhe suscita algumas fantasias insuportáveis, como o facto de perder a sua infantilidade e imaturidade; e a ruminação, o sujeito centra o seu conflito na rivalidade fraterna e na zanga face à “mãe” que a obriga a substituí-la nos cuidados maternos, i.e., impede-a de permanecer infantil, como é o seu desejo.

A rapariga é denominada de “ (...) filha mais velha (...)” e de “ (...) pequena rapariga (...)”, sendo percebida enquanto infantil, imatura e tendo algumas dificuldades em se colocar enquanto substituta materna, desempenhando tal função contrafeita, porque não deseja crescer. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo percebida enquanto ausente, abandonada, não estando disponível para os filhos, e incapaz de se aperceber da imaturidade e das dificuldades da “filha” em desempenhar tal papel, logo, é percebida enquanto uma má imago materna. O “bebé” é percebido enquanto um obstáculo, porque lhe retira a sua infância, ao ser obrigada a cuidar dele. É importante realçar que ambos os filhos são pequenos e imaturos, “ (...) pequeno bebé”, “ (...) pequena rapariga (...)”.

Sujeito 107 – 13” Deixou cair o bebé, depois a mãe chateou-se muito com ela e pô-la de castigo. Passados alguns dias, ela estava muito arrependida e foi dizer à mãe que não devia ter feito isso e a mãe tirou-a de castigo e nunca mais deixou pegar o bebé ao colo. 1’44”

B2 1; B2 5; B2 4; A2 4; B2 4;

Procedimento: inicia a história, com uma entrada directa na expressão (B2 1), com alguma dramatização (B2 5), retratada no facto de a rapariga ter deixado cair o bebé. Continua com uma expressão de afectos fortes (B2 4), pois, a mãe “chateou-se muito” com a rapariga tendo-a castigado. Após um afastamento têmporo-espacial (A2 4), verifica-se um sentimento de culpa e a necessidade de desculpar a sua acção à mãe, embora esteja subentendido alguma agressividade face ao bebé, pois, a justificação é “não devia ter feito isso”, o que pressupõe alguma intenção e não um acidente. A mãe retira-lhe o castigo mas impede-a de pegar no bebé, de modo a proteger este último, com receio que a rapariga o deixasse novamente cair.

Problemática: centra-se na agressão directa face ao “bebé”, devido à rivalidade e inveja sentida pela personagem central, mas tendo verdadeiro objectivo, castigar a “mãe” por ter tido

um outro filho.

Análise: o sujeito 107 começa a relatar a sua história, com uma entrada directa na expressão, através de um acto agressivo, em que alguém deixou cair o “bebé”, sabendo-se em seguida, que a protagonista de tal agressão, é a rapariga. Contudo, não se sabe se o bebé é seu filho ou seu irmão. A figura materna, que é denominada de “mãe”, após tal acontecimento, “ (...) chateou-se muito com ela (...)”, tendo-a punido, colocando-a de castigo. O sujeito faz um afastamento têmporo-espacial, de modo a dar uma continuidade no tempo, a filha revela estar “ (...) muito arrependida (...)” do que fez, e pede desculpa à “mãe”, que a retira do castigo. Porém, a filha arrepende-se, não do seu acto agressivo, mas pelo facto, de a “mãe” se ter zangado com ela, estando por isso, com receio de ser abandonada ou rejeitada. A “mãe” não a deixa pegar mais no bebé, ou seja nunca mais a deixa desempenhar o papel materno.

O conflito manifestado nesta história, é a agressão que a rapariga dirigiu ao “bebé”, deixando-o cair, contudo, o verdadeiro alvo de tal agressividade é a “mãe”. Essa agressão é dirigida à “mãe”, como forma de revelar a sua zanga, pelo facto de ter tido outro filho, que ocupa o seu lugar. O sujeito utilizou a solução directa do conflito, através do pedido de desculpa da filha, tendo a “mãe” a perdoado mas, impedindo-a de voltar a pegar no bebé, desta forma, a mãe permanece superegóica, castrando-a e mantendo-a infantil. Os mecanismos de defesa utilizados nesta história foram, o deslocamento, tendo dirigido a sua agressividade para outro objecto, que não a “mãe”; a formação reactiva, porque após a agressividade surge o arrependimento e a regressão, mantendo-se filha e também rivalizando com a “irmã” reforçando a infantilidade.

A rapariga, é meramente denominada de “ela”, sendo percepcionada enquanto imatura, mantendo-se no papel de filha, não assumindo a sexualidade e a maternidade, rivalizando com o “bebé”, pela relação privilegiada com a “mãe”. A figura materna, é denominada de “mãe”, sendo percepcionada enquanto superegóica, que castra e pune a filha, impedindo-a de desempenhar a função materna, inclusivamente no futuro. Deste modo, mantém a sua filha infantil e dependente de si. O “bebé”, é considerado um rival, um intruso, que está a ocupar o seu lugar, em relação à “mãe”, com qual tem de partilhar o seu objecto de amor, e que vem reforçar a separação entre ambas, uma vez que esta o protege, afastando-o da filha.

Sujeito 108 – 14” Invento? Esta é a empregada? Ai não sei! Ela teve um filho muito cedo, e a

mãe tá-lhe a ensinar a tomar conta do bebé e ela tá arrependida. (?) Ela... não tá desenvolvida, a mentalidade dela não é suficientemente boa para ela ser mãe, teve de crescer cedo, teve de crescer rápido. 2`52”

C/C2; A 211; A2 17; A2 18; C/M1; C/Fo1; B2 8;

Procedimento: começa o relato com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), como se perguntasse se poderia inventar, denigre a figura materna ao designá-la de “empregada”, de seguida faz uma denegação (A2 11), devido à angústia que a imagem lhe transmite. Continua a história, identificando-se projectivamente com a personagem central, que descreve como tendo engravidado precocemente, sendo imatura para desempenhar o papel materno. A maternidade é vivenciada com remorsos e culpabilidade (A2 17, A2 18), necessitando de regredir, mantendo-se enquanto filha, para obter o apoio da “mãe” e aprender com esta a cuidar do bebé (C/M1). Termina dando um silêncio intra-relato (C/Fo1), fazendo um comentário de modo crítico em relação à maternidade precoce e à sua incapacidade e imaturidade (B2 8).

Problemática: o tema centra-se na imaturidade e incapacidade da rapariga em desempenhar o papel materno, tendo de se adaptar rapidamente, estando subjacente o sentimento de culpabilidade por ter engravidado.

Análise: o sujeito 108 começa a sua resposta com um pedido de ajuda ao clínico, como se perguntasse se podia ser livre, se podia contar o que quisesse, e de seguida pergunta se a figura materna seria a “empregada”, desvalorizando-a e distanciando-a. Faz uma denegação, e prossegue o seu relato, identificando-se projectivamente com a rapariga, que havia acedido à maternidade precocemente “ (...) muito cedo (...)”. Todavia, a sua defesa não se consegue manter, e acaba por denominar a figura materna de “mãe”, que aceita a maternidade da filha, ajuda-a e ensina-a a cuidar do bebé, deste modo, identifica-se com o modelo materno desta. A rapariga está “ (...) arrependida (...)” e sente-se culpada, pelo facto de ter engravidado. Após o sujeito ser questionado sobre que final daria à história, faz um silêncio intra-relato.

Continua a sua história dizendo, que a rapariga é imatura sendo, por isso, obrigada a crescer, de modo a desempenhar a função materna “ela... não tá desenvolvida, a mentalidade dela não é suficientemente boa para ela ser mãe, teve de crescer cedo, teve de crescer rápido”. Este

comentário final é dado, quase sobre a forma de crítica, de culpabilização pelo facto de ter engravidado precocemente. O conflito expresso nesta história é o conflito intrapsíquico, que se centra na maternidade precoce da rapariga, que é vivenciada com sentimentos de culpa e tristeza, reconhecendo a sua imaturidade. A solução utilizada pelo sujeito é a solução do conflito por dependência de ajuda exterior, uma vez que, permanece com a sua “mãe”, no sentido de aprender com esta, a desempenhar a função materna.

O mecanismo de defesa utilizado nesta história é a negação, revelando, deste modo, alguma angústia e ansiedade. Relativamente às denominações das personagens, o sujeito 108, não atribui uma designação em relação à rapariga, tratando-a simplesmente por “ela” sendo uma forma de distanciamento e de não identificação. Esta personagem é percebida enquanto imatura, necessitando do apoio da “mãe”, para aprender o papel materno, embora se assuma enquanto “mãe”. Está implícita uma crítica, no facto de a personagem ter engravidado, realçando que “ela teve um filho muito cedo (...)”. A figura materna, começa por ser designada de “empregada”, no pedido de ajuda que o sujeito faz ao clínico, de modo a desvalorizá-la e enquanto defesa, mas esta defesa acaba por sucumbir e designa-a de “mãe”. A personagem “mãe” é percebida enquanto uma boa imago, apoiante e contentora, com a qual a filha se identifica.

Sujeito 109 – 10” A mãe está a contar-lhe uma história, e a rapariga estava a segurar pronto a irmã, e distraiu-se e deixou cair a bebé. A mãe ficou zangada e pôs a filha de castigo. Disse que ficava de castigo até que lhe apetece-se. A filha tentou provar que estava arrependida e para a mãe acreditar nela. Passado algum tempo a mãe acreditou nela e ficou tudo bem. 1’59”

B2 1; A2 13; B2 8; C/M3; B2 4; B2 5; A2 4; B2 7;

Procedimento: inicia o relato com uma entrada directa na expressão (B2 1), numa relação entre mãe e filha através da intelectualização (A2 13), descrevendo a rapariga com o bebé ao colo, seguido de uma exclamação “pronto” (B2 8), e faz uma pirueta (C/M3) ao deixar cair o bebé. Expressa afectos fortes (B2 4), na reacção da mãe que acaba por punir a rapariga, de modo dramatizado, durante um tempo indefinido (B2 5). Contudo a mãe após um afastamento têmporo-espacial (A2 4) perdoa a filha. Verifica-se um sentimento de culpabilidade da rapariga e o seu arrependimento face a tal situação porque a mãe se zangou com ela e não pelo facto de ter agredido a irmã. Termina a história com a realização mágica do desejo (B2

7), em que mãe e filha fazem as pazes.

Problemática: centra-se no facto de a rapariga deixar cair o bebé e a reacção da mãe. A rapariga é descrita de modo imaturo deixando cair o bebé, quase como se este fosse um boneco, devido a uma distração, salientando-se contudo o conseqüente sentimento de culpa e arrependimento, devido a mãe se ter zangado com ela. A mãe é percebida enquanto superegógica, punitiva e castradora, sendo uma má imago materna.

Análise: o sujeito 109 começa a sua resposta com uma entrada directa na expressão, estabelecendo uma relação entre “mãe” e “filha” baseada na intelectualização, destituída de afectos. A “rapariga” agride a “irmã”, também deixando-a cair, embora haja uma intencionalidade neste acto, está implícito também a sua imaturidade, porque ao dar atenção à “mãe”, e ao que esta estava a relatar “ (...) distraiu-se e deixou cair a bebé”. Como se a “mãe” estivesse a contar uma história a ambas as filhas e a “rapariga” deixasse cair o bebé, sem que a “mãe” se apercebesse, para poder ter esta só para si, como se pudesse fazer com que a sua “irmã” desaparecesse, para permanecer numa relação dual. Por outro lado, também é a forma que utiliza para poder castigar a “mãe”, demonstrando a sua zanga e revolta por ter tido uma outra filha, é como se esta, a tivesse substituído, retirando-lhe assim, o amor e atenção. Ressalta-se facto, de dar uma hesitação, antes de colocar o bebé/boneco enquanto “irmã”.

A “mãe” reage, ficando “zangada” com a “rapariga”, punindo-a severamente, durante um período indeterminado de tempo, “ (...) ficava de castigo até que lhe apetece-se”. A “rapariga” teve de provar à “mãe” que estava arrependida, para que esta a pudesse perdoar, sendo dado um distanciamento no tempo, até que esta finalmente a perdoou. Contudo, a “rapariga”, não se culpabiliza pela sua agressão, mas sim pelo facto de a “mãe” se ter zangado com ela, tendo medo de perder o seu amor. O sujeito termina a sua história, com a realização mágica do desejo, em que “ (...) ficou tudo bem”, restaurando-se a harmonia na relação entre a “mãe” e a “rapariga”. O conflito expresso nesta história, é estabelecido entre a “rapariga” e “mãe”, embora a agressividade da primeira seja manifestada na “irmã”. A causa de tal conflito, deve-se por um lado, ao facto de querer castigar a “mãe”, por a ter substituído com outra filha, e por outro lado, devido à inveja e rivalidade fraterna, que lhe usurpou o seu lugar privilegiado face ao objecto de amor.

A solução utilizada pelo sujeito foi a realização mágica do desejo, tendo terminado tudo bem,

sendo restabelecida a harmonia na relação entre “mãe” e filha. Os mecanismos de defesa utilizados pelo sujeito são, a formação reactiva, por ter deixado cair a “irmã” devido a uma distração, tentando dissimular a sua intencionalidade, colmatado por um final idílico da história; o deslocamento, uma vez que, não pode agredir directamente a “mãe”, opta por castigar a “irmã”; e a regressão, porque além de a “rapariga” se manter enquanto filha, também rivaliza com a “irmã”, como se estivesse ainda na infância. A rapariga é denominada de “rapariga”, sendo percebida enquanto infantil, imatura, e dependente da figura materna, rivalizando com a “irmã” pela atenção e amor desta. A figura materna é denominada de “mãe”, que é percebida enquanto superegógica, ao puni-la de modo austero, castradora, e culpabilizante para a filha. A “irmã” é considerada pela “rapariga”, uma rival, um obstáculo, que a separa da atenção e amor total da figura materna, simultaneamente, indicia uma recusa da própria maternidade.

Sujeito 110 – 10” Contar uma história? Começa-se era uma vez ou coisa assim? Era uma vez, uma mãe muito irresponsável, ela não, não fazia as suas responsabilidades, dizia sempre para a sua filha fazer as suas responsabilidades. Um dia, a mãe estava a ler uma história, a ler um livro, e a sua filha a pegar no irmão quando ele começou a chorar, a mãe ficou no seu lugar e não disse nada. A filha olhou para ela com um ar, uma cara muito chateada. Disse a filha para a mãe: “mãe o menino tá a chorar, o que faço?” mas a mãe não disse nada, continuou na mesma. A filha ficou muito chateada e levou o irmão para o quarto. A mãe reparou que a filha não lá estava e foi ter com ela. A mãe perceber que a filha tava a fazer todas as tarefas dela e a partir daí ajudou-a. 4`10”

C/C2; A2 4; A2 4; A2 13; B2 4; B2 3; C/N4; B2 4; B2 3; B2 4; B2 2; B2 7;

Procedimento: começa a sua história, com dois pedidos de ajuda ao clínico (C/C2), seguida de um afastamento tempo-espacial (A2 4), denegrindo a personagem mãe. Faz um novo afastamento tempo-espacial (A2 4), introduzindo um afastamento entre a mãe e os filhos, uma vez que está a ler um livro (A2 13), mas é estabelecida uma relação entre a rapariga e o bebé afectuosa. São expressos afectos fortes (B2 4) da parte da filha, quando o bebé chora e a mãe não o contém, introduzindo um relato em diálogo (B2 3) procurando o apoio da mãe que continua a ler (C/N4), não contendo o filho e permanecendo desinteressada, tendo a sua filha de o acalmar e conter, substituindo a mãe nessa tarefa, continuando “muito chateada” (B2 4). Após verificar que estava sozinha é que se apercebeu da sua negligência e foi ter com a filha,

ajudando-a nas tarefas que seriam suas. Termina com a realização mágica do desejo (B2 7).

Problemática: centra-se no conflito entre “mãe” e “filha”, devido à negligência, desinteresse e irresponsabilidade da primeira, tendo a “filha” de suprir as dificuldades da figura materna.

Análise: o sujeito 110 inicia a sua resposta, com um pedido de ajuda ao clínico, colocando-se numa atitude anaclítica, faz um afastamento têmporo-espacial, dando o anonimato da figura materna, que é caracterizada enquanto “ (...) uma mãe muito irresponsável (...)”. A “mãe” delega todas as suas responsabilidades na “filha”, inclusive a função materna. O sujeito faz um afastamento têmporo-espacial, a “mãe” está a ler, quando o bebé começa a chorar, esta manteve-se no seu lugar, sem expressar alguma reacção e sem conter o bebé. A sua “filha”, fez um ar recriminatório, ficando zangada com a passividade e desinteresse da “mãe”, perguntando-lhe o que haveria de fazer para conter o bebé, “mãe o menino tá a chorar, o que faço?”, porém, não obteve resposta. Há uma inversão de papéis, relevante tanto para o facto de se entender aqui uma má imago materna (abandónica e negligente) como para o facto de se verificar a projecção da capacidade materna e de contenção, que colmatam, muito em jeito também de rivalidade materna, a ausência e as falhas da figura materna.

A “filha”, continuando zangada com a mãe devido à sua irresponsabilidade e falta de interesse, pega no “irmão” e leva-o para o quarto. A “mãe” ao reparar que estava sozinha, apercebe-se que é uma má mãe, e foi ter com a “filha”, revelando assim a sua dependência face a esta. O sujeito conclui a história, com a realização mágica do desejo, através de uma transformação mágica da “mãe”, tendo esta se apercebido que era muito ausente, má mãe, e que havia delegado todas as suas tarefas na sua “filha”. A partir desse momento, começa a ajudá-la, i.e., permanece dependente da “filha”, não assumindo totalmente os seus deveres. O conflito manifestado nesta história é entre a “filha”, que é obrigada a assumir o papel materno, e a “mãe” que renuncia essa função. A “filha” vê-se obrigada a suprir as deficiências da “mãe”, tendo de desempenhar o papel materno, o que a impede de permanecer infantil. A solução utilizada é a realização mágica do desejo, porque a “mãe” tenta-se tornar numa boa mãe, e a solução do conflito por ajuda de dependência exterior, porque permanece dependente, ao não assumir totalmente as suas funções.

O mecanismo de defesa utilizado é a regressão, assiste-se quase que a uma troca de papéis, entre “mãe” e “filha”. A rapariga é denominada de “filha”, sendo ela que tem de desempenhar

as funções da sua “mãe”. Desse modo, é percebida enquanto hipermadura, responsável e capaz de assumir a função materna, ao ter de substituir a “mãe” nos cuidados maternos. A “filha” não se identifica com a “mãe”, há um jogo de culpabilizações mútuas. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo caracterizada enquanto uma má imago, irresponsável, dependente, passiva, ausente, e negligente. Há uma tentativa de reparar a má imago materna, mas a projecção agressiva é tão forte que essa reparação é insuficiente, a “mãe” não assume por completo o seu papel, tendo de necessitar do auxílio da filha. Por outro lado, poder-se-á dizer que há também alguma rivalidade entre mãe e filha, porque a filha é descrita com uma hipermaturidade, é idealizada, e quando finalmente a “mãe” quer assumir o seu papel tem de permanecer com a ajuda da filha, está inerente a ideia de que a filha consegue suplantar a “mãe” nos cuidados maternos.

Sujeito 111 – 12” Era uma avó que tava a contar uma história à menina e enquanto a avó contava a história, a menina embalava o bebé, supostamente é isso. (?) O bebé é da mãe desta menina que está aqui. (?) A avó acabava de contar a história e a menina ia pôr o bebé naquela coisa como se chama, não é carro, berço. 1`53”

B2 1; A2 4; C/Fo3; B2 8; B1 1; B1 2; C/Fa2; B2 2; B2 8;

Procedimento: inicia a história com uma entrada directa na expressão (B2 1), faz um afastamento têmporo-espacial (A2 4), faz um anonimato da personagem mais velha (C/Fo3) que descreve enquanto avó, numa posição relacional, uma vez que está a contar uma história aos netos, enquanto a rapariga continha o bebé a seu colo, fazendo um comentário (B2 8), e construindo uma história à volta de uma fantasia pessoal (B1 1). Descreve o bebé como sendo da mãe da rapariga, introduzindo desta forma um personagem que não figura na imagem (B1 2). Termina o relato com uma fabulação fora da imagem (B2 2), descrevendo que após o fim da história da avó, o bebé é colocado no berço, fazendo um comentário (B2 8) por inicialmente não se conseguir lembrar do termo correcto.

Problemática: não é dado um conflito, uma vez que a “menina” desempenha a função de substituta materna, na presença da sua “avo”, figura esse na qual é projectada a mãe ideal, de modo, a não haver rivalidade nem culpabilidade.

Análise: o sujeito 111 inicia a sua resposta com uma entrada directa na expressão, dando uma

precaução verbal e o anonimato da figura materna, que denomina de “avó”. A “avó”, relatava uma história à “menina”, enquanto esta, por sua vez, embalava e continha o “bebé”, deste modo desempenhava o papel de substituta materna, fazendo o sujeito de seguida, um comentário. O sujeito refere que o “bebé” é irmão da “menina”, deste modo, não há culpabilização, nem conflito. O sujeito termina a história, tendo a “avó” acabado a sua história e a “menina” colocando o irmão no berço. Não é dado um conflito nesta história, porque o “bebé” é irmão da “menina”, e a figura materna é a “avó” e não a mãe da “menina”, permitindo que possa desempenhar o papel de substituta materna. Dessa forma, também não é dada uma solução.

O mecanismo de defesa utilizado é o deslocamento da figura materna para a avó, que permite colocar-se no lugar da mãe (entre a avó e o bebé), sem que tenha de haver a rivalidade com a mãe, e ao mesmo tempo que permite também substituir a mãe pela avó, indiciando a insuficiência relacional da primeira. A rapariga é denominada de “menina”, sendo caracterizada enquanto imatura, e infantil deseja assumir o papel materno, identificando-se à “avó” e também à sua mãe, embora só o consiga assumir na ausência desta, está inerente o desejo de a substituir nos cuidados maternos. A figura materna é denominada de “avó”, de modo a haver um distanciamento, para que a “menina” possa assumir o papel materno na ausência da sua mãe, assim não existe culpabilidade nem conflito, ou seja, rejeita a figura materna substituindo-a pela mãe ideal. Esta substituição da mãe pela “avó” poderá ser indicador de uma má imago materna ou pelo menos superegóica, tendo a “menina” receio da retaliação desta.

Sujeito 112 – 24” Era uma vez, uma senhora que tinha uma filha... que já era mãe, e essa senhora estava a ler um livro para ela saber tratar do filho dela. (?) A mãe punha-a fora de casa, porque ela não a queria ouvir. 1`59”

B2 1; A2 4; A2 15; C/Fo3; C/Fo1; A2 13; A2 14; B2 5; B2 4;

Procedimento: começa a história com uma entrada directa na expressão (B2 1), através de um afastamento têmporo-espacial (A2 4), isolando as personagens (A215) e dando o anonimato das mesmas (C/Fo3), seguida de uma pausa intra-relato (C/Fo1) de modo defensivo. Estabelece o tipo de relação funcional entre as personagens, uma vez que, o ensinamento é dado através do livro (A2 13), indicando a transmissão de conhecimentos maternos, de outrem

para a mãe e desta para a sua filha. Conclui havendo uma mudança brusca no decurso da história (A2 14) de forma dramatizada e com expressão verbalizada de afectos fortes (B2 5, B2 4) com rejeição da mãe perante o desinvestimento da filha.

Problemática: é um tema de iniciação para a identificação feminina. A mãe tenta ensiná-la a cuidar do bebé mas a filha rejeita, i.e., tenta que a filha seja uma mãe igual a ela e ao ser recusada essa identificação, a mãe castiga-a com a rejeição.

Análise: o sujeito 112 começa a sua história, com uma entrada directa na expressão, através de um afastamento têmporo-espacial, e dando o anonimato da figura materna, que designa de “ (...) uma senhora (...)” e da rapariga “ (...) uma filha (...)”. Estabelece uma relação entre as personagens, tratando-se de “mãe” e “filha”, dando em seguida um silêncio intra-relato, revelando alguma ansiedade. Continua a sua história, dizendo que a rapariga já havia acedido à maternidade, estando a sua “mãe” a transmitir-lhe o ensinamentos de como cuidar do bebé, através de um livro, observa-se assim, um distanciamento. Verifica-se uma tentativa por parte da “mãe”, em tentar que a “filha” siga o seu modelo materno, ou seja, seja uma mãe como ela. Após lhe ser questionado que fim daria à história, o sujeito conclui tendo a “mãe” punindo a “filha” expulsando-a de casa, porque esta não estaria interessada em a ouvir.

Observa-se uma ambivalência na imago materna, uma vez que, no início do relato a mãe surge como uma figura presente e apoiante, que ajuda a cuidar nos cuidados maternos, no entanto, essa imagem é alterada, numa mudança brusca de registo, do controlo intelectualizado para o impulso da agressividade da mãe para a filha, que evidenciam uma imago materna repressiva e castradora. O conflito manifestado nesta história, é entre mãe e filha, devido ao desejo de a “mãe” querer que a “filha”, seguisse o seu modelo materno, i.e., fosse uma mãe igual a si, e a “filha” que se recusa a identificar e a seguir esse mesmo modelo, preferindo assumir a função materna de modo diferente. Essa diferença de modelos conduz à rejeição da “filha”, por parte da sua mãe”, como forma de castigo, por não aceitar a sua dissemelhança na função materna. Há assim uma posição mais autónoma e adulta, porque a personagem central assume a função materna, querendo ser uma mãe diferente da sua.

Não é dada uma solução para resolver o conflito, ou seja, sujeito não é capaz de reparar a relação entre “mãe” e “filha”. O mecanismo de defesa utilizado pelo sujeito é a intelectualização, uma vez que, embora seja estabelecida uma relação entre os personagens,

esta é destituída de afectos, e centrando-se no modo de pensar e no comportamento a seguir. A defesa intelectual falha no final do relato, dando espaço para o impulso agressivo numa projecção que no início do relato não surgia explícito, e que se refere à intencionalidade de fuga e separação da filha em relação à mãe, e da sua fantasia de rejeição perante o seu desejo de individuação. O sujeito denominou a personagem rapariga de “filha”, que se recusa a identificar com a sua “mãe” na função materna, assumindo por isso, essa função plenamente, colocando-se num papel adulto, autónomo e independente. A figura materna é denominada de “senhora”, de modo a haver um distanciamento e uma não identificação, por parte do sujeito, face a esta personagem.

A “senhora” é percebida inicialmente enquanto, apoiante e contentora, aceitando a maternidade da “filha”, transmitindo-lhe os seus ensinamentos maternos. Todavia, é dada uma reviravolta na história, quando a “senhora” se apercebe da falta de interesse da “filha”, e no facto de esta recusar-se ser igual a ela, acabando por a punir com a rejeição, só a aceitando se ela for igual a si, evidenciando alguns traços narcísicos. Esta é um a má imago materna que não consegue aguentar a diferença, poder-se-á tratar de uma mãe double-bind que acolhe e ao mesmo tempo pune, quando os seus desejos não são satisfeitos. É importante salientar, que ambas as personagens são dadas enquanto anónimas, “ (...) uma senhora que tinha uma filha (...)”, de modo a que, o sujeito se possa distanciar, e evitar se projectar nas personagens, e para evitar dar uma relação afectiva entre as personagens, embora na conclusão sejam expressos afectos fortes.

Sujeito 113 – 6” (ri) É um bebé ao colo? A mãe está a contar uma história ao filho para adormecer, não sei. Esta rapariga parece um bocado chateada por estar ali, se calhar é filha da senhora e tá com ciúmes por ser tão nova, não sei! (?) A filha ou a empregada está a contar a história ou a mãe para adormecer. 1`50”

C/C1; C/C2; A2 13; A2 11; A2 18; A2 3; C/N4; A2 11; B2 11; E11; B1 2;

Procedimento: inicia o relato através da defesa maníaca (C/C1), seguida de um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), para confirmar se se trata do facto de um bebé. A mãe está a dar atenção ao filho através da intelectualização (A2 13), a rapariga sente-se excluída da relação, surgindo assim a rivalidade face ao bebé, denegando em seguida (A2 11), de modo defensivo. Caracteriza a personagem jovem através da expressão de afectos à mínima (A2 18), seguida

de uma precaução verbal (A2 3) e identificando-a como filha da “senhora”, e através de uma postura significativa de afectos (C/N4), denegando em seguida (A2 11). Termina com uma confusão de identidades (E 11) e introduzindo uma personagem que não figura na história (B1 2) de modo a desvalorizar a figura materna.

Problemática: centra-se na rivalidade da “rapariga” face ao bebé, e ao sentimento de exclusão desta, na relação entre a “mãe” e o irmão.

Análise: o sujeito 113, começa por utilizar a defesa maníaca, e faz um pedido de ajuda ao clínico, devido à angústia sentida, referindo-se ao bebé/boneco. Começa a relatar a sua história, estabelecendo uma relação entre a figura materna, que é denominada de “mãe”, e o bebé/boneco, que é denominada de “filho”, baseada na intelectualização e destituída de afectos, no sentido de o conter e o adormecer, fazendo em seguida uma denegação. Refere que a rapariga, “ (...) parece um bocado chateada por estar ali (...)”, sente-se excluída da relação entre a “mãe” e o irmão, ficando com “ciúmes”, devido à sua imaturidade, fazendo uma nova denegação. Conclui, dando uma confusão de identidades, sobre quem adormeceria o bebé, inserindo uma personagem que não consta na imagem, a “empregada” de modo a denegrir e a desvalorizar a “mãe”, por ter tido um outro filho, que a substituiu.

O conflito expresso nesta história centra-se na rivalidade fraterna, e no ciúme da “rapariga” face à relação privilegiada que o irmão e a “mãe” mantêm, sentindo-se excluída. Não é dado uma solução do conflito, apenas uma confusão de identidades sobre quem adormeceria o bebé, “a filha ou a empregada está a contar a história ou a mãe para adormecer”, o que vem salientar a rivalidade face a este. Se for a “rapariga”, poder-se-á pensar no desejo de o adormecer para finalmente receber atenção da sua mãe, e a poder ter só para si. É introduzida uma personagem que não figura na história a “empregada”, de modo a denegrir a imagem da mãe talvez devido aos sentimentos de exclusão e ciúme face ao irmão. Caso seja a mãe a tentar adormecer o bebé, permanece uma relação dual, em que a filha se encontra excluída e zangada com a mãe por ter concebido um outro que lhe veio ocupar o seu lugar.

Os mecanismos de defesas utilizados são, a defesa maníaca, o riso, surge logo no início como reacção à angústia que a imagem lhe suscita; e a negação, porque a rivalidade, os ciúmes e a zanga em relação à “mãe” é tão forte, que tem necessidade de negar o que elaborou, para se conseguir conter. A rapariga é denominada de “rapariga”, sendo percebida enquanto

imatura, infantil, tendo dificuldades em aceitar o irmão. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo percebida enquanto abandonada e negligente, não estabelece uma relação com a filha, apenas está interessada no bebé, ou seja, enquanto uma má imago materna. A “rapariga” sente-se excluída, concluindo a história colocando a “mãe” num papel de empregada, inferiorizando-a. O irmão é percebido enquanto um intruso, que vem ocupar o seu lugar, em relação à mãe.

Sujeito 114 – 9” Parece uma menina nova, com um bebé nos braços, uma senhora a ajudá-la e a menina parece preocupada... mais... a senhora estava a contar uma história para adormecer o bebé, para ajudar a menina. (?) O bebé acho que é da menina. A menina fica feliz com o bebé e tem todas as ajudas que precisar. 2`07”

A2 3; C/Fo3; C/Fa3; A2 18; C/Fo1; A2 17; C/Fo1; A2 13; B2 7;

Procedimento: inicia o discurso com uma precaução verbal (A2 3), faz o anonimato das personagens (C/Fo3), a personagem central é descrita enquanto infantil “ (...) menina nova (...)” e a personagem mais velha “ (...) uma senhora (...)”, que implicitamente seria a mãe da rapariga. Continua estabelecendo uma relação funcional entre as personagens (“menina” e “senhora”) face ao bebé, faz uma expressão de afectos à mínima por parte da “menina” (A2 18), seguida de duas pausas intra-relato (C/Fo1) de modo defensivo. Faz uma intelectualização (A2 13) de modo a estabelecer uma relação entre a senhora e o bebé, para o poder adormecer e também para auxiliar a “menina”, quase no sentido de conter o bebé, visto que a personagem jovem não consegue ou é incapaz de o conseguir. Conclui com a realização mágica do desejo (B2 7), com o apoio da “senhora”, ela consegue cuidar do bebé e ser feliz, está quase implicitamente o desejo de após o consentimento da mãe e com o seu auxílio ela consegue finalmente identificar-se com o papel materno e desempenhá-lo.

Problemática: centra-se na rapariga, que foi mãe precocemente, sentindo-se culpada por tal ter acontecido, e também está subentendido a incapacidade e a imaturidade da “menina”, em cuidar do bebé, necessitando do auxílio da mãe (senhora).

Análise: o sujeito 114 inicia a sua história com uma entrada directa na expressão, dando uma precaução verbal e o anonimato da rapariga que denomina de “ (...) uma menina nova (...)”, evidenciando a sua infantilidade e imaturidade. A “menina” está a segurar “ (...) um bebé

(...)", e tem " (...) uma senhora a ajudá-la (...)", deste modo, isola as personagens, não estabelecendo uma relação entre elas, de modo a distanciar-se e a evitar se identificar com as mesmas, tornando tudo banal. A " (...) menina parece preocupada (...)", porque se sente imatura e incapaz de assumir o papel materno, necessitando de apoio, que encontra nessa "senhora". O sujeito faz um silêncio intra-relato e um comentário, como se estivesse a tentar lembrar-se do que poderia acrescentar, e continua o seu relato, dizendo que a "senhora" estava a conter o bebé e a adormecê-lo, para ajudar a "menina", revelando uma vez mais, a incapacidade e imaturidade desta.

O sujeito indica que o "bebé" pertence à "menina", e conclui a sua história, com a realização mágica do desejo, permanecendo ambos felizes, tendo sempre o apoio de um outro objecto, provavelmente da "senhora". Desta forma, a "menina" mantém-se no seu papel de filha, delegando a função materna na sua mãe, que designa de "senhora", e não se assume totalmente enquanto mãe, uma vez que esta a ajuda. O conflito expresso nesta história é intrapsíquico, face à maternidade precoce da "menina", que se assume enquanto imatura para assumir o papel materno, delegando tal função na "senhora". A solução utilizada pelo sujeito é a realização mágica do desejo, ficando mãe e a filha felizes, e a solução de conflito por ajuda de dependência exterior, porque necessita de manter uma relação baseada na dependência da "senhora". Os mecanismos de defesa utilizados são, o isolamento, uma vez que, entre os personagens não é estabelecida uma relação, com a excepção da "menina" e do "bebé"; e a regressão, mantendo-se a "menina" infantil no lugar de filha, delegando a sua função materna na "senhora", que a ajuda incondicionalmente.

O sujeito denomina a rapariga de "menina nova", infantilizando-a através de um pleonismo, sendo percebida enquanto imatura e incapaz de desempenhar a função materna, que vivencia o sentimento de culpabilidade devido a experienciar a sua sexualidade e no facto de ter resultado um bebé. A figura materna é designada de "senhora" de modo a haver um distanciamento e um deslocamento entre as personagens, para poder colocar o bebé enquanto seu filho, minimizando os sentimentos de culpa. A "senhora" é percebida enquanto uma boa imagem, embora idealizada, que a auxilia e aceita sem conflitos. O facto de ter dado as personagens enquanto anónimas, permitiu que não haja rivalidade entre ambas, ou seja, a rapariga face à sua culpabilidade prefere o auxílio de uma pessoa anónima, porque caso se trata-se da sua mãe, essa culpabilidade seria maior e significaria igualar a posição de mãe.

Respostas dos sujeitos de 13 anos ao cartão 7GF do TAT

Sujeito 121 – 4” Talvez uma casa velha, a mãe estava a contar uma história à filha, enquanto ela brincava com um boneco ou uma boneca, não sei, parece. Acho que é mais ou menos isso.
(?) A mãe estava a ler-lhe uma história. 1`04”.

A2 3; A2 1; A1 1; A2 11; A2 3; C/Fo5;

Procedimento: inicia o relato fazendo uma precaução verbal (A2 3), descrevendo um pormenor raramente evocado (A2 1) – a casa – que descreve como sendo velha, desvalorizando-a e distanciando-a. Continua com uma história próxima do tema banal (A1 1). A “filha” revela um desinteresse face à história da “mãe”, preferindo brincar com o boneco, fazendo de seguida, uma denegação (A2 11) e uma precaução verbal (A2 3). O sujeito faz uma tentativa de recusa (C/Fo5), em relação ao fim da sua resposta, porém, conclui com uma imposição da “mãe”, que continua a contar-lhe a história.

Problemática: a “filha” está mais centrada em brincar com a sua boneca, ocupando um papel infantil, enquanto a “mãe” lhe relata uma história à qual a rapariga não presta atenção, quase como se a “mãe” não fosse nessa altura um objecto interessante. Observa-se uma tentativa de distanciamento em relação à “mãe”.

Análise: o sujeito 121 começa por dar uma precaução verbal, e por fazer referência à “casa”, que descreve como frágil, e deteriorada, ou seja, faz um deslocamento. A “mãe” está a relatar uma história à “filha”, mas esta não está a dar-lhe atenção, preferindo brincar com o seu “boneco” ou “boneca”, i.e., recusa os conhecimentos da “mãe”, de modo, a permanecer infantil, evitando crescer. O sujeito dá novamente uma precaução, e faz uma tentativa de recusa, concluindo a sua resposta, continuando a “mãe” a ler a história à “filha”. Observa-se assim, uma tentativa de imposição da “mãe”, que quer a atenção da “filha”, ignorando a vontade desta. Não é elaborado o conflito, embora haja uma tentativa de recusa dos ensinamentos maternos, de modo, a evitar crescer, não sendo, por isso dada a solução do conflito, apenas a imposição e insistência da “mãe”, em continuar a relatar a história.

O mecanismo de defesa utilizado é a negação, sendo elaborada uma história muito restritiva. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo percebida enquanto pouco contentora, distante e persistente, tentando impor a sua vontade à “filha”, de modo subtil. A rapariga é denominada de “filha”, sendo imatura e infantil, tentando adiar crescer, e para isso, não dá atenção ao que a “mãe” lhe tenta transmitir, estando a brincar com o seu boneco, sendo também uma forma de evitar um possível conflito com esta.

Sujeito 122 – 12” É para contar uma história sobre isto? Era uma vez, uma menina que tinha uma filha, mas ainda era muito nova. Parecia estar muito triste, porque foi uma gravidez indesejada. Como só tinha a ajuda da mãe, ficava muito preocupada sem saber... sem saber

como criar a filha. (?) Por um lado está muito contente, por outro não, porque foi mãe muito nova. 2`15”

C/C2; A2 4; B1 1; A2 3; A2 18; A2 17; C/Fo1; A2 8; A2 6; B2 6; B2 4;

Procedimento: inicia a resposta com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2). Distancia-se da imagem através de uma afastamento têmporo-espacial (A2 4), identifica-se com a rapariga, elaborando uma história à volta de uma fantasia pessoal (B1 1). Faz uma precaução verbal (A2 3) de modo a abordar o afecto depressivo (A2 18), fantasia à volta da gravidez, como tendo de assumir uma relação materna precoce e indesejada (A2 17), havendo uma certa rejeição do bebé, faz uma pausa intra-relato (C/Fo1) e uma ruminação (A2 8) ao reconhecer a sua imaturidade. Conclui com uma hesitação entre interpretações diferentes (A2 6) através de uma ambivalência entre a fantasia e a realidade e alternância entre estados emocionais opostos (B2 6), havendo uma ambiguidade de afectos fortes (B2 4).

Problemática: a imaturidade face a uma gravidez indesejada e o sentimento ambivalente de amor e tristeza em relação a esse objecto. A relação com a imago materna é anaclítica mas insatisfatória e pouco contentora.

Análise: o sujeito 122 inicia o seu relato, com um pedido de ajuda ao clínico. Faz um afastamento têmporo-espacial, dá o anonimato da rapariga, que designa de “ (...) uma menina (...)”, que havia acedido à maternidade precocemente “ (...) era muito nova”. O sujeito faz uma precaução verbal, ao abordar o sentimento depressivo, devido à maternidade indesejada, sendo esta, considerado um obstáculo em relação aos desejos da “menina”. A “menina”, revela uma dupla preocupação, relativamente à sua maternidade, por um lado, apenas tem o apoio da sua “mãe”, que surge enquanto último recurso, o que poderá indicar, que esta é insuficiente, incapaz de conter, e com a qual, não se identifica. Por outro lado, a maternidade conduz a sentimentos depressivos, de culpabilidade, de rejeição e de incapacidade, por ser ainda imatura, levando-a ao conflito intrapsíquico.

O sujeito conclui a sua história, dando uma ambivalência entre a realidade e a fantasia, ou seja, entre o facto de ter de assumir o papel materno, tendo de cuidar da sua “filha”, e o seu desejo de não querer crescer. Está latente o desejo de ser mãe, mas no futuro, o facto de tal ter ocorrido precocemente, leva-a a sentir-se incapaz de assumir tal responsabilidade, tendo de

abandonar a sua infância. O conflito presente nesta história é intrapsíquico, motivado pela gravidez precoce, sendo vivenciado por sentimentos depressivos, de imaturidade e culpabilidade, preocupando-se com a capacidade de desempenhar o papel materno. A solução encontrada é dada através da dependência de ajuda exterior e da ambivalência, entre a fantasia e a realidade, ou seja, entre o desejo que tinha em ser mãe, e a realidade de ter acedido à maternidade precocemente, o que a leva a questionar a sua capacidade materna.

Os mecanismos de defesa utilizados são, a ruminação, à volta da incapacidade e imaturidade no papel materno, que não é contido, nem através do auxílio da mãe; e a regressão, ao procurar o apoio da mãe e ao permanecer enquanto filha, porém, está latente uma preocupação em aprender e em desempenhar bem a função materna, não delega completamente tal papel à mãe. O sujeito 122 denomina a personagem central de “menina” “ (...) muito nova”, reforçando assim a infantilidade, a ingenuidade e a imaturidade. A “menina” não se identifica com a mãe no papel materno, uma vez que, esta não é suficientemente contentora, e é percebida enquanto insuficiente. A figura materna é designada de “mãe”, que surge enquanto auxiliar da “menina”, sendo percebida enquanto uma boa mãe, mas insuficiente, não sendo capaz de conter a filha. O bebé é do sexo feminino, talvez de modo a poder se identificar, de modo especular.

Sujeito 123 – 3” Ai meu Deus, não sei! Isto faz-me lembrar uma história de uma criança que teve outra criança!... (?) Não sei, não sei a sério! Não sei. (?) Por um lado era mau, porque ela é muito criança, não sei qual é o final. 1`53”

B2 8; B2 4; B2 5; B1 1; C/Fo1; A2 11; C/Fo5; A2 6; E1;

Procedimento: o tempo de latência é muito baixo, começa com uma exclamação (B2 8), exagerada (B2 4) e dramatizada (B2 5). A imagem leva-a a recordar de uma referência pessoal (B1 1) que não é explicada, e que a deixa muito perturbada, revelando também imaturidade empregando de seguida um silêncio intra-relato (C/Fo1). Faz uma denegação (A2 11) e uma tendência à recusa (C/Fo5), enquanto defesa, sentindo-se incapaz de elaborar a história. Termina indicando uma hesitação entre interpretações diferentes (A2 6), mas refere apenas o lado negativo, enfatizando novamente a incapacidade e imaturidade da personagem e a sua incapacidade face a material que sente enquanto muito angustiante. Faz uma escotomização da figura materna (E1), poder-se-á dizer que devido a ser percebida

enquanto mau objecto, porque não contem e não serve de suporte. Verifica-se uma desorganização e dificuldade em dar uma resposta, identifica-se maciçamente com a personagem com grande ansiedade. A rapariga é vista como muito infantil, que não sabe tomar conta do bebé, ainda está muito dependente do mau objecto materno. Verifica-se uma ambivalência e uma angústia muito grande ao longo do discurso.

Problemática: a imaturidade e incapacidade da rapariga, em relação ao objecto (bebé), sentindo enquanto muito angustiante. Escotomização da imago materna podendo indicar que é percebida enquanto mau objecto que não contem e não serve de suporte, assim como, aumentaria a sua culpabilização.

Análise: o sujeito 123 começa a história com uma entrada directa na expressão, e com uma interjeição dramatizada, revelando uma grande angústia face ao cartão, seguida de uma denegação. O sujeito continua, fazendo uma alusão, a uma história que conhecia, “ (...) de uma criança que teve outra criança!...”, ou seja, a rapariga denominada de “criança” acedeu à maternidade precocemente o que conduziu a uma angústia muito grande. Há uma identificação projectiva muito grande face à personagem, o que a impediu de desenvolver mais a história. A maternidade é vivenciada enquanto um corte no desenvolvimento normal da “criança”, o que a obrigaria a crescer e assumir o papel adulto, para o qual ainda não estaria preparada. A maternidade é percebida com muitos fantasmas, que poderão estar relacionados com o facto de nesta idade haver a reemergência pulsional e o consequente acesso há sexualidade.

A maternidade conduz à desorganização psíquica, e à angústia. Após ser questionado sobre que fim daria à história, o sujeito começa por fazer denegações, e uma tentativa de recusa, mas acaba por tentar dar uma ambiguidade à história, da qual só refere a vertente negativa, reforçando uma vez mais, a imaturidade, a infantilidade, e a incapacidade da “criança”. A maternidade da “criança” conduz a um choque e a uma desorganização, assim como, à escotomia da figura materna. O conflito manifestado nesta história, centra-se no acesso prematuro à sexualidade, e por consequência, à maternidade, que é vivenciada como um choque e um corte abrupto no desenvolvimento, que obriga a personagem a perder a sua inocência e a sua infância, para adoptar um papel adulto. Se a personagem escotomizada, fosse referida e designada enquanto mãe, poderia conduzir a um conflito entre as personagens, e aumentaria o sentimento de culpabilidade. Porém, essa mesma escotomia poderá ser

reveladora de uma imago materna má ou insuficiente, que não possui uma capacidade de contenção e compreensão, não havendo assim a procura do seu auxílio.

A solução utilizada foi a ambivalência, tenta dar dois finais diferentes, mas expressa apenas o final negativo, manifesta assim o choque e a recusa da função materna, face à precocidade do acesso à maternidade. Os mecanismos de defesa utilizados pelo sujeito foram, a negação, tentando evitar a elaboração do que havia imaginado; e a regressão, porque embora haja a escotomização da figura materna, a rapariga é percebida enquanto “criança”. O sujeito denomina a rapariga de “ (...) muito criança”, reforçando a sua infantilidade, imaturidade, ingenuidade e incapacidade para assumir o papel materno. O bebé também é designado de “criança”, no sentido de colocar ambas as personagens inseridas ainda na infância, realçando que são ambas muito novas. É devido a esta diferença mínima de idades que se verifica o choque e a desorganização desta resposta. A figura materna é escotomizada, provavelmente de modo a não haver uma maior culpabilidade face à maternidade precoce.

Sujeito 124 – 17” Isto é o quê? Um boneco ou um bebé? A mãe deve estar a falar com a filha, não sei ou a dar conselhos. Não sei mais. (?) Feliz (?) A miúda tinha um bebé e a mãe ajudava e depois dava-lhe conselhos 2`10”

C/C2; A2 3; A2 11; B1 1; C/Fo5; C/M3; C/M1;

Procedimento: inicia a resposta com um pedido de ajuda feito ao clínico (C/C2), relativamente ao bebé/boneco. Continua dando uma precaução verbal (A2 3) e estabelecendo uma relação entre mãe e filha destituída de afectos, seguida de uma denegação (A2 11). Faz uma tendência à recusa (C/Fo5), conclui fazendo uma pirueta (C/M3) introduzindo na história o bebé/boneco, que é referido enquanto filho da “miúda”, estando a mãe a ajudá-la e a ensiná-la. Há uma hesitação entre uma posição infantil e uma posição adulta, entre ser apenas filha e ocupar também o seu papel de mãe, reconhece, deste modo, a imaturidade da personagem. A mãe é dada enquanto uma objecto de suporte, auxiliar, numa relação anaclítica (C/M1).

Problemática: a mãe surge como função anaclítica em que ensina a filha a ocupar um papel materno face ao bebé. Há uma ambivalência em relação à posição mãe ou filha.

Análise: o sujeito 124 começa a sua resposta, com um pedido de ajuda ao clínico, referindo-se ao bebé/boneco, de modo, a confirmar se se trata de um bebé ou de um boneco. Inicia a sua história, estabelecendo uma relação entre as personagens, tratando-se de “mãe” e “filha”, estando a primeira a transmitir alguns conselhos a esta última. O sujeito faz uma tentativa de recusa, mas conclui a história dizendo que as personagens iriam ter um final “feliz”, fazendo deste modo, uma formação reactiva. A sua defesa não se consegue manter e revela, que a “miúda” havia acedido à maternidade e que a mãe lhe estaria a dar conselhos, para que pudesse aprender a cuidar do bebé, e a desempenhar o papel materno., ou seja, estava a aprender a ser mãe.

Não é elaborado um conflito entre mãe e filha, uma vez que, a mãe a está a aconselhar, mas há um conflito intrapsíquico, implícito pelo uso da defesa de denegação e a recusa “ (...) não sei (...)”, “não sei mais”, na tentativa de não elaborar a maternidade, revelando uma culpabilidade, que se poderá dever ao facto de ter de abandonar precocemente a sua infância para desempenhar um papel adulto. A solução utilizada é a solução do conflito por dependência de ajuda exterior, porque a “miúda” necessita do apoio da “mãe” para aprender a ser mãe e a cuidar do bebé, identificando-se com o modelo materno desta. Os mecanismos de defesa utilizados são, negação, de modo, a evitar expressar a maternidade da “miúda”; a formação reactiva, em relação a ser um final feliz; e a regressão, porque a “miúda” permanece enquanto filha, dependente do auxílio materno.

O sujeito 124 designa a rapariga, inicialmente de “filha”, mantendo-se numa posição infantil e dependente, e posteriormente de “miúda” ao revelar a maternidade desta, de modo, a manter a infantilidade e a imaturidade, mas também desvalorizando-a. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo percebida enquanto uma boa imago, ajudando a filha a cuidar do bebé e transmitindo-lhe o seu modelo materno. É dada uma ambivalência em colocar a rapariga enquanto filha ou enquanto mãe. Embora inicialmente, não assuma completamente a sua função materna, porque carece do auxílio da mãe, devido à sua imaturidade, está implícito a preocupação em aprender a desempenhar totalmente tal papel, logo, há a fantasia da maternidade. Há um movimento progressivo, no caso do sujeito 124, em que apesar de a rapariga regredir ao papel de filha, tal deve-se à necessidade de apoio e ao facto de querer aprender a desempenhar o papel materno, para depois o assumir plenamente, está assim implícito o desejo de ser mãe e de desempenhar tal papel, não delega tal função na mãe. Deste

modo, tal regressão não é para se manter simplesmente enquanto filha, mas um recuar para poder progredir, ao aprender com a sua mãe a ser mãe, assumindo uma posição adulta.

Sujeito 125 – 32” Estão a ler não estão? Elas estão a ler, a mãe parece estar a contar uma história à filha, mas a filha parece estar um bocadinho a leste da história que a mãe está a contar. Parece não estar a gostar muito. A mãe está a ficar um bocadinho aborrecida com o comportamento da filha, mas vai continuar a contar a história até ao fim. Quando acabar, vai tentar começar outra do livro, mas a filha não vai deixar porque já está farta de ouvir a mãe a contar histórias, porque acha que já é suficientemente grande para estar a ouvi-las. Depois sai da sala e vai brincar para o jardim com o boneco talvez. Então aí a mãe fica furiosa. 3`34”

C/Fo1; C/C2; A2 13; B2 6; C/N4; C/Fa3; A2 18; B2 6; B2 4; B2 2;

Procedimento: inicia a resposta com um tempo de latência alto (C/Fo1), e com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2). Há uma relação baseada na intelectualização (A2 13), porém, verifica-se uma falha na comunicação, tendo cada personagem tem um desejo diferente (B2 6), sendo confirmado esse desinteresse pela postura da “filha” (C/N4). Há uma tentativa de afastamento da “filha” em relação à “mãe”, o que indicia o processo de individuação (C/Fa3), e uma expressão de afectos à mínima (A2 18) por parte da “mãe” em relação ao desinteresse da “filha”, embora continue a relatar a história. Após ter concluído a história, a mãe tenta relatar outra na tentativa de obter a atenção da filha, contudo, tal tentativa é rejeitada (B2 6), havendo uma expressão de afectos fortes (B24) da parte da filha, sendo assim projectada alguma agressividade no sentido da individuação face à mãe. Embora a “filha” recuse as histórias, mantém-se infantil ao ir brincar com o boneco para o jardim (B2 2), sendo dada em seguida uma precaução verbal (A 2 3). A história termina com um a expressão de afectos fortes (B 2 4), por parte da mãe.

Problemática: a imago materna é percebida como dependente. Observa-se um conflito entre “mãe” e “filha”, em que esta última se quer libertar do controlo materno, mas mantém-se infantil.

Análise: O sujeito 125 começa por fazer um pedido de ajuda ao clínico. Coloca as personagens a ler, mas de seguida, rectifica estando apenas a “mãe” a relatar uma história à “filha”, baseando a relação entre as personagens na intelectualização. A “filha” além de estar

desinteressada, revela também o seu desagrado face à história, e a “mãe” embora se aperceba e fique “aborrecida” insiste em continuar o relato, e inclusive em começar uma outra história. A “filha” recusa ouvir esse novo relato, considerando que este é desadequado e infantil, o que a leva a ir para o “jardim” brincar com o seu “boneco”, ou seja, permanece infantil, apenas necessita de se afastar do controle materno e dos conselhos maternos, porque a imago é insuficiente e dependente. Observa-se assim, a um conflito entre “mãe” e “filha”, motivado pela tentativa de fuga desta ao controle materno, através do afastamento espacial, uma vez que, vai sozinha para o jardim, e não o movimento de autonomia, porque esta quer manter-se infantil. A imago materna é percebida como dependente, zangando-se ao ser rejeitada.

Não é dada uma solução, apenas a reacção da “mãe” face à rejeição da “filha”. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo percebida enquanto dependente, que deseja impor a sua vontade, mesmo indo contra a da “filha”, e ao ser rejeitada, fica “furiosa”, ou seja não é capaz de suportar a rejeição. A rapariga é denominada de “filha”, infantil e imatura, que rejeita os ensinamentos e o controle maternos, desejando manter-se infantil. Não se observa, uma identificação à mãe na sua função materna, embora a fantasia de ser mãe possa estar latente no facto de brincar com o boneco, sendo ainda uma fantasia muito edipiana.

Sujeito 126 – 11” O que é que quer que eu lhe diga? Não sei! Uma rapariga com um bebé ao colo. Parece que tem uma mãe ao lado com um chapéu na mão, estão sentadas num sofá. A rapariga parece tar pouco interessada com aquilo que tem na mão. (?) Não sei! Talvez a miúda ficasse com o bebé, ficasse mais interessada, com os pais a ajudarem. 2`19”

C/C2; A2 1; A2 3; C/Fo3; A2 16; A2 3; C/N4; A2 3; B1 2; C/M1;

Procedimento: inicia a resposta com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), talvez no sentido defensivo face a alguma ansiedade face ao cartão. Continua revelando uma incapacidade em continuar (C/Fo5), dando de seguida uma resposta em que começa com uma precaução verbal (A2 3) e o anonimato das personagens (C/Fo3), “ (...) uma rapariga (...)”, “ (...) um bebé (...)” e “ (...) uma mãe (...)” que não a sua, prossegue evocando um pormenor mal percebido (A2 16) e isola as personagens (A2 15). Dá uma precaução verbal (A2 3) e uma descrição com apego a pormenores raramente evocados (A2 1) e introduz um elemento que não consta da imagem o “chapéu”.

Dá novamente uma precaução verbal (A2 3) e centra-se na postura da personagem para justificar o afecto presente (C/N4). Contudo, coisifica o bebé ao mencionar “aquilo que tem na mão”, demonstrando dessa forma o desinteresse e a rejeição da rapariga em cuidar do bebé, desvalorizando a importância deste e rejeitando a função materna. Após a questão do clínico sobre o fim que daria à história, dá uma precaução verbal (A2 3) e regride a personagem da rapariga para a de “miúda”, de modo a torná-la mais imatura e infantil. Termina com a possibilidade de um investimento e interesse face ao bebé, introduzindo a personagem do pai que não figura no cartão (B1 2) como mediador do conflito com a mãe, e salientando a relação anaclítica em relação aos pais (C/M1).

Problemática: centra-se na imaturidade e incapacidade da “rapariga”, em assumir a função materna, necessitando do apoio do “pais”, para aceitar a sua maternidade.

Análise: o sujeito 126 inicia o seu relato com um pedido de ajuda ao clínico, seguida de uma tentativa de recusa. Começa a relatar a história propriamente dita, dando o anonimato da rapariga, que designa de “ (...) uma rapariga”, e do bebé/bonco que denomina de “bebé”. Faz uma precaução verbal, e o anonimato da figura materna, que denomina de “ (...) uma mãe”, e introduz um elemento que não consta da imagem o “chapéu”. A “rapariga” não demonstra interesse pelo “bebé”, acedeu à sexualidade e à maternidade, sentindo-se imatura e culpada, rejeitando o bebé, quase que através de uma negação de que ele existisse, o que se pode observar na expressão “ (...) aquilo que tem na mão”, não o denomina, de modo a não o tornar real.

O sujeito conclui a história, podendo a “rapariga” interessar-se pelo bebé, se os seus “pais” a ajudassem e a apoiassem. A “rapariga” expressa o desinteresse e rejeição face ao bebé, estando latente a possibilidade de o entregar a alguém. A “rapariga” faz uma regressão ao papel de filha, não assumindo a função materna, delegando nos “pais” tal função, deseja manter-se infantil. Há o desejo expresso à mínima de ser mãe, que é ao mesmo tempo desorganizador, levando à negação do bebé. O sujeito 126 elabora o conflito, tendo a “rapariga” acedido à maternidade, mas tal é vivenciado com culpabilidade, imaturidade, desinteresse e rejeição. Utiliza a solução de conflito por ajuda de dependência exterior. O mecanismo de defesa utilizado é a regressão, uma vez que, a “rapariga”, se mantém no papel de filha, adiando a função materna.

O sujeito 126 denomina inicialmente a personagem na qual se projectou de “rapariga” e posteriormente de “miúda” ao manifestar o acesso à maternidade, deste modo, desvaloriza e denigra-a, colocando-a num papel mais infantilizado. A figura materna é denominada de “mãe”, surgindo de modo a ensinar a filha a aceitar e cuidar do bebé, sendo percebida enquanto boa, mas numa relação de anáclise. O bebé é rejeitado pela “rapariga/miúda”, sendo inicialmente descrito enquanto “ (...) aquilo que tem mão (...) ”, há uma coisificação do bebé, não o nomeando de modo a negá-lo e a não o tornar num ser real, que depende dela. O bebé é considerado um obstáculo face ao seu desejo da “rapariga/miúda” em permanecer infantil e ocupando apenas o papel de filha.

Sujeito 127 – 4” Isto é um bebé? Mas é uma história como? É pa dizer o que tá na imagem? É uma mãe com a filha, não! Isto não é uma mãe, é uma empregada. Tão no sofá, a empregada parece que tem um livro na mão, deve tar a contar uma história ao bebé que tá na mão da rapariga. E... a rapariga parece tar triste e pensativa, acho que já tá. (?) Então, não sei. O que é que eu hei-de dizer? Se calhar a irmã, o bebé ou então ela é adolescente e teve uma filha e não tá feliz porque perdeu a adolescência. 3`02”

C/C2; C/Fo5; A2 15; A2 1; A2 11; A2 1; C/Fa1; A2 3; C/Fo1; C/N4; C/Fo3; C/Fo4; B2 8; A2 3; C/Fo5; A2 3; B2 11; C/M3; A2 14; A2 18; A2 17;

Procedimento: após um reduzido tempo de latência, inicia a resposta com dois pedidos de ajuda ao clínico (C/C2) e uma necessidade de questionar (C/Fo5), em relação ao bebé/boneco no sentido de obter uma confirmação e em relação à história. De seguida isola os personagens (A2 15) desvalorizando a figura materna, que passa se “mãe” a “empregada” e faz uma descrição (A2 1) mas denega tal afirmação (A2 11). Prossegue descrevendo a imagem (A2 1) sem elaborar um conflito (C/Fa1). Dá algumas precauções verbais (A2 3) e um silêncio intra-relato (C/Fo1), descreve a rapariga através da postura significativa de afectos (C/N4), há um anonimato das personagens (C/Fo3) não se sabendo o tipo de relação entre a rapariga, o bebé e a empregada, e o motivo da tristeza da rapariga não é evocado (C/Fo4), concluindo com uma expressão de alívio (B2 8).

Após a questão do clínico, dá uma precaução verbal (A2 3), e tem uma necessidade de questionar (C/Fo5). Continua com uma precaução verbal (A2 3), uma instabilidades nas identificações (B2 11) e uma pirueta (C/M3), com alteração brusca no decurso da história (A2

14) em que o bebé seria da rapariga e esta estaria triste (A 2 18) com a sua situação, dando deste modo acento aos conflitos intrapessoais (A2 17).

Problemática: é dada uma ambivalência, relativamente à rapariga, que é descrita enquanto irmã, e depois enquanto a “mãe” do bebé. Desta forma, há uma tentativa de não elaborar a maternidade, devido à imaturidade, culpabilidade e evitamento de um conflito com a figura materna.

Análise: o sujeito 127 começa a sua história com um pedido de ajuda ao clínico, colocando-se numa atitude anaclítica. Começa por estabelecer a relação entre as personagens, como “mãe” e “filha”, fazendo de seguida uma denegação, afirmando se tratar de “ (...) uma empregada (...)”, desvalorizando-a. A “empregada”, relata uma história ao “bebé” que a “rapariga” segura, dando-lhe assim, a sua atenção. O sujeito faz um silêncio intra-relato, e continua, dizendo que “ (...) a rapariga parece tar triste e pensativa (...)”, deste modo, aborda o sentimento depressivo e o conflito intrapsíquico. O sujeito faz uma tentativa de recusa, e um pedido de ajuda ao clínico, concluindo a história revelando que, o “bebé” é da “rapariga” tendo, esta perdido a sua adolescência, apesar de ainda tentar colocar o “bebé” enquanto irmã.

O sujeito 127 manifesta o conflito intrapsíquico da “rapariga” ao ser mãe do bebé, apesar de tal apenas ser mencionado no fim da resposta, e após a ter dado enquanto irmã, o que revela uma tentativa de fuga, sentimentos de culpabilidade e tristeza pela adolescência perdida. O bebé é percecionado enquanto um obstáculo ao seu desenvolvimento normal e à vida que desejava para si. Não é dada uma solução do conflito, uma vez que a “rapariga” fica conformada com o facto de ter de adoptar um papel adulto. A maternidade é vivenciada com sentimentos de culpabilidade, imaturidade e tristeza, porque como consequência perdeu a sua adolescência, sendo obrigada a crescer precocemente, embora esteja latente o desejo de ser mãe.

Os mecanismos de defesa utilizados pelo sujeito são, a regressão, porque a “rapariga”, se mantém no papel de filha, dependente da “mãe”; e o isolamento, não sendo estabelecida nenhum tipo de relação afectiva entre as personagens. O sujeito 127, designa a rapariga primeiramente de “filha” de modo a estabelecer uma relação com a figura materna, depois de “rapariga” para haver um afastamento face a esta, e ainda a tenta colocar enquanto “irmã” do bebé, mas tal não se mantém, terminando por a designar de “adolescente”, manifestando a sua

imaturidade em ter de assumir a função materna. Verifica-se, ao longo destas mudanças de denominações, alguma angústia e culpabilidade em estabelecer uma relação entre esta personagem e o “bebé”, até finalmente o colocar enquanto “filha”.

A figura materna, também sofre uma mudança de designação, sendo inicialmente dada enquanto “mãe”, passado de seguida para “empregada”, de modo a denegri-la e a desvalorizá-la, para poder colocar a “rapariga” enquanto mãe, assim não é elaborado nenhum conflito, nem rivalidade entre as personagens. A imago materna é percebida enquanto insuficiente e desvalorizada. O “bebé”, passa de irmã a “filha”, devido à defesa que não se consegue manter. O facto de ser dada enquanto “filha” pode querer significar uma identificação especular, de modo a facilitar a aproximação entre mãe e filha, uma vez que, inicialmente é rejeitada, por roubar a adolescência da mãe.

Sujeito 128 – 3” Acho que se trata de uma família pobre, em que a irmã toma conta do irmão mais pequeno, enquanto a mãe olha para ver se o bebé está contente, está bem enquanto lhes conta uma história. (?) Que a miúda era responsável porque a mãe tinha... tinha confiança nela. 1`27”

A2 3; C/Fa1; C/Fa3; A2 18; A2 13; A2 3;

Procedimento: após um tempo de latência muito reduzido, inicia a resposta com uma precaução verbal (A2 3), descrevendo a imagem (C/Fa1), em que a rapariga substitui a “mãe” nos cuidados maternos, revelando desse modo um acento inscrito no fazer (C/Fa3). A “mãe” dá atenção ao bebé de modo a ver de este se encontra bem (A2 18), voltando de seguida à sua leitura (A2 13). Não há conflito e os sentimentos são expresso à mínima. Conclui com uma precaução verbal (A2 3) e com a prerrogativa da irmã mais velha, que deseja aprender a desempenhar as funções maternas.

Problemática: a imago materna é percebida enquanto boa, uma vez que a ensina e permite que a filha a substitua nos cuidados maternos. A rapariga considera uma honra o facto de a mãe a considerar responsável, permitindo que esta a substitua.

Análise: o sujeito 128 inicia a resposta com uma precaução verbal, identificando os personagens como pertencendo à mesma família, caracterizando-a enquanto “pobre”, o que

poderá significar pobreza emocional, falta de afectos. A rapariga está a fazer de substituta materna, sob o olhar da “mãe”, desta forma não há conflito, nem rivalidade porque a “mãe” se encontra presente e está-lhe a ensinar a cuidar do “irmão”. Observa-se, uma preparação da função materna, a “irmã” identifica-se à “mãe” neste papel, seguindo os seus conselhos, deste modo, há a gratificação da filha que pode ocupar o lugar da mãe, e o facto desta deixar é considerado uma honra, porque a considera responsável. Em relação ao conflito, este não é verdadeiramente expresso, uma vez que, apesar de a filha estar a cuidar do seu “irmão”, fã-lo sobre o olhar atento da “mãe”, não havendo assim um abandono ou negligência da parte desta.

Contudo, esta substituição dos cuidados maternos, por parte da filha, por um lado, leva-a a desempenhar um papel adulto, mas que ela já consegue desempenhar, podendo-se considerar uma hipermaturidade, sendo que ela é ainda nova, e assim consegue agradar à “mãe”. Por outro lado, também satisfaz o seu desejo de substituir o lugar da mãe, com o consentimento desta, preparando-se para aprender assumir esta função no futuro. A conclusão da história, revela essa confiança, e responsabilidade da parte da “mãe” em relação à filha, e a hipermaturidade desta. Verifica-se assim, a prerrogativa da “irmã” mais velha, que gosta de substituir a “mãe” nos cuidados maternos em relação ao bebé. Todavia, é importante realçar a pobreza que é mencionado no início da história, que poderá indicar a falta de afectos existente, tendo a “irmã” o desejo de assumir o papel materno, para colmatar essa carência emocional do bebé e, simultaneamente a sua, uma vez que a mãe, baseia a sua relação na intelectualização, e dá atenção apenas ao bebé, e aos cuidados que este está a receber.

O sujeito designa a rapariga inicialmente de “irmã”, que cuida do bebé, sendo responsável, e capaz de assumir tal função, identificando-se com o seu modelo materno, seguindo os conselhos da “mãe”. Na conclusão da história denomina a personagem de “miúda”, quase como se após a identificação projectiva, o sujeito se quisesse distanciar e até denegrir esta hipermaturidade. A figura materna é denominada de “mãe”, estando a relatar uma história a ambos, embora esteja a prestar mais atenção ao bebé. A “mãe” encontra-se presente, contudo, não demonstra nenhuma relação de afecto para com os filhos.

Sujeito 129 – 8” Pode ser... uma mãe que...não! Uma menina que tem de tomar conta da sua filha porque a mãe... tem de ser uma história história? Então tem uma mãe que não lhes toma muita atenção. Que é que eu posso dizer mais? (?) eles... pronto a mãe mais gosta mais, prefere ler em vez de tomar atenção à filha. Não têm pai, quer dizer, podem ter pai mas não

está cá, o pai pode tar a trabalhar, e a mãe em vez de tomar atenção às filhas prefere ler. (?) Que a mãe depois, a certa altura percebia que tinha de dar mais atenção às filhas, para aproveitar o crescimento delas, iam passear, muitas coisas. 3`41”

A2 3; C/Fo1; A2 11; C/Fa1; A2 15; C/Fo1; C/C2; C/M3A2 18; C/Fo1; A2 13; C/N1; C/Fo5; C/Fo1; A2 13; B1 2; A2 8; B2 7;

Procedimento: inicia o relato com uma precaução verbal (A2 3) e dois silêncios intra-relato (C/Fo1), seguida de uma denegação (A2 11), demonstrando dúvidas. Continua descrevendo a imagem com apego ao conteúdo manifesto (C/Fa1), isolando as personagens (A2 15), revelando da parte da “menina” um sentimento de culpa, devido à maternidade precoce, dando mais um silêncio intra-relato (C/FO1), colocando uma questão ao clínico (C/C2). Retoma a história, fazendo uma pirueta (C/M3), lamentando a falta de atenção da mãe demonstrando afectos exprimidos à mínima (A2 18) e acento inscrito na vivência subjectiva (C/N1), tem uma necessidade de questionar (C/Fo5) seguida de um silêncio intra-relato (C/Fo1), dá uma intelectualização (preferindo a mãe se abstrair). Introduce uma personagem que não consta na imagem (pai) que é percebido enquanto abandonante, seguido de mais uma precaução verbal (A2 3) e a justificação da ausência deste, e volta a ruminar (A2 8) face ao desinteresse da mãe, que é vista como abandonante e egoísta. Conclui a história com a realização mágica do desejo (B2 7).

Problemática: observa-se uma ambivalência, a “menina” que passa de mãe a irmã devido à culpabilidade. A “mãe” é percebida enquanto abandonante e negligente, tendo a “menina” de substituir nos cuidados maternos, sendo a forma encontrada para desempenhar a função materna.

Análise: o sujeito 129 começa o seu relato dando uma precaução verbal, dando um silêncio intra-relato, o anonimato da figura materna, que denominou de “ (...) uma mãe (...)”, faz novamente um silêncio intra-relato, e uma denegação. O sujeito dá o anonimato da rapariga, denominando-a de “ (...) uma menina (...)”, que já é mãe, tendo de cuidar da “filha”, depois faz um novo silêncio intra-relato, uma denegação, e um pedido de ajuda ao clínico, revelando uma enorme ansiedade face à imagem. Continua a sua história dizendo que a “mãe” não lhes dá atenção, desta forma, coloca o bebé/boneco, enquanto irmã, da “menina”, ou seja, regride-a ao infantilizá-la. Faz um novo pedido de ajuda ao clínico, um silêncio intra-relato e refere que

a “mãe” prefere o prazer intelectual a dar atenção à “filha”. Introduce um personagem que não consta da imagem, o “pai”, dando inicialmente como morto, mas depois, rectifica e afirma que está ausente, reforçando novamente o abandono.

O sujeito conclui a sua história, com a realização mágica do desejo, como se a “mãe” tivesse passado por uma transformação mágica, apercebendo-se de que era uma má mãe, ausente, negligente e egoísta, e passasse a dar atenção às filhas. O sujeito 129, inicia a resposta dando uma ambivalência face à “menina”, que é dada enquanto mãe do bebé, porém, de seguida, coloca tal personagem enquanto irmã, que está a substituir a mãe nos cuidados maternos devido à negligência desta. O motivo de tal ambivalência, deve-se à culpabilidade sentida em colocar a “menina” enquanto mãe, o que levaria a um conflito com a sua “mãe”, deste modo, ao negar essa função, colocando a personagem apenas enquanto irmã, o conflito elaborado, deixa de ser em relação à maternidade precoce da filha, passando para a negligência da “mãe”. A solução utilizada, foi a realização mágica do desejo, a “mãe” apercebe-se da sua negligência e começa a dedicar mais atenção às suas filhas, acompanhando o seu crescimento.

Os mecanismos de defesa utilizados são, a regressão, a “menina” começa por ser percebida enquanto mãe, e depois enquanto irmã; e o deslocamento, inicialmente o conflito seria entre “mãe” e “filha”, devido à maternidade precoce desta, passou a ser sobre a ausência e negligência da primeira. O sujeito 129 denomina a figura materna de “mãe”, sendo percebida enquanto uma má imago, negligente, ausente e egoísta, preferindo o prazer intelectual, a dar atenção às filhas. A rapariga começa por ser denominada de “menina” que já é mãe, mas de seguida, através de uma negação, é colocada enquanto irmã, devido à culpabilidade. Esta personagem é descrita enquanto imatura e infantil, mas que se vê obrigada a desempenhar um papel adulto. O personagem “pai” é introduzido, de modo a tentar colmatar a ausência e irresponsabilidade da “mãe”, mas este também está ausente, não há uma reparação de objecto, nem um objecto bom e contentor.

Sujeito 130 – 8” Uma história inventada por mim? Pode ser um rapariga adolescente... (ri) que vivia numa aldeia e que não tinha dinheiro para comer, vivia numa casa sem condições nenhuma. Vivia só com a sua mãe e a sua avó, pois, o pai se tinha suicidado, devido aos problemas alcoólicos que tinha. O pai tinha deixado a mãe abandonada e com dois filhos para cuidar. Então enquanto a mãe contava histórias ao pequeno bebé... a rapariga mais velha agarrava-o cuidadosamente... cuidadosamente... enquanto a avó se estava a fazer o jantar com

os poucos ingredientes que tinham embora fossem muito pobres, tinham muito amor para dar. Acho que é só isto, não sei mais. (?) Eles continuavam com esta vida de pobre mas continuavam felizes, porque em vez de dinheiro tinham muito amor para dar. 4`18”

C/C2; A2 3; C/Fa1; C/Fo1; C/C1; A2 4; B2 2; B2 5; A2 15; B1 2; B2 13; C/M1; C/Fa3; C/Fo1; B2 2; C/Fa2; B2 8; C/C9; B2 4; B2 7;

Procedimento: inicia a resposta com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), seguida de um precaução verbal (A2 3), descreve a rapariga (C/Fa1) faz um silêncio intra-relato (C/Fo1) e ri (C/C1). Continua a história construída à volta de uma fantasia pessoal, com afastamento têmporo-espacial (A2 4) e com fabulações longe da imagem (B2 2), de forma dramatizada (B2 5). Isola as personagens (A2 15) e introduz duas personagens que não figuram na imagem – a avó e o pai – (B1 2), relata o que sucedeu ao “pai” num contexto dramatizado (B2 13), sendo percebido enquanto objecto abandonante e perdido, (C/M1), projectando neste a sua agressividade. Prossegue a história com acento inscrito no fazer (C/Fa3), com três silêncios intra-relatos (C/Fo1) revelando alguma angústia em lidar com o sentimento depressivo, através da formação reactiva, com alguns ressaltos fora da imagem (B2 2) e com o acento inscrito no quotidiano (C/Fa2). Tenta concluir com um comentário quase de alívio (B2 8) e com uma crítica de si (C/N9), conclui finalmente com uma verbalização de afectos fortes (B2 4) e com valor mágico do desejo (B2 7).

Problemática: vivência de abandono e perda do objecto paterno, a mãe é percebida enquanto pouco contentora e abandonada. Verifica-se uma tentativa de colmatar as carências emocionais, através da introdução de outras figuras de suporte, sem sucesso, porque não conseguem colmatar a falha afectiva, nem são bons objectos de identificação.

Análise: o sujeito 130 começa a resposta, com um pedido de ajuda ao clínico, seguido de uma precaução verbal, e dando o anonimato da personagem que denomina de “ (...) uma rapariga adolescente (...)”. Faz um silêncio intra-relato, utiliza a defesa maníaca, e continua a sua história, contextualizando o sítio onde a “rapariga” vivia, e as suas condições socio-económicas. A “rapariga” vivia apenas com a “mãe”, e com a “avó”, pois, o “pai” já havia morrido, introduzindo assim, estas duas últimas personagens, que não figuram na imagem. A “mãe” estava a contar histórias ao “bebé”, enquanto a “rapariga” o agarrava e continha, estando a “avó” a preparar a refeição. O sujeito faz algumas formações reactivas,

nomeadamente, no facto de a “rapariga” agarrar o “bebé” “ (...) cuidadosamente... cuidadosamente... (...)”, e no facto de que “ (...) embora fossem muito pobres, tinham muito amor para dar”.

O sujeito faz uma tentativa de recusa, mas conclui, com a realização mágica do desejo, dando um fim idealizado, através de uma formação reactiva, permanecendo todos os personagens felizes, com muito amor, revelando a permanência da carência afectiva e uma identificação massiva com a “rapariga”. O conflito centra-se na necessidade de amor, e atenção, por parte da “rapariga”, devido ao seu vazio interior, o que a leva quase a comparar-se com a necessidade de atenção e amor de um bebé, e ao mesmo tempo, desempenha a função de substituta materna. A solução utilizada é a solução de conflito por ajuda de dependência exterior, uma vez que, necessitam permanecer juntos e dependentes, para conseguirem sobreviver. Os mecanismos de defesa utilizados são a ruminação e a formação reactiva, uma vez que, a “rapariga” sente muita necessidade de amor, e de atenção, que a sua família não lhe dá, mas que era o seu desejo receber.

A rapariga é denominada de “rapariga adolescente”, de modo a minimizar a sua imaturidade, mas tal não é bem conseguido, uma vez que, esta necessita de muito amor, devido ao seu vazio interior, o que a leva quase a comparar-se com a necessidade de atenção e amor de um bebé. A “rapariga” substitui a mãe nos cuidados maternos, de modo defensivo, uma vez que, se vê obrigada a fazê-lo, sendo o seu desejo permanecer infantil, e que lhe fosse dada atenção e afecto, quase como se ela própria fosse um bebé. A figura materna é designada de “mãe”, sendo caracterizada por ser uma má imago, ausente, abandonante, e pouco contentora, não dando atenção e afecto aos filhos. Este sujeito introduz dois personagens, para diminuir a falta de afecto da “rapariga” contudo, não é bem sucedido, nomeadamente o “pai”, que é percebido enquanto uma má imago, abandonante, desvalorizado, problemático e no qual é expressa toda a agressividade, e a “avó”, que representa uma segunda figura materna, mas que tal como a mãe, é insuficientemente contentora, sendo percebida enquanto má imago.

Sujeito 131 – 5” Era uma vez, uma menina que... que tinha um irmão mais novo e que enquanto a mãe lhe contava histórias, ela pegava nele. Ia ajudando a mãe a cuidar do irmão, ou porque gostava ou porque a mãe não tinha muito tempo para o irmão e ela tinha e acarinhava-o e tinha de o amar. (?) A mãe, quando o menino cresceu agradeceu à mãe e à

irmã por ter cuidado dele, devido que a mãe não tinha muitas posses e a mãe tinha de trabalhar. 2`12”

A2 4; A2 15; C/Fo1; C/Fa1; A2 13; C/Fa3; A2 6; C/M1; A2 10; C/M2; B2 11; A2 13; C/Fo4;

Procedimento: inicia o relato com um afastamento têmporo-espacial (A2 4), isola os personagens (A2 15) e faz um silêncio intra-relato (C/Fo1). Continua por descrever com apego ao conteúdo manifesto (C/Fa1), dando uma intelectualização (A2 13) e acento inscrito no fazer (C/Fa3), seguido de hesitações entre interpretações diferentes (A2 6), com uma relação funcional face ao irmão (C/M1) e de uma formação reactiva face ao mesmo (A2 10), já que o amor que a rapariga sentia para com este era quase imposto “tinha de o amar”. Termina a história com uma idealização da mãe e da irmã (C/M2) e ao mesmo tempo uma confusão de identidades (B2 11), de uma intelectualização (A2 13) e de ausência de conflitos com relatos banalizados (C/Fo4).

Problemática: a rapariga sente-se imatura para desempenhar a função materna, mas tem de a assumir e cuidar do irmão, de modo a manter uma relação harmoniosa com a “mãe”.

Análise: o sujeito 131 começa a sua história com uma entrada directa na expressão, através de um afastamento têmporo-espacial, e dando o anonimato da rapariga, que denomina de “ (...) uma menina (...)”. O sujeito faz um silêncio intra-relato, e uma hesitação face ao tipo de relação entre a “menina”, e o bebé, talvez devido a colocar este enquanto filho ou irmão, decidindo-se por esta última hipótese, que é menos culpabilizante, evitando um conflito com a figura materna. Continua a sua história, dando o anonimato do bebé/boneco, que é denominada de “ (...) um irmão mais novo (...)”. A “menina” segurava no seu “irmão”, enquanto a “mãe” lhe relatava histórias. A “menina” estava a desempenhar o papel de substituta materna, “ (...) ou porque gostava ou porque a mãe não tinha muito tempo para o irmão (...)”, ou seja, está latente a ideia de que não há mais ninguém que pudesse tomar conta do bebé.

Por um lado, é obrigada a cuidar do irmão, tendo de abandonar a sua infância para assumir um papel adulto, indo contra a sua vontade, sendo a única pessoa disponível para tomar conta dele, por outro lado, ao obedecer à mãe, mantém com esta uma relação mais próxima, e pode com a sua autorização, desempenhar o papel desta. O sujeito faz uma formação reactiva, ao

afirmar que a “rapariga” “ (...) tinha de o amar”, ou seja, era obrigada a gostar, cuidar e conter o “irmão”, não sendo por vontade sua. O sujeito termina a sua história, dando uma confusão de identidades, começa por referir a “mãe”, mas depois refere que o “menino”, quando cresceu agradeceu a ambas, por terem cuidado dele. Deste modo, há uma idealização das figuras maternas, por parte do “menino”, e o reconhecimento do esforço da “menina”, que foi obrigada a assumir uma posição adulta. Porém, tal também se pode considerar uma formação reactiva, visto ser reforçado a ausência da “mãe”.

O conflito manifestado é intrapsíquico, por um lado, a “menina” era obrigada a cuidar do “irmão”, desempenhando a função de substituta materna, por outro, agrada à sua “mãe”, e pode sem entrar em conflitos ocupar o lugar desta. A solução utilizada foi a solução moralista, porque a “menina” sacrificou a sua infância, para ajudar a “mãe”. O mecanismo de defesa utilizado ao longo da história, é a formação reactiva, em relação a cuidar do “irmão”, quando está implícito, que esta sente alguma rivalidade face a este, que a privou da sua infância e zanga em relação à “mãe”, por ter tido outro filho. A rapariga é denominada de “menina”, sendo percebida enquanto imatura, infantil, mas que é obrigada a assumir um papel adulto, ao ter de substituir a “mãe” nos cuidados maternos. A figura materna é denominada de “mãe”, é percebida enquanto abandonante pela filha e idealizada pelo filho. O “menino”, no sentido latente é percebido enquanto um rival e um intruso, porque retira a infância à irmã.

Sujeito 132 – 11” Era uma vez, uma mulher que dava explicações e uma filha com 15 anos e um com um mês. E quando a mãe tinha que dar explicações, deixou a outra filha a tomar conta da outra filha. E essa filha não sabia o que fazer à bebé. Passado alguns minutos o bebé começou a chorar e a irmã não sabia o que fazer, até que a mãe dela chegou a casa, e depois a mãe dela foi ver, que a bebé tinha a fralda suja e mudou. (?) Não sei. 3`08”

A2 4; A2 5; B1 1; C/Fa3; E17; B2 11; A2 17, C/Fa2; C/M3; C/Fa3; C/Fo5;

Procedimento: começa por fazer um distanciamento têmporo-espacial da imagem (A2 4), identifica os personagens, dando uma precisão numérica das idades (A2 5). Prossegue com um acento inscrito no fazer (C/Fa3), e dando uma falha verbal (E17), e muda o sexo do bebé (B2 11). A rapariga é descrita enquanto imatura e incapaz de cuidar do bebé (A2 17), continua

com acento inscrito no quotidiano (C/Fa2), até que de repente a sua mãe regressa (C/M3) e termina com um acento inscrito no quotidiano (C/Fa3) e com uma tentativa de recusa (C/Fo5).

Problemática: a “mãe” é percebida enquanto abandonada, uma vez que deixa ambas as filhas sozinhas. A “filha” mais velha é considerada infantil, incapaz de tomar conta da irmã, verifica-se uma relação funcional destituída de afectos. A rapariga desempenha o papel de substituta materna contrafeita, sem recursos para cuidar do bebé, e a mãe não se apercebe disso.

Análise: o sujeito 132 começa a sua resposta, através de um afastamento tempo-espacial, dando o anonimato da figura materna, que designa de “ (...) uma mulher (...)”. A “mulher” trabalhava enquanto explicadora, tendo duas filhas, a mais velha com 15 anos, e o bebé com um mês, dando, deste modo, uma precisão numérica, relativamente às idades. Quando a “mãe” ia trabalhar, delegava na sua “filha” os cuidados maternos do bebé. A “filha” é percebida enquanto imatura, incapaz de conter o bebé e de desempenhar o papel materno, porque “ (...) não sabia o que fazer à bebé”. Quando a “mãe” chega a casa consegue conter o bebé, trocando-lhe a fralda. O sujeito concluiu com uma tentativa de recusa.

O conflito presente nesta história, é entre “mãe” e “filha”, sendo a “mãe” uma pessoa ausente, que não tem tempo para cuidar dos filhos, tendo a “filha” de cuidar da irmã. A “mãe” não reconhece a imaturidade e incapacidade da “filha” para desempenhar a função materna. A solução utilizada é a solução do conflito por dependência de ajuda exterior, devido à imaturidade e incapacidade de contenção da “filha” face ao bebé, a “mãe” quando chega tem de o conter. O mecanismo de defesa utilizado é a ruminação, à volta da imaturidade e incapacidade da “filha”, há assim uma banalização do conflito. A rapariga, é denominada de “filha”, que assume o papel materno forçadamente, porque é ainda muito imatura e infantil, não tendo recursos para cuidar da “irmã”. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo percebida enquanto abandonada, ausente e insuficiente.

Sujeito 133 – 11” O que é isto (aponta para o boneco/bebé)? Então... pode ser uma menina que tem tristezas e que se agarra às suas coisas mais valiosas, para tentar tirar a raiva que tem dentro dela, e depois a sua mãe tenta acalmá-la lendo-lhe uma história (ri). A menina vira a cara para o lado, porque o que lhe tá a apetecer não é ouvir uma história, mas sim resolver o

problema dela. (?) O fim? Ela diz à mãe que precisa de resolver o problema e depois enfrenta-o. 2`17”

C/C2; A2 3; C/Fo1; A2 3; A2 18; A2 17; B2 6; A2 13; C/C1; A2 1; A2 8; C/Fo4; C/Fo5; B2 3; A2 8; C/Fo4;

Procedimento: inicia o relato com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), seguida de uma precaução verbal (A2 3) e de um silêncio intra-relato, podendo revelar alguma angústia, e outra precaução verbal (A2 3). Prossegue identificando-se projectivamente com a rapariga abordando o seu aspecto depressivo (A2 18) tendo necessidade de se agarrar às suas “coisas valiosas” para se conter, face à raiva que sente (A2 17). A figura materna tenta acalmá-la (B2 6) recorrendo a uma intelectualização (A2 13), dá uma defesa maníaca (C/C1). Continua descrevendo a imagem (A2 1) e a ruminar (A2 8) em torno de um conflito que não é indicado (C/Fo4). Após a questão do clínico sente necessidade em questionar (C/Fo5), coloca o acento inscrito nas relações interpessoais (B2 3), terminando novamente a ruminar (A2 8) face o conflito não indicado (C/Fo4).

Problemática: devido a conflitos intrapessoais que a rapariga tem para resolver nem a sua mãe consegue contê-la, transmite-lhe um vínculo desadequado, não a ajudando a resolver o problema, verificando-se desse modo uma relação com a imago materna inadequada.

Análise: o sujeito 133 inicia o seu relato com um pedido de ajuda ao clínico, seguido de uma precaução verbal e de um silêncio intra-relato. Continua, dando uma precaução verbal, e o anonimato da rapariga, que designa de “ (...) uma menina (...)”, abordando o sentimento depressivo e a pulsão agressiva, uma vez que “ (...) se agarra às suas coisas mais valiosas (...). A sua”mãe” tenta conte-la, lendo-lhe uma história (o sujeito utiliza a defesa maníaca), porém, a “menina” rejeita tal contenção, porque considera ser demasiado infantil, e o que deseja é resolver o seu problema. O sujeito conclui, fazendo um pedido de ajuda ao clínico, indo a “menina” solucionar o seu conflito, que não é manifestado. O sujeito faz a escotomia do bebé/boneco, contudo, coloca um pedido de ajuda ao clínico, no sentido de confirmar se é um bebé real ou um boneco, mas depois não o refere na sua história, de modo manifesto.

O bebé/boneco, encontra-se porém, de modo latente na sua história, uma vez que a “menina” aborda o sentimento depressivo e vivencia um conflito intrapsíquico (que não é revelado)

procurando contenção, uma vez que “ (...) se agarra às suas coisas mais valiosas (...)”. Essa riqueza à qual se agarra pode ser, por um lado, o boneco, que representaria o objecto transitivo infantil, mantendo-se no papel de filha, infantilizada e, por outro lado, o bebé real, seu filho que representaria um prolongamento de si ou um bom objecto de amor. O facto de a “mãe” lhe tentar contar uma história para a conter e esta recusar, por não ser o vínculo adequado, sendo muito infantil, poderá indicar que, de facto o bebé/boneco é percebido enquanto seu filho, e que o conflito existente é devido a essa maternidade precoce, embora a aceite.

Inicialmente consegue perceber o bebé/boneco, mas durante a história opta por não o referir expressamente, apenas de forma latente, talvez de modo a evitar o conflito com a figura materna, e evitando também uma maior culpabilização. O conflito existente é intrapsíquico, não sendo expresso, e a solução utilizada, a solução directa do conflito. A rapariga é denominada de “menina”, salientando deste modo a imaturidade e infantilidade desta, embora recuse a contenção da mãe, por ser um vínculo desadequado e infantil. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo percebida enquanto insuficiente, e incapaz de a conter. Há a escotomia do bebé/boneco, para a evitar o conflito com a figura materna, evitando também uma maior culpabilização.

Sujeito 134 – 16” Elas vivem só as duas, e a mãe teve outro filho e a menina quando pode, ajuda a cuidar dele. Acho que é só. (?) Depois quando ele crescesse ficavam os três muito felizes. l`16”

B2 1; C/Fa1; A2 15; C/Fa2; C/Fo5; B2 7;

Procedimento: inicia a história com uma entrada directa na expressão (B2 1), descreve a imagem (C/Fa1), isola os personagens (A2 15) e coloca o acento inscrito no quotidiano (C/Fa2). Dá uma tendência à recusa (C/Fo5), termina a história com um fim com valor mágico do desejo (B2 7).

Problemática: relação anaclítica entre mãe e filha, em que a filha ocuparia o seu lugar na sua ausência. Parece um investimento homossexual, pode ser uma fuga à cena primitiva para ficar só ela, a mãe e o bebé.

Análise: o sujeito 134 começa a sua história, com uma entrada directa na expressão, descrevendo e isolando as personagens “mãe” e “menina”, que viviam sozinhas, e que a “mãe” teria tido um “outro filho”. O facto de viverem sozinhas, e de não ser introduzido um outro personagem, ou de não haver pelo menos referência a uma relação heterossexual, conduz a uma negação do papel masculino. Há quase que um investimento homossexual entre “mãe” e filha, que funcionam como casal parental do bebé, uma vez que, a “ (...) menina quando pode, ajuda a cuidar dele”, ou seja, quando ela deseja fazê-lo e quando a sua mãe lhe permite que esta ocupe o seu lugar. Conclui a história com a defesa maníaca, tendo ficado os três personagens juntos e felizes, é dada uma relação anaclítica entre mãe e filha, que se irá propagar no futuro, juntamente com o irmão. Não é permitida a entrada de outras pessoas, nem a autonomia e independência destes personagens.

O sujeito 134 também não expressa um conflito, uma vez que, estabelece uma relação de casal homossexual e anaclítica entre mãe e filha, negando ou excluindo a figura masculina, que viria a romper o laço afectivo privilegiado que a “menina” tem com a sua “mãe”. Deste modo, a “menina” por um lado, mantém-se enquanto filha e numa relação anaclítica com a mãe, e por outro, ajudaria a mãe, substituindo-a nos cuidados maternos com o bebé, ao mesmo tempo que satisfazia o seu desejo de possuir um bebé como a mãe, de seguir o modelo materno da mãe. A conclusão da história, é dada através do fim mágico do desejo, em que quando o bebé crescesse, os três ficariam juntos e felizes, há assim uma tentativa de manter este triângulo familiar unido, sem que possa haver separações ou a inclusão de outros objectos.

O sujeito 134 designa a personagem central de “menina”, expressando a infantilidade e a imaturidade desta, que só pode cuidar do bebé quando a mãe deixa, desta forma, coloca a “menina” quase tão pequena quanto o bebé. Contudo, há o desejo de ocupar o lugar materno e de ser mãe. A personagem mais velha é designada de “mãe”, estabelecendo uma relação com a filha, mas que depois, tem um outro filho, não sendo indicada uma relação heterossexual. A “mãe” é percebida enquanto um bom objecto, mas inserido numa relação anaclítica com a filha e sem haver uma entrada de objectos externos.

Respostas dos sujeitos de 14 anos ao cartão 7GF do TAT

Sujeito 141 – 8” Eu não percebo é a imagem. O que é que é isto? (apontando para o bebé/boneco) Pode ser uma senhora que está a contar uma história ao filho, não sei! Não sei! Irem dar um passeio. Não sei! 3`55”

C/Fo5; C/C3; C/C2; A2 3; C/Fo3; C/Fo5; A2 11; B2 2; E1;

Procedimento: inicia o relato com uma tendência de recusa (C/Fo5), criticando o material (C/C3) e com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), revelando uma atitude anaclítica e alguma ansiedade face ao cartão. Continua com uma precaução verbal (A2 3), dando o anonimato da personagem “ (...) uma senhora (...)” (C/Fo3), de modo a distanciar-se da mesma. Estabelece uma relação entre mãe e filho baseada na intelectualização, uma vez que esta lhe conta uma história. Faz novamente a uma tendência à recusa (C/Fo5) e uma denegação (A2 11), manifestando sempre uma grande ansiedade. Conclui a história fazendo uma fabulação fora da imagem (B2 2) ao “irem dar um passeio”, deste modo faz uma fuga à imagem, que é causador de angústia e de ansiedade. Escotomiza rapariga (E1), talvez devido à culpabilidade e de modo a evitar um conflito, não conseguindo assumir o papel desta, baseando a sua história meramente na relação mãe/ filho. Observa-se uma paragem no tempo, devido ao alto nível de ansiedade. Não se verifica nenhum afecto nesta relação entre mãe e filho.

Problemática: relação mãe e filho, baseada na intelectualização, com ausência de afecto. Aparentemente, há uma identificação com a rapariga, a qual é imediatamente escotomizada, o que poderá indicar que a mesma se percebe enquanto mãe, e que tal lhe causa angústia e culpabilidade, sendo essa maternidade um possível motivo de conflito com a mãe, ou que se sente excluída da relação com a mãe, sentindo uma rivalidade fraterna.

Análise: o sujeito 141 começa a sua resposta com uma crítica ao material e um pedido de ajuda ao clínico, numa atitude anaclítica, de modo a confirmar se o bebé/boneco é um bebé real ou um boneco. Inicia a sua história, com uma precaução verbal, no sentido de não se identificar e se distanciar das personagens, dando o anonimato da figura materna que denomina de “uma senhora”, que está a contar uma história ao “filho”. Estabelece, desse modo, uma relação entre ambos os personagens, baseada na intelectualização, escotomizando a rapariga. De seguida, faz uma denegação do que havia contado, revelando alguma ansiedade face à imagem, concluindo a sua história através da fabulação fora da mesma, ao “irem dar um passeio”, ou seja, há uma fuga face ao conteúdo latente do cartão, que lhe causa algum angústia, que pode ser observada no facto de voltar a denegar a sua história.

Parece haver uma identificação com a rapariga, a qual é imediatamente escotomizada, sendo apenas referida a relação entre mãe e filho, revelando uma incapacidade em assumir o papel dessa personagem. A causa da ansiedade que é manifestada ao longo da sua resposta, assim como, o motivo da escotomia da rapariga poder-se-á dever a duas hipóteses, por um lado, poderá ter percepcionado o bebé, enquanto filho desta, o que causaria um conflito com a mãe e sentimentos de culpabilidade, porque já havia acedido à maternidade, assumindo-se como mulher e como mãe, estando ao mesmo nível desta, e questionando-se sobre como iria desempenhar a função materna. Por outro lado, se percepcionasse o bebé como seu irmão, poderia ter desencadeado sentimentos de rivalidade, sendo este considerado um obstáculo que não conseguiria ultrapassar, porque sendo ainda bebé, retirar-lhe-ia a atenção e a relação privilegiada com a mãe, e sentir-se-ia excluída, uma vez que, o bebé está ao colo da rapariga e a mãe dirige a sua atenção apenas para ele, e depois leva-o a passear.

O facto de ter colocado o bebé enquanto rapaz, poderá reforçar a ideia de distanciação e não identificação com o seu filho ou de exclusão de si própria na relação privilegiada que a mãe mantinha com o irmão. Observa-se uma ausência de conflito, sendo expresso apenas uma relação entre mãe e filho, destituída de afectos. Contudo, o sujeito não é capaz de elaborar e desenvolver a história, sendo o bebé, o possível causador da sua ansiedade e angústia, o que conduz à escotomia da rapariga e ao conflito latente, que poderá ser o conflito com a mãe ou a rivalidade fraterna. O mecanismo de defesa presente ao longo desta resposta é a negação, também é importante salientar o pedido de ajuda inicial ao clínico, que revela uma atitude de dependência e a grande ansiedade que é sentida pelo sujeito.

O sujeito denominou a figura materna de “uma senhora” dando assim, o anonimato da mesma, de modo, a distanciar-se e a evitar a identificação, sendo o bebé percepcionado enquanto “filho” da “senhora”. A imago materna é percepcionada enquanto má, insuficiente e possivelmente abandonica, uma vez que a rapariga é escotomizada, e a relação entre a mãe e o bebé é destituída de afecto. Devido à escotomia, não é possível confirmar se existe a fantasia do sujeito em ser mãe e como se imagina ao assumir tal função, porém, o facto de o bebé ser o possível motivo dessa ausência de referência, poderá supor que a fantasia exista, mas que seja percepcionada ainda como imatura para assumir tal papel, que seria vivenciado com culpabilidade e angústia.

Sujeito 142 – 9” Tem tempo? Então (ri) ... hum ... uma rapariga que está com a mãe, e que acabaram de comprar uma boneca e depois a boneca partiu-se e ela ficou muito triste, e depois a mãe começou a contar-lhe uma história sobre uma menina que gostava muito de bonecas. Hum ... depois a mãe disse que ela ia comprar-lhe não! Arranjar-lhe a boneca, para ela não se preocupar e para não ficar muito triste, porque a boneca ia ficar bem e ia ficar como nova. (?) Então, depois (ri) de arranjarem a boneca, a rapariga enquanto crescia ia guardando sempre a boneca e quando ela morresse ela ia, morrer agarrada à boneca, porque gostava muito dela e também porque a boneca lhe trazia muitas recordações. 3`46”

C/C2; C/C1; C/Fo1; C/Fo3; C/Fa3; B2 2; A2 18; C/N7; C/C1; C/M1;

Procedimento: começa o relato com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), quase como perguntando se este tem tempo para si, seguido de uma defesa maníaca (C/C1) e de um silêncio intra-relato (C/Fo1). Descreve as três personagens (C/Fo3) sendo que uma delas (a boneca) se parte, abordando a agressividade (embora não mencionando quem a parte), o sentimento depressivo (A2 18) e a culpabilidade. A “mãe” para a conter relata uma história baseada na rapariga, observa-se desta forma uma relação em espelho (C/N7). Faz uma precaução verbal (A2 3), e a hesitação entre interpretações diferentes. Após uma hesitação e a defesa maníaca (C/C1), a boneca reparada fica com a rapariga ao longo do seu desenvolvimento até à sua morte, quase como se houvesse uma relação de dependência, de anáclise (C/M1).

Problemática: história de dependência entre mãe e filha, que não é superada ao longo da vida adulta desta. Há uma permanência na posição de filha sendo destacada a infantilidade, imaturidade e dependência da “rapariga”, não se vislumbrando uma possível autonomização.

Análise: o sujeito 142 começa por fazer um pedido de ajuda ao clínico “tem tempo?”, colocando-se numa atitude anaclítica, como se perguntasse se este teria tempo para si, para o ouvir. Quando tenta começar a sua história dizendo “então” como se se estivesse a preparar para o que se seguiria, utiliza a defesa maníaca e faz um silêncio intra-relato, revelando alguma dificuldade em elaborar a história e alguma ansiedade face ao cartão. Inicia a sua história identificando-se projectivamente com a rapariga, e dando o anonimato da mesma “ (...) uma rapariga (...)”, dando também o isolamento das personagens. Estabelece a relação entre as personagens, tratando-se de “mãe” e filha, que teriam recentemente comprado uma

“boneca”. Evidencia-se a infantilidade e imaturidade da “rapariga”, que permanece apenas enquanto filha. Pouco tempo após terem comprado a “boneca” esta “ (...) partiu-se (...)”, não sendo referido quem a partiu, porém, salienta-se o facto de se tratar de um acto agressivo.

A “rapariga” ficou “ (...) muito triste (...)” com a danificação da sua “boneca”, o sujeito aborda assim, o sentimento depressivo. A “mãe” tenta contê-la relatando-lhe uma história que é baseada na história daquela “rapariga”, deste modo, há uma relação especular uma vez que a “rapariga” se espelha na história que a “mãe” lhe conta. O sujeito faz um silêncio intra-relato, e continua a história dando uma hesitação entre interpretações diferentes, começa por referir que a “mãe” iria comprar-lhe outra boneca, mas depois denega tal afirmação e refere que a “mãe” lhe iria arranjar a “boneca”, e que por isso não precisava continuar triste. Desta forma, é feita a reparação do objecto mas pela “mãe”, a “rapariga” coloca-se como uma criança infantil e incapaz de reparar, continuando dependente da “mãe”. Após ser questionado sobre o fim que daria à história, o sujeito utiliza a defesa maníaca e conclui dizendo que, após a reparação da “boneca”, a “rapariga” permanecia com esta até à sua morte, ou seja, mantém a lembrança da “mãe”, sendo a “boneca” é utilizada no sentido transitivo e anaclítico.

O conflito presente nesta história não é revelado, havendo contudo, uma manifestação da agressividade face à “boneca”, não se sabendo quem a partiu, poder-se-á pensar que terá sido a “rapariga” e daí ter ficado a sentir-se triste e culpada. A história termina continuando a “rapariga” dependente mas da sua “boneca”. Os mecanismos de defesa utilizados nesta resposta foram, a negação, ao optar por reparar a boneca em vez de comprar uma nova; a formação reactiva, caso tenha sido a “rapariga” a danificá-la; e a ruminação, uma vez que a história do sujeito gira à volta da “boneca”. O sujeito denominou a rapariga de “rapariga”, sendo imatura, infantil e dependente, que se coloca no lugar do bebé necessitando que a “mãe” a contenha, a repare por ela. O facto de poder ter sido a “rapariga” a partir a “boneca” poderá transmitir a imaturidade em ser mãe, e a dificuldade de se identificar com o papel materno.

A figura materna é denominada de “mãe”, é percebida enquanto contentora e reparadora. Embora seja nítida uma boa imago materna, existe uma grande dependência face à figura materna, dando conta de alguma infantilidade. Essa dependência parece manter-se para o resto da vida da rapariga, visto que fantasia nunca ser capaz de se autonomizar e de desempenhar o papel materno, fantasia essa que poderá, levantar a questão de considerar a sua

“mãe”, uma mãe idealizada. Não é capaz de rivalizar com a “mãe”, continuando numa posição de dependência e idealização. A “boneca” é utilizada pela “rapariga” como se fosse a sua contentora e confidente, ao longo da vida, ou seja, a “boneca” corresponde ao objecto infantil ligado ao objecto primário, do qual a rapariga nunca se consegue separar, mesmo na fase adulta. A “boneca” pode ocupar, de certa forma, o lugar da sua mãe ao longo da vida, ou seja, é o seu objecto transitivo e anaclítico, que mantém a lembrança da mãe. É dada uma relação mãe e filha com apoio na agressividade e depois na culpa, mantendo-se a filha infantilizada e dependente da mãe.

Sujeito 143 – 4” Uma história? Uma senhora estava a contar à sua filha uma história sobre uma menina da sua idade, da sua filha ... hum ... a filha não estava a prestar muita atenção, pois, não estava a mostrar muito interesse, não estava muito interessada na história. A menina queria ir brincar com os seus bonecos, as suas bonecas em vez de ouvir a história. Mas esta história seria talvez importante para a menina, pois, tinha um final de moral. Não sei mais. (?) Que a menina ficava a ouvir para aprender mais sobre a vida. 2`37”

C/C2; C/Fo3; C/N7; B2 11; A2 18; B2 7? C/N9; A2 7;

Procedimento: inicia a resposta com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2). Prossegue com o anonimato da figura materna (C/Fo3) a contar uma história à “filha”, há desta forma uma relação especular (C/N7), contudo esta revela pouco interesse e atenção ao que a sua “mãe” tem para lhe contar (A2 18), preferindo ir brincar, dando uma instabilidade de género ao boneco (B2 11). Contudo, enfatiza a importância da história sendo esta de conteúdo moral que incide numa jovem da sua idade, mas que a personagem desvalorizou inicialmente. Termina com uma crítica de si (C/N9), e após uma alternância entre a expressão pulsional e a defesa acaba por se submeter ao desejo da “mãe”, devido à culpabilidade sentida de ouvir a história e de aprender a lição que esta tinha subentendida.

Problemática: centra-se na defesa da “menina”, evitando crescer e se individuar, e no desejo da “mãe”, para que esta se autonomize, através do seu modelo.

Análise: o sujeito 143 começa a sua resposta fazendo um pedido de ajuda a clínico “uma história?”. Começa a sua história com uma entrada directa na expressão, dando o anonimato da figura materna, que denomina de “uma senhora (...)”, estabelecendo uma relação entre esta

personagem e a rapariga, tratando-se de mãe e “filha”. A “senhora” relata à sua “filha” uma história baseada numa “menina” da sua idade, ou seja, está a ensinar a esta como se comportar nessa idade. A mãe funciona como um espelho para a “filha”, uma vez que baseia a história na sua própria experiência, desse modo, verifica-se uma relação especular entre ambas as personagens. O sujeito faz um silêncio intra-relato, e continua a história, referindo que a “filha” não estaria a dar atenção ao que a “mãe” lhe contava, porque preferia ir brincar com os “bonecos/bonecas”. Evidencia-se, desta forma, a imaturidade e infantilidade da “filha” que deseja se manter criança, evitando crescer e se individuar.

Todavia, a história que a mãe lhe relatava “ (...) seria talvez importante para a menina, pois, tinha um final de moral”, i.e., embora queira prolongar a sua infância, evitando crescer, seria através desta transmissão de conhecimentos que aprenderia a comportar-se e a fazer as melhores opções no futuro. O sujeito faz uma tentativa de recusa e após lhe ser questionado sobre que final daria à história, conclui tendo a “menina” se submetido à vontade da mãe, ouvindo a história até ao fim. O conflito expresso nesta história, centra-se entre a defesa da “menina” ao evitar crescer e se individuar e na vontade da mãe para que esta se autonomize, tendo sempre como modelo o seu. Verifica-se uma relação especular entre mãe e “filha”, através da transmissão de conhecimentos, no sentido da individuação. A solução encontrada é a por compromisso viável, uma vez que a “menina” acaba por se submeter à vontade da mãe e houve a história, podendo brincar após esta estar concluída, o que permite agradar à mãe (superego) e a si (id).

O mecanismo de defesa utilizado nesta resposta foi a regressão, uma vez que a “menina” se mantém infantil apesar da mãe a estimular para a autonomização. O sujeito denominou a figura materna de “uma senhora”, de modo a se distanciar da personagem, que é a mãe da “menina”, estando a transmitir os seus ensinamentos à “filha”, sendo ignorada inicialmente mas esta acaba por lhe dar a devida atenção. A rapariga é denominada de “filha” e de “menina”, sendo percebida enquanto imatura, infantil, que deseja adiar o crescimento de modo a permanecer criança, ligada à mãe da infância, sendo esse o motivo do seu desinteresse pela história da sua mãe. Contudo, a “menina” acaba por se submeter aos desejos da mãe, talvez devido à culpabilidade que sente ao não dar atenção ao que esta lhe quer transmitir, que seria importante para a sua vida.

A questão da autonomização e da separação-individuação está latente nesta resposta, com toda a sua valência de culpabilidade e resistência, contrabalançada com alguma infantilidade, na qual a boneca é o objecto infantil do qual a rapariga ainda é dependente. Observa-se uma relação especular mãe/filha, i.e., a mãe funciona como um espelho da filha, mostrando a esta como ela (mãe) era e como se é na idade da filha.

Sujeito 144 – 8” Era uma vez, uma menina que morava com os seus pais e era educada da melhor forma. Um dia, estava a passear e conheceu um rapaz ...hum ...como tinha sido educada perto de raparigas nunca tinha conhecido um rapaz. Passado algum tempo, apaixonou-se por ele, mas não tomou as melhores decisões. Passado algum tempo, a rapariga que era e que se ia tornar numa boa mulher de casa ficou grávida ...hum ... com a sua maternidade jovem. A mãe apesar de desiludida ajudou-a no que ela precisou e tomou conta da criança com ela. (?) Hum ... a rapariga não teve o futuro que queria mas aprendeu uma lição de vida. 3`18”

A2 4; C/Fo3; B1 2; C/N10; A2 4; B2 2; B1 2; A1 3; C/Fo1; A2 4; C/Fo1; A2 18; A2 17; A2 4; C/Fo1; A2 18; C/Fo1; A2 10;

Procedimento: inicia a sua resposta através de um afastamento têmporo-espacial (A2 4), dando o anonimato da rapariga “ (...) uma menina (...)” (C/Fo3), introduzindo um personagem que não figura na imagem – o pai – (B1 2), e fazendo uma idealização (C/N10). Faz um novo afastamento têmporo-espacial (A2 4), uma fabulação fora da imagem (B2 2) e a introduz mais personagens que não figuram na imagem (B1 2), as “raparigas” e o “rapaz”, sendo este o seu objecto de desejo, e referências sociais (A1 3) através do facto de estudar num colégio feminino, e um silêncio intra-relato (C/Fo1). Faz novamente um afastamento têmporo-espacial (A2 4) revelando afectos exprimidos à mínima (A2 18) ao apaixonar-se pelo “rapaz” e um conflito intrapessoal (A2 17). Faz um novo distanciamento (A2 4) revelando a gravidez da “rapariga”, seguido de um silêncio intra relato (C/Fo1), descreve a reacção da mãe (A2 18). Antes de dar a conclusão da sua história, faz um novo silêncio intra-relato (C/Fo1) e termina com a utilização da solução moralista, faz uma formação reactiva (A2 10), dando um conflito intrapsíquico.

Problemática: é dado o ideal narcísico que é expresso na família, o facto de a rapariga engravidar, simboliza uma falha nesse mesmo ideal, conduzindo a um conflito intrapsíquico da rapariga e a um conflito manifesto com a mãe.

Análise: o sujeito 144 inicia a sua resposta com um afastamento têmporo-espacial, dando o anonimato da rapariga “uma menina”, contextualizando-a face às pessoas com quem morava os “pais” e a sua educação “ (...) era educada da melhor forma”, ou seja, faz alusão a um ideal narcísico, a família, a filha e a educação perfeita. Continua a sua história, fazendo um novo afastamento têmporo-espacial, uma fabulação fora da imagem, ao ir dar um passeio, e introduzindo personagens que não figuram na imagem, nomeadamente, o “rapaz” que é o seu objecto de desejo, e as “raparigas”, com quem tinha sido educada. Devido à sua educação ideal, apenas se havia relacionado com raparigas “ (...) nunca tinha conhecido um rapaz”, o que revela alguma ingenuidade, imaturidade e grande protecção parental.

Após um novo afastamento têmporo-espacial, a “menina” “ (...) apaixonou-se por ele, mas não tomou as melhores decisões”, i.e., devido à sua educação, quer familiar quer escolar, e à ausência de conhecimentos da sua parte, o envolvimento na relação heterossexual e o conseqüentemente acesso à sexualidade, culmina na gravidez precoce. Evidencia-se uma passagem no tempo, desde a altura em que se conhecem, até ao envolvimento numa relação heterossexual. Contudo, está inerente o facto de que ficou grávida não por sua causa, mas por causa do “rapaz”, e também da própria educação que recebeu, que a sobre-protegeu. A “rapariga” que era idealizada, “ (...) e que se ia tornar numa boa mulher de casa ficou grávida (...)”, comete essa falha, que obriga à quebra desse ideal narcísico, e do futuro que lhe estaria planeado. A “mãe” fica desiludida com a falha da filha, que deixa de ser ideal, porque aparece a sexualidade, mas ajuda-a a cuidar do bebé, numa relação anaclítica. Como se o mãe e ter sexualidade, ofendesse a sua “mãe”, tendo de submeter-se a esta, deste modo, faz uma regressão para não a perder.

A mãe é percebida na sua função de anáclise, aparece como uma boa mãe, contentora e algo idealizada, da qual vai depender para educar o bebé, ou seja, projecta no futuro essa mesma dependência. A rapariga vê-se forçada a identificar-se com a função materna, mas não a assume totalmente, sendo a mãe quem toma conta do bebé, ou seja, a rapariga não chega a ocupar totalmente o papel materno. O sujeito termina a história, dando-lhe um final moralista, manifestando a frustração da “rapariga” em relação ao futuro, que a sua família e ela própria

havia desejado para si, e à sua realidade actual. Verificam-se dois conflitos nesta história, por um lado, o conflito intrapsíquico da “rapariga”, ao engravidar, sentindo-se imatura e sobretudo culpada, devido às expectativas que ela própria ambicionava. Por outro lado, é manifestado o conflito com a “mãe”, devido à quebra desse ideal, ao ter acedido à sexualidade e à maternidade precocemente, não seguindo o futuro que lhe haviam destinado. Não só sente que falhou o ideal familiar, como o seu próprio ideal narcísico.

A solução utilizada para solucionar o conflito foi a solução moralista, i.e., apenas há a satisfação do superego, uma vez que, ao cometer aquela falha, tem de assumir as suas responsabilidades, tendo de abdicar do futuro que havia sonhado. Faz também uma formação reactiva, ao aprender “ (...) uma lição de vida”, ou seja, embora não tenha o futuro desejado, enfrenta a sua realidade apenas pelo lado positivo. Os mecanismos de defesa, utilizados ao longo desta resposta foram a idealização, da “rapariga”, da família e da sua educação, era tudo narcísico, ideal, perfeito. O sujeito utiliza a regressão, a “rapariga” acede à maternidade, o que conduz ao conflito com a “mãe”, e para não a perder, regride mantendo-se como filha, infantil, cuja vida está dependente das decisões da sua “mãe” e tem de abdicar da sexualidade adulta. O sujeito utiliza também a formação reactiva, na conclusão da história, ao manifestar o lado positivo dos acontecimentos, sendo o contrário do que realmente sente e deseja, ou seja, a “rapariga” aprende uma lição de vida com o erro que cometeu, porém fica feliz, embora esteja latente a sua frustração e a sua culpabilidade.

O sujeito denomina inicialmente a personagem de “menina”, atribuindo-lhe uma certa infantilidade e imaturidade, que depois é confirmada pela sua educação e sobre protecção. Quando a personagem acede à maternidade, é denominada de “rapariga”, como se esta tivesse crescido e adquirido mais conhecimentos, tal também se pode justificar, pelas numerosas vezes em que é referido o afastamento têmporo-espacial. Todavia, a “rapariga” acaba por se submeter à vontade da “mãe”, ao regredir e permanecer infantil, quando já poderia desempenhar um papel adulto, porém, identifica-se com a função materna desta. A figura materna é designada de “mãe”, sendo percebida enquanto uma boa imago, contentora e idealizada, numa relação anaclítica. Devido a essa mesma idealização da “mãe” e da família, o facto de a “rapariga” ter engravidado, é considerado não só uma falha, mas também uma ofensa, e para ser aceite tem de regredir e manter-se infantil. O sujeito introduz vários personagens, especificamente, o pai, que surge inserido no casal parental, reforçando o ideal narcísico; o “rapaz” que aparece enquanto objecto de desejo, que é referido de modo a

justificar a gravidez; e as “raparigas” com quem havia sido educada, reforçando a idealização e a imaturidade.

Sujeito 14 5 – 5” Uma história como? Então é uma mãe com duas filhas, numa sala de estar, à noite e a mãe está a dizer à filha mais velha como pegar na bebé, neste caso não sei! Não sei mais o que posso dizer mais daqui. (?) ++ Passado uns anos, a filha mais velha já bem mais crescida teve um filho e lembrou-se de todos os conselhos que a mãe lhe deu sobre tomar conta de bebés. 2`09”

C/C2; A2 3; C/Fa1; C/F03; A2 15; B2 8; C/Fo5; C/C3; C/Fo1; A2 4; B2 2; B1 2;

Procedimento: inicia o relato com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), uma precaução verbal (A2 3) e descreve a imagem (C/Fa1), dando o anonimato e o isolamento das personagens (C/Fo3, A2 15), revelando a imaturidade da “filha”. Faz um comentário (B2 8) e uma tentativa de recusa (C/Fo5) de uma forma defensiva, criticando o material (C/C3). Após um longo silêncio intra-relato (C/Fo1), faz um afastamento têmporo-espacial, através da fabulação fora da imagem (A2 4, B2 2), introduz um personagem que não figura na história (B1 2) (o filho da rapariga) e identifica-se com a “mãe”, na sua função materna. A “mãe” que transmite os ensinamentos maternos assemelha-se à relação edipiana, da qual a “filha” tem dificuldades em se desvincular.

Problemática: centra-se na transmissão de conhecimentos, alusivos à maternidade, os quais a rapariga irá utilizar posteriormente quando for mãe.

Análise: o sujeito 145 inicia a sua resposta colocando-se numa atitude anaclítica, fazendo um pedido de ajuda ao clínico, em relação ao tipo de história que este pretende. Começa a sua história, através de uma precaução verbal, apoiando-se no material, descrevendo as personagens, e dando o anonimato “ (...) uma mãe com duas filhas (...)” e o isolamento das mesmas. Descreve também o contexto em que estas estão inseridas “ (...) numa sala de estar, à noite (...)”, estando a “mãe” a transmitir os ensinamentos maternos, à “filha mais velha”, sobre como cuidar e pegar na bebé, neste caso sua “irmã”. O sujeito faz um comentário, e uma tentativa de recusa. Após lhe ser questionado sobre que fim daria à história, faz um longo silêncio e conclui através de um hiato temporal, quando a “filha mais velha” já tinha o seu

filho e que seguia o modelo materno da sua “mãe”, ou seja, identifica-se com a mãe na função materna.

Verifica-se uma ausência de conflito, uma vez que, a história se baseia na transmissão de conhecimentos, referentes à maternidade, os quais a rapariga irá utilizar quando for mãe. O mecanismo de defesa utilizado ao longo da história é a negação. A figura materna é designada de “mãe”, sendo percebida enquanto uma boa imagem e um bom objecto de identificação materno. A rapariga é denominada de “filha mais velha”, sendo percebida enquanto imatura, estando a aprender a cuidar da irmã, preparando-se também para no futuro desempenhar a função materna. Observa-se uma percepção de si no presente, enquanto imatura, mas há o desejo e a fantasia de ser mãe no futuro, estando para isso interessada em aprender o que a “mãe” lhe tenta ensinar, desta forma identifica-se com esta. Posteriormente, é dada uma projecção de si no futuro, enquanto mãe, seguindo o modelo materno que havia aprendido.

Sujeito 146 – 22” É uma rapariga, numa sala com a mãe...hum... e a mãe está-lhe a ler algumas dicas sobre tomar conta do bebé, que neste caso, é o irmão que a rapariga tem ao colo. A rapariga não está a prestar muita atenção. O que é que eu?... Não é preciso dizer mais nada ou é? Depois quando ela foi mais velha, quando o irmão tiver crescido, ensina-lhe também o que a mãe lhe ensinou quando ela era mais nova. 2`37”

C/Fo3; A2 15; C/Fa1; C/Fo1; C/Fa3; C/Fa1; C/C2; C/Fo5;

Procedimento: após um tempo de latência ligeiramente alto, começa por descrever as personagens (C/Fo3) isolando-as (A2 15), e o espaço onde estão (C/Fa1), faz um silêncio intra-relato (C/Fo1), estando a “mãe” a ensinar à filha mais velha como cuidar do bebé, revelando a imaturidade da “rapariga”. Contudo a “rapariga” procura distanciar-se da “mãe”, não prestando atenção ao que esta lhe está a ler, como se não fosse do seu interesse. Faz um pedido de ajuda ao clínico (C/C2) e uma tentativa de recusa (C/Fo5) mostrando alguma incapacidade em continuar. Mas termina, com a transmissão dos conselhos maternos, da “rapariga” para o “irmão”.

Problemática: a “mãe” é percebida enquanto bom objecto de identificação materno, embora a rapariga não lhe esteja a prestar muita atenção, talvez numa tentativa de permanecer

infantil. Contudo, posteriormente, será a “rapariga” a transmitir tais ensinamentos ao “irmão”, ou seja, assume o papel de mãe, mas nunca vai ser mãe, o desejo dela é ambíguo por um lado, deseja identificar-se com a “mãe”, mas por outro, não se vê no futuro enquanto mãe.

Análise: o sujeito 146 inicia a sua resposta com a entrada directa na expressão, apegando-se ao conteúdo manifesto, dando o anonimato e isolando as personagens “é uma rapariga, numa sala, com a mãe (...)”. Faz um silêncio intra-relato, estando a “mãe” a ler para a filha, ensinando-a como cuidar do “irmão”, deste modo, há a passagem de conhecimentos e a preparação para o papel materno. Contudo, a “rapariga” não está interessada em tais ensinamentos, não dando atenção ao que a “mãe” lhe está a relatar. O sujeito faz um pedido de ajuda ao clínico, e uma tentativa de recusa, revelando alguma dificuldade em continuar a sua história. Conclui fazendo um avanço temporal, estando a “rapariga” a transmitir os ensinamentos maternos da sua “mãe” ao “irmão”.

Desta forma, há uma transgeracionalidade dos conhecimentos maternos, porém, a “rapariga” apesar de os ter aprendido, e de os transmitir, nunca será mãe. Observa-se uma ambiguidade no desejo, por um lado, deseja identificar-se com a mãe, por outro lado, não se imagina no futuro enquanto mãe. Não é expresso um conflito, apenas revelada alguma imaturidade por parte da “rapariga” que não está a dar atenção ao que a “mãe” lhe está a ensinar, todavia, estes conhecimentos serão posteriormente passados ao seu “irmão”. O mecanismo de defesa presente nesta resposta é a negação. A personagem na se projecta é denominada de “rapariga”, sendo percebida enquanto imatura, desejando manter-se infantil, e a figura materna é designada de “mãe”, sendo percebida enquanto um bom objecto de identificação materno, para a filha.

Sujeito 147 – 8” Ai meu Deus! Hum... posso fazer uma pergunta sobre a imagem? Isto é um bebé? Joana é o nome da filha, não consigo! Joana estava sentada agarrando o filho recém-nascido, tinha apenas 15 anos (ri). Isto é tão difícil! Enfrentava os problemas actuais da gravidez na adolescência. A sua empregada, que era a sua melhor amiga e conselheira, olhava para o bebé. Joana olhava para o abstracto, pensando nos problemas que iria ter de enfrentar e como poderia ter pensado melhor. Sabia que tinha sido apenas um erro mas que... (ri). Acho que chega. A sua conselheira dizia que podia ajudar naquilo que pudesse, e que durante os dias de semana ficava a tomar conta do bebé para que a rapariga pudesse estudar. (?)

hum...hum... a Joana com a ajuda da sua empregada tinha conseguido acabar o curso e podia dar uma vida melhor à sua filha. 4`43”

B2 8; B2 5; C/Fo1; C/C2; B1 1; C/N9; C/Fo5; C/N4; A2 5; C/C1; B2 8; A1 3; A1 3; C/N4; A2 13; A2 17; A2 8; C/Fo1; C/C1; B2 8; C/Fo5; C/Fa3; C/Fo1; B2 7;

Procedimento: inicia com uma exclamação (B2 5), um equivalente choque que revela alguma ansiedade, faz uma pausa intra-relato (C/Fo1), e solicita a ajuda do clínico (C/C2). Constrói a história dando um nome à rapariga, “Joana”, através de uma fantasia pessoal (B1 1) e numa identificação total a esta. No entanto, corta o relato com uma crítica de si, revelando alguma incapacidade (C/N9), uma tentativa à recusa (C/Fo5), voltando de novo à sua história. Descreve um acto materno, através da postura significativa de afectos (C/N4), dando uma precisão numérica (A2 5), relativamente à idade da “Joana”, utiliza a defesa maníaca (C/C1) e faz um comentário (B2 8), reforçando a sua incapacidade em elaborar a história (C/N9). Justifica a situação através do apego à realidade (A1 3), com referências culturais e intelectuais (a gravidez na adolescência).

Posteriormente, coloca a figura materna no papel de “empregada”, ou seja, tem necessidade de denegrir a imagem da mãe, colocando-a numa posição social inferior à sua (A1 3). Coloca a rapariga a pensar nas consequências da gravidez precoce, através da postura significativa de afectos (C/N4), da intelectualização (A2 13), do conflito intrapessoal (A2 17) e da ruminação à volta do conflito (A2 8), de seguida faz um silêncio intra-relato (C/Fo1) e utiliza a defesa maníaca (C/C1) e de uma exclamação e tentativa de recusa (B2 8, C/Fo5). Conclui a sua história, após fazer uma pausa intra-relato (C/Fo1), com a realização mágica do desejo (B2 7), com a ajuda da mãe ideal e adiando a função materna.

Problemática: o acesso à maternidade precoce, sendo vivenciado através de sentimentos de culpabilidade e imaturidade. Há a necessidade de colocar uma mãe ideal, de modo a não haver conflito e a atenuar a culpabilidade.

Análise: O sujeito 147 inicia a sua resposta, através de uma exclamação, seguido de um silêncio intra-relato, e de um pedido de ajuda ao clínico, em relação ao bebé/boneco. Verifica-se desta forma, alguma dramatização e um equivalente de choque, que através do pedido de ajuda, se percebe que está relacionado com o bebé/boneco. Começa a relatar a sua história,

atribuindo um nome a uma personagem, que inicialmente é descrita enquanto filha, de seguida, faz uma crítica de si e uma tentativa de recusa. Designa a rapariga com esse mesmo nome, “Joana”, com quem se identifica projectivamente. Continua a sua história, dando uma posição significativa de afectos, através de um acto materno e contentor, ao agarrar o filho, numa fantasia de gravidez na adolescência, dada através da precisão numérica, o que vem salientar uma identificação projectiva explícita, uma vez que a personagem teria uma idade muito próxima à sua, o que suscita alguma ansiedade e a defesa maníaca.

Faz um comentário “isto é tão difícil”, o que vem reforçar a ansiedade e angústia sentida pelo sujeito face à imagem e à história que elaborou, e numa tentativa de se distanciar insere uma referência social, em relação à maternidade precoce. Denomina a figura materna de “empregada”, de modo a denegrir a sua imagem, e colocando-a numa posição social inferior à sua, embora inicialmente tenha afirmado que “Joana” seria “ (...) o nome da filha (...)”, a mãe desta não aparece, é eliminada e substituída pela “empregada”, evitando o conflito e o aumento da culpabilidade face à gravidez. No entanto, é essa mesma personagem que a apoia, como uma melhor amiga, dando conta de alguma dependência em relação à mãe, ou seja, esta personagem é inicialmente desvalorizada mas em seguida é idealizada, porque é a substituta materna onde é projectada a mãe ideal, daí não abordar o conflito. Há uma intelectualização do conflito intrapsíquico, ao abordar as dificuldades que podem advir da maternidade precoce e do que poderia ter feito para evitar tal situação “sabia que tinha sido apenas um erro mas que...”, retirando-se, da relação com o bebé e com a “empregada”.

A maternidade é vivenciada com sentimentos de culpa e arrependimento, estando inerente a imaturidade. O sujeito utiliza a defesa maníaca, de modo a evitar abordar o sentimento depressivo e para se distanciar da personagem com quem se identifica, fazendo um comentário para tentar findar a história. Todavia, continua o seu relato, estando a sua “conselheira” a disponibilizar-se para a ajudar a cuidar do bebé, de modo a que pudesse concluir o seu curso. Este auxílio que a “conselheira” lhe dá, permite que “Joana” se mantenha criança porque quase que entrega o filho à mãe, adiando a posição materna. Após um silêncio intra-relato, é dada uma conclusão à história, na qual “Joana” havia conseguido terminar o seu curso e cuidar da sua filha, mas sempre dependendo da ajuda da sua “empregada”, evidencia-se uma relação anaclítica entre ambas as personagens. Está presente o conflito intrapsíquico, relacionado com a gravidez precoce da “Joana”, que é percebida enquanto um erro, uma falha.

A maternidade acarreta culpabilidade e arrependimento, e o facto de ter colocado a “empregada/conselheira” no lugar da mãe, evitou o conflito e uma maior culpabilização. A solução usada para o resolver, foi a solução de conflito por dependência de ajuda exterior, através do apoio da “empregada/conselheira” que cuidava do bebé, para que ela concluísse o seu curso. Os mecanismos de defesa utilizados nesta resposta foram a identificação projectiva em relação à rapariga, que se pode dever à proximidade de idades, e ao facto de vivenciar os conflitos desta, como se dos seus se tratassem; a regressão, ao adiar a função materna, delegando na “empregada/conselheira” esse papel; e a formação reactiva manifestando um desejo contrário ao que latentemente sente. Pode-se observar uma importante alteração nas relações entre as personagens. Inicialmente a rapariga havia sido denominada de “Joana”, nome que o sujeito manteve, porém foi descrita como sendo “ (...) o nome da filha (...)”, dessa forma, é dada inicialmente uma relação entre mãe e filha, mas de seguida a mãe é eliminada, sendo substituída pela “empregada”.

A “Joana” é caracterizada como uma adolescente, que acedeu precocemente à maternidade, sendo imatura, e cuja maternidade é vivenciada com sentimentos de culpa e arrependimento, embora se identifique com a função materna, adia-a, delegando na sua “empregada/conselheira” esse papel. A figura materna é designada de “empregada”, de modo a desvalorizá-la todavia, é nessa figura que é projectada a mãe ideal, que a apoiava e a substituía nos cuidados maternos. O facto de ter eliminado a mãe, e de ter colocado a “empregada/conselheira” nesse papel, foi o modo encontrado para evitar o conflito, manter uma relação harmoniosa com a mesma. A sua “empregada/conselheira” acaba por ser a sua mãe e a mãe do seu bebé, uma vez que cuida de ambos. A imago materna é percebida enquanto boa, contentora e apoiante, mas numa relação anaclítica

Sujeito 148 – 6” Ok. (ri) Isto é um bebé ou um nenuco? Isto é uma empregada de uma rapariga de boas famílias, que lhe está a contar a sua vida e as dificuldades da vida. A rapariga está a tentar imaginar a história e o que vai para lá da sua história e dos seus horizontes, no mundo. E desde pequena estão a tentar ensinar-lhe os valores da vida e a lei da vida, para ela com a sua idade não perdesse a sua inocência, que consiga sonhar e imaginar mas para que também fosse realista, não sei, não sei! (ri) (?) A história que ela tava a contar ou mesmo? A rapariga ficou com mais vontade de conhecer o mundo e de fazer qualquer coisa, sem tar

parada. Não queria ouvir mais histórias ou ficar a contar histórias como a empregada, mas viajar pelo mundo e coiso. 3`44”

B2 8; C/C1; C/C2; C/Fo3; A1 3; C/N1; A 1 2; A2 11; C/C1; C/C2; A2 7; A2 13; E1;

Procedimento: Após um tempo de latência reduzido, começa o relato com uma exclamação (B2 8) de modo a aliviar a sua ansiedade face à imagem, seguida da defesa maníaca (C/C1) e de um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), como se não soubesse se o terceiro personagem era um bebé real ou um boneco. Continua a resposta descrevendo as personagens, dando o anonimato das mesmas (C/Fo3), e introduzindo referências sociais (A1 3) de modo a caracterizar as vivências da “empregada”. A personagem que simboliza a mãe é descrita enquanto “empregada”, numa tentativa de denegrir a imagem desta ou de a inferiorizar face à “rapariga”. Estabelece uma relação de desigualdade de poder entre as personagens, baseada na transmissão de valores e na vivência subjectiva (C/N1) da “empregada”, que leva a “rapariga” a sonhar e a imaginar tais situações (A1 2). Continua fazendo uma denegação da história que havia contado (A2 11), seguida da defesa maníaca (C/C1) e após o clínico efectuar uma questão relativamente ao fim da história, responde com um pedido de ajuda (C/C2), não sabendo se se trata do fim da história que a “emprega” está a relatar ou a sua própria história. Conclui, com a necessidade da “rapariga” se autonomizar e se diferenciar da “empregada”, mas apenas no futuro, não se identificando com esta, alternando entre a progressão e a regressão (A2 7). Escotomiza o bebé/boneco (E1), desenvolvendo a sua história baseando-se na imaginação e nos desejos da “rapariga”.

Problemática: centra-se transmissão de conhecimentos e vivências da “empregada” para a “rapariga”, e na necessidade desta de se autonomizar e diferenciar, alternando entre o desejo e a defesa, i.e., entre a progressão e a regressão.

Análise: O sujeito 148 inicia a sua resposta utilizando a defesa maníaca, e fazendo um pedido de ajuda ao clínico, no sentido de comprovar se o terceiro personagem é um bebé real ou um boneco. Começa a contar a sua história, descrevendo as personagens, sendo a mais velha designada de “empregada”, e a personagem central de “rapariga de boas famílias”. Deste modo, desvaloriza e denigre a personagem que representa a figura materna, colocando-a numa posição de poder inferior à “rapariga”. A “empregada” está a relatar à “rapariga” as dificuldades por que passou na sua vida, tentando desse modo, transmitir-lhe uma lição de

vida, estando a “rapariga” a fantasiar com a história e a distanciar-se da mesma. A transmissão de valores, ocorre desde que a “rapariga” era “pequena”, de modo a que esta tenha uma visão realista da vida, mas também que possa fantasiar, sem nunca perder “ (...) a sua inocência (...)”. Está latente a referência implícita da sexualidade, havendo uma restrição por parte da “empregada”, que deseja que a “rapariga” se mantenha infantil e inocente como até agora.

O sujeito de seguida faz uma negação do que havia dito, utiliza novamente a defesa maníaca, revelando alguma ansiedade face à imagem e à história que elaborou. Após o clínico lhe ter questionado, qual o fim que daria à história, o sujeito responde com um novo pedido de ajuda, porque se projectou tão massivamente no personagem central, que ele próprio teve dificuldades em separar a sua história, da história que a “empregada” contava, sentindo-se confuso “a história que ela tava a contar ou mesmo?”. Ao não obter resposta, conclui a sua história, tendo a “rapariga” vontade de conhecer e explorar o mundo, não ficando parada, como a sua “empregada”. Desta forma, a “rapariga” está numa encruzilhada, não quer perder a inocência mas viver, há uma progressão e uma regressão permanente. Desvaloriza mãe que ficou parada no tempo e ela quer progredir mas sem perder a inocência, procura experienciar.

A imago materna é desvalorizada, a “rapariga” não se identifica com ela, rejeita esse modelo, porque sente necessidade de expandir o seu conhecimento e a sua realidade, há quase a necessidade de suplantar os conhecimentos e experiências que a “empregada” tem, de modo a diferenciar-se. Observa-se o problema da identificação, de continuar infantil regredindo ou progredir, contudo, mantém-se parada no tempo, viajar é só no futuro. O bebé/boneco é escotomizado, porque é factor de ansiedade, simbolizando a sexualidade adulta e o seu papel enquanto mãe, com o qual a jovem ainda não fantasia e não se identifica. O conflito que é elaborado pelo sujeito 148, é intrapsíquico, estando a “rapariga” a sentir, por um lado, a necessidade de se autonomizar e se diferenciar da mãe que ficou parada no tempo, procurando descobrir e explorar um novo mundo e uma nova realidade da vida, desempenhando um papel adulto. Por outro lado, a regressão, querendo manter-se inocente, infantil e ligada a esse objecto infantil, todavia, face a esta alternância mantém-se também parada no tempo, uma vez que só pretende explorar no futuro. Faz uma identificação à mãe (empregada), para depois se querer diferenciar do seu modelo. Os mecanismos de defesa utilizados por este sujeito são a defesa maníaca, a negação, e a regressão.

O sujeito denominou a personagem, mais velha de “empregada” de modo a desvalorizá-la, denegri-la, estabelecendo uma relação baseada na diferença de poderes. A personagem central é designada de “rapariga de boas famílias”, ou seja, inocente, infantil e ideal. A “rapariga” começa por se identificar com a “empregada”, para depois se poder diferenciar da mesma, recusando seguir o mesmo modelo. A imago materna é desvalorizada, e rejeitada, havendo uma certa rivalidade por parte da “rapariga” de modo a suplantar os conhecimentos maternos. Embora o sujeito tenha feito um pedido de ajuda ao clínico, em relação ao terceiro personagem, este depois não é referido. Tal escotomização poder-se-á dever ao facto, de o perceber enquanto filho, o que levaria a um possível conflito com a figura materna, e à necessidade de assumir um papel adulto, para o qual não está preparada, uma vez que, deseja manter a sua “inocência”. Desse modo, não se observa para já, a fantasia de ser mãe, e há a rejeição de identificação ao modelo materno.

Sujeito 149 – 8” Ai a senhora vai escrever? Era uma menina, que tinha uma filha e deve ser a mãe não é? E a mãe... e a mãe não tava muito contente por ela ter sido mãe muito cedo, mas a mãe ajudava no bebé, mas andavam sempre chateadas uma com a outra, mas depois fizeram as pazes e ficava tudo bem. 1`44”

C/C2; A2 4; C/Fo3; A2 15; A2 3; C/C2; C/Fo1; A2 18; B2 6; A2 18; B2 7;

Procedimento: Inicia o relato com uma questão ao clínico, mostrando-se surpresa e talvez um pouco preocupada com o que este poderia escrever, começando em seguida a história. Faz um afastamento têmporo-espacial (A2 4), dando o anonimato das personagens (C/Fo3), isolando-as (A2 15), dá uma precaução verbal (A2 3) e faz um pedido de ajuda ao clínico (C/C2). Faz um silêncio intra-relato (C/Fo1), continua justificando a reacção da mãe (A2 18) face à maternidade precoce da filha, e manifesta um conflito entre ambas as personagens (B2 6), com afectos expressos à mínima (A2 18). Termina a história com o fim mágico do desejo (B2 7), uma vez que esse conflito é superado e ambas fazem as pazes.

Problemática: conflito entre mãe e filha, baseado na maternidade precoce desta, e no facto de se assumir enquanto mulher adulta.

Análise: O sujeito 149 começa a sua resposta revelando alguma curiosidade e ansiedade face ao clínico. Inicia a sua resposta através de um afastamento têmporo-espacial, dando o

anonimato das personagens “ (...) uma menina (...)”, “ (...) uma filha (...)”, isolando-as e fazendo um pedido de ajuda ao clínico em relação à personagem mais velha. Mantém esta personagem enquanto “mãe”, de seguida faz uma pausa intra-relato, mas continua a sua história, revelando que esta não se encontrava “ (...) muito contente por ela ter sido mãe muito cedo (...)”. Verifica-se alguma resistência e ansiedade em colocar a “mãe” na imagem, uma vez que, seria um elemento que causaria conflito, porém manteve-a. A “mãe” estava descontente com a maternidade precoce da filha, por ainda a considerar uma criança, mas ajuda-a a cuidar do bebé. O sujeito conclui a sua história, dando a relação entre mãe e filha como conflituosa e ambivalente mas que no futuro iria melhorar, e se tornar mais harmoniosa. O conflito expresso nesta história, é um conflito entre “mãe” e filha, face à maternidade precoce desta, sendo a “mãe” uma força de bloqueio que não a deixa evoluir.

A “mãe” está descontente por a “menina” ter crescido e se ter assumido como mulher adulta, quando a sua vontade era que esta permanecesse infantil e inocente. O modo de solucionar tal conflito foi através da realização mágica do desejo e do compromisso viável, havendo a aceitação por parte da mãe, face ao crescimento e autonomia da filha, e o apaziguamento da relação “ (...) ficava tudo bem”. O sujeito utilizou o mecanismo de defesa a formação reactiva no fim da história. O sujeito denominou a rapariga de “menina”, atribuindo-lhe assim infantilidade e imaturidade, que já havia acedido à maternidade, função com a qual se identifica e que assumiu. A figura materna é denominada de “mãe”, sendo percebida enquanto pouco contentora, intrusiva e culpabilizante. A relação entre mãe e filha é baseada numa relação funcional e ambivalente, uma vez que há da parte da mãe alguma resistência em aceitar a sua filha enquanto uma mulher adulta, por isso poder-se-á pensar numa má imago materna. A imago materna sobrepõe-se à imagem que a “menina” tem de si enquanto mãe, uma vez que a relação entre esta e o bebé não é referida, o bebé surge como o factor de separação e conflito entre mãe e filha.

Sujeito 150 – 8” Ai tenho de contar uma história sobre ela? Eu não sei! É a mãe e o filho, é isso? É a mãe e o filho, sei lá e essa deve ser a empregada que tá a olhar para o bebé. Ela tá a olhar para a porta, deve ter alguém a chegar, sei lá! Tem de ser mais? Não sei o que eu falo! Chega o pai do filho uma coisa assim! (?) O bebé assusta quando o pai chega e chora e depois a mãe faz ele dormir, não sei. 3’10”

B2 5; C/C2; C/Fo5; C/N9; C/C2; B2 8; C/Fo5; A2 3; A2 15; A2 3; B2 8; C/Fo5; C/C2; C/N9; B1 2; C/Fa3; C/N9;

Procedimento: Inicia o relato com um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), em relação à rapariga, observando-se uma identificação projectiva imediata com este personagem, assumindo a personagem como adulta, seguida de uma tentativa de recusa (C/Fo5), talvez no sentido da incapacidade face à ansiedade sentida sobre a imagem. Faz novamente um pedido de ajuda ao clínico (C/C2), e uma exclamação (B2 8), seguida de uma hesitação verbal (A2 3) em relação ao personagem mais velho, que descreve como empregada, de modo a inferiorizar e isola os personagens (A2 15). A rapariga está a dar atenção à porta, como se estivesse à espera de alguém, faz mais uma precaução verbal (A2 3), e uma tentativa à recusa (C/Fo5), seguida de um novo pedido de ajuda ao clínico. Como final da história, hesita e pede ajuda ao clínico, introduzindo uma nova personagem que não figura na imagem, o pai do bebé, que o assusta sendo que é a mãe que o acalma, através da indução da retirada narcísica, o sono. Rejeita a figura masculina, vê-se apenas enquanto mãe, fazendo dormir o bebé, instala a calma e o bem-estar, tudo o que vem de fora é perigoso e assustador, incluindo a relação heterossexual. Põe o pai para se separar da mãe (“empregada”), mas depois também o rejeita. O bebé funciona como um duplo dela, que reage contra o exterior, projectando neste o que ela sente. A empregada é identificada através de referências de desvalorização como “essa”, contudo não volta a ser mencionada e é substituída pela figura masculina.

Problemática: a imago materna surge implícita na inferiorização da figura materna, suplantada pela triangulação e pela imagem que a filha tem de si enquanto mãe e enquanto mulher. A figura masculina é introduzida de modo a substituir a mãe, para se separar desta, mas acaba por o rejeitar. A relação mãe/bebé funciona enquanto uma relação especular, o bebé funciona como duplo dela, que reage contra o exterior, percebido de modo assustador.

Análise: o sujeito 150 começa a sua resposta fazendo um pedido de ajuda ao clínico, identificando-se com a rapariga, seguida de uma tentativa de recusa e um novo pedido de ajuda ao clínico, face ao tipo de relação estabelecida entre esta personagem e o bebé. Ao não obter resposta, inicia a sua história, mantendo a relação entre os personagens como mãe e filho, numa relação destituída de afectos, seguido de uma exclamação, e denominando a figura materna de “empregada” que está a dar atenção ao bebé, isola assim os personagens.

Refere que “ela tá a olhar para a porta (...)”, não se sabendo inicialmente, de qual personagem se trata, como se o clínico soubessem a quem se referia. Essa personagem trata-se da “mãe” do bebé, que está à espera de alguém, ou seja, embora refira a figura materna, a mesma é retirada em seguida como se deixasse de existir. Após uma nova exclamação e um novo pedido de ajuda ao clínico, numa tentativa de recusa, refere que é o “pai” do bebé que está a chegar a casa, introduzindo assim um personagem que não figura na imagem, e faz mais uma exclamação.

Conclui a sua história, tendo o “pai” assustado o bebé, fazendo-o chorar, tendo a mãe de o conter até o adormecer, e faz uma denegação. O conflito elaborado pelo sujeito, não é referido, estando latente a dificuldade na relação com a mãe, designada na história por “empregada”, e com o personagem do sexo masculino, com a qual também não é estabelecida verdadeiramente uma relação. A relação que é dada, é a de mãe e filho, que é baseada na relação especular, o bebé é o seu duplo, e no qual se pode projectar. A solução utilizada foi por retraimento narcísico, contento e adormecendo o bebé, permanecendo nessa díade. O sujeito coloca-se numa atitude anaclítica, faz vários comentários e algumas tentativas de recusa, devido à ansiedade que a imagem lhe provoca. Utiliza como mecanismos de defesa a negação, e o isolamento, uma vez que apenas estabelece uma relação com o bebé, tanto a “empregada” como o “pai” do bebé são retirados da história.

A rapariga foi denominada de “mãe”, desta forma, o sujeito assume-a como mulher adulta, contentora e na sua função materna. A figura materna é designada de “empregada”, desvalorizando-a, e colocando-a numa posição social inferior à sua, sendo substituída quase de imediato. O sujeito introduz um personagem que não está inserido na imagem, o “pai” do bebé, que vem substituir a “empregada”, mas o facto de este assustar o bebé e de o fazer chorar, revela que há uma rejeição da figura masculina, e que tudo que é exterior à sua relação com o bebé é considerado perigoso e assustador, incluindo a relação heterossexual. O “pai” é colocado de modo a separá-la da “mãe”, mas rejeita ambos os personagens. Apenas a “mãe” é capaz de conter, transmitir calma e tranquilidade ao bebé, apenas ela sabe desempenhar o papel materno, tanto a “empregada” como o “pai” não o sabem fazer, sendo perigosos.

Sujeito 151 – 11” Bem, aqui parece que é uma senhora mais velha, que é a mãe desta rapariga, e ela foi mãe há pouco tempo. Ela é nova e ainda não sabe tomar conta dela e a mãe ajuda. Parece que ela não sabe pegar mesmo no bebé. Elas viviam as duas sozinhas, o pai

morreu há pouco tempo, elas passavam dificuldades mas mesmo assim cuidavam do filho, tinham para o filho. Agora esta história, tenho de inventar um fim! Não sei! A mãe e ela passaram dificuldades, mas quando ela foi mais velha e tinha de arranjar trabalho para ajudar e para sustentar o filho. Ela queria deixar o filho com uma senhora rica mas a mãe não deixou, a mãe casou com um senhor rico que já andava atrás dela há algum tempo, para ela ajudar a cuidar do bebé, e não deixar a filha entregar o filho à senhora rica. Depois o senhor morre, e deixa a fortuna a elas, e passam a viver muito bem e felizes, e passam a cuidar do filho. 4'20"

A2 3; C/Fo3; A2 15; C/M1; A2 3; B2 8; C/M3; B1 2; B2 8; A2 11; C/Fo5; B1 2; B1 2; B2 7; C/M1;

Procedimento: inicia o relato com uma precaução verbal (A2 3), dá o anonimato da figura materna (C/Fo3) e isola as personagens (A2 15). Descreve a rapariga enquanto “nova”, imatura, e com algumas incapacidades em assumir plenamente a função materna, refere que a “mãe” a ajuda a cuidar do “filho”, realçando a relação funcional (C/M1) e pouco emotiva. Faz uma precaução verbal (A2 3) seguida de um comentário (B2 8) acerca dessa mesma dificuldade em conter o bebé, numa postura de alguma ironia e crítica face à “rapariga”. Faz uma pirueta (C/M3) introduz a figura paterna para o matar (B1 2), reforçando a ideia de dependência face à mãe, fantasia que se expande numa alusão ao futuro. Faz outro comentário pessoal (B2 8), seguido de uma denegação (A2 11), tentativa de recusa ou de incapacidade (C/Fo5). É feito um salto temporal, sendo a “rapariga” mais velha que procura um modo de sustentar o filho, solucionando a situação com a introdução de uma “senhora rica” (B1 2) a quem poderia entregar o bebé, mas tal não acontece e de uma nova personagem masculina (B1 2) que também é eliminada. Termina a história com um fim mágico do desejo (B2 7), uma vez que permanecem com a riqueza deste, juntas e felizes (C/M1).

Problemática: centra-se na necessidade de sustento para cuidarem do bebé, que para o obterem têm de se sacrificar. Evidencia-se a regressão da relação triangular para a dual, entre mãe e filha, eliminando as figuras masculinas para obterem o sustento necessário e permanecerem unidas.

Análise: o sujeito 151 inicia o relato com uma precaução verbal, dando o anonimato da figura materna que designa de “senhora” e isolando os personagens, sendo esta “mãe” da rapariga, que por sua vez “ (...) foi mãe há pouco tempo”. São dadas as três gerações, sem as colocar

em relação e não sendo abordado nenhum afecto. Descreve a rapariga como sendo “ (...) nova e ainda não sabe tomar conta dela (...)”, fica a dúvida se se estaria a referir ao bebé ou a ela própria, revelando imaturidade, algumas dificuldades em desempenhar a função materna, e dependência necessitando da ajuda da “mãe”. Faz uma nova precaução verbal, e um comentário em relação à incapacidade de a “rapariga” pegar do bebé “parece que ela não sabe pegar mesmo no bebé”. Faz uma contextualização do meio familiar, a “mãe” e a filha moram sozinhas, introduz uma personagem que não figura na imagem “ (...) o pai morreu há pouco tempo (...)”, estando elas a passar por algumas dificuldades, porém “ (...) tinham para o filho”.

A figura masculina é introduzida mas já não está presente, fica inerente que seria o “pai” o provedor de sustento da família, e as poucas posses que têm são para o bebé, sacrificam-se para o bem-estar deste. O sujeito faz um comentário, como se estivesse a pensar alto, sobre o fim que daria à história, seguido de uma denegação. O sujeito faz um salto temporal, tendo a “rapariga” já mais velha, de arranjar um trabalho para sustentar o “filho”, todavia há a tentativa desta, entregar o seu filho, a uma “senhora rica”, porque não tinha capacidades nem dinheiro para ficar com ele, introduz assim uma personagem que não consta da imagem. A sua “ (...) mãe não deixou (...)”, tendo esta optado por se casar com um “senhor rico”, de modo a poder ajudar a “rapariga” e a evitar que esta desse o seu “filho”. A “mãe” faz um sacrifício em troca do bem-estar da sua filha e do seu neto. A história termina, tendo o “senhor” morrido, e deixado a fortuna a ambas, “ (...) que passam a viver muito bem e felizes (...)” a cuidarem do bebé.

As figuras masculinas são introduzidas apenas como sustento, sendo eliminadas de seguida, observa-se uma recusa do Édipo, e o desejo de manter uma relação dual regressiva. A relação heterossexual surge à parte, a “rapariga” não se quer separar da sua “mãe” e deseja que esta a ensine e ajude a ser mãe. É dada, de certa forma, uma espécie de triangulação constituída pela “mãe”, a “rapariga” e o “filho” desta, como se ela e a “mãe” fossem um casal, que dedicam toda a sua atenção e amor ao bebé, não havendo espaço para mais ninguém entrar. O conflito expresso nesta história é a ausência de capacidades e de dinheiro para manter esta família. A “mãe” aceita a maternidade da filha, não havendo nenhum conflito entre ambas, nem um conflito intrapsíquico da “rapariga”. Existe a possibilidade de dar o bebé a outra pessoa, mas não porque haja uma rejeição do mesmo, apenas porque a “rapariga” não tem capacidades nem dinheiro para o sustentar, e a pessoa a quem o iria dar era “rica”. Todavia, a “mãe” não

permitiu que tal acontecesse, tendo-se casado com um “senhor rico”, que acaba por morrer, à semelhança do “pai” da “rapariga”, deixando-lhes a sua fortuna.

A solução utilizada pelo sujeito é a realização mágica do desejo, permanecendo os três felizes e unidos, mantendo assim a relação de dependência que está inerente e a solução do conflito por ajuda exterior, através da introdução de personagens que apenas surgem, de modo a garantir o sustento da família e sobretudo do bebé. Os mecanismos de defesa, utilizados pelo sujeito 151 foram a ruminação, uma vez que o conflito anda sempre à volta da ausência de dinheiro e de condições para cuidarem e sustentarem do bebé; e a regressão porque mantêm a relação dual entre “mãe” e filha, sendo o bebé quase que um prolongamento de ambas. Este sujeito denominou a figura materna de “ (...) uma senhora mais velha, que é mãe (...)”, desta forma estabeleceu uma diferença significativa de idades entre as personagens, e permitiu se distanciar a si própria desta personagem. A rapariga foi denominada de “rapariga” que “ (...) foi mãe há pouco tempo”, evidencia a imaturidade desta personagem, assim como, as suas incapacidades em assumir o papel materno, necessitando da ajuda da “mãe”, sendo a relação entre ambas baseada na dependência.

O sujeito 151 introduziu três personagens que não figuram na imagem, nomeadamente, o “pai” da “rapariga” que havia falecido há pouco tempo, e que seria o provedor de sustento da família; a “senhora rica” a quem a “rapariga” queria entregar o bebé, devido às posses desta, mas que a mãe não permitiu; e o “senhor rico” com quem a “mãe” casou, devido às posses deste, e que viria a morrer, deixando-lhes a fortuna. Estas três personagens, apenas foram introduzidas devido ao sustento que poderiam dar, sobretudo ao bebé. As figuras masculinas são eliminadas, para que se mantenha a relação dual entre “mãe” e filha. Assim, mãe e filha sacrificam-se para cuidar do bebé, o que pressupõe uma boa imago materna e a imagem da mãe algo idealizada, porque é capaz de superar todos os problemas. Ela não quer separar-se da mãe, querendo que esta a ajude e a ensine a ser mãe. Recusa o Édipo, querendo manter a relação dual, e para isso regride eliminando os homens. Contudo, há uma espécie de triangulação, como se ela e a mãe fossem um casal, trata-se de um Édipo invertido. Poder-se-á dizer que se trata de uma relação anaclítica entre mãe e filha uma vez que não se conseguem separar.

Sujeito 152 – 50” A menina ficou grávida, não sabe por onde ir, teve de ficar com a mãe, não sei! (?) Pode acabar bem ou mal...o fim é que ela acabava com o pai dessa criança. 2`01”

C/Fo1; B2 1; A2 15; A 2 11; A2 6; C/Fo1; B1 2; B2 7;

Procedimento: inicia com um grande tempo de latência (C/Fo1), o que indica que o cartão suscitou uma grande ansiedade, no entanto, entra directamente na expressão (B2 1), com a gravidez da personagem central. Caracteriza a personagem através do estado de confusão e desorientação, perante o facto de ser mãe precocemente, demonstrando imaturidade e infantilizando-a. A “mãe” surge como último recurso da “menina”, quase como se tivesse de seguir o modelo materno não sendo esse contudo, o seu desejo. Faz uma denegação (A2 11) e, quando é questionado quanto ao fim da história, hesita entre interpretações diferentes (A2 6) e, após um silêncio intra-relato (C/Fo1), termina a história introduzindo um personagem que não figura na imagem, o “pai” do bebé, ficando os três juntos, ou seja conclui com o fim mágico do desejo (B2 7).

Problemática: põe em evidência a incapacidade de assumir a maternidade precoce da “menina”, o que faz emergir sentimentos de culpa e de remorsos, assim como, um estado de desorganização que a leva a fazer uma regressão, mantendo-se momentaneamente apenas no papel de filha.

Análise: o sujeito 152 começa por dar um grande tempo de latência (50”), o que indica uma grande ansiedade face ao cartão, e relata uma história muito restritiva. Inicia a história com uma entrada directa na expressão, identificando-se projectivamente com a rapariga, que denomina de “menina” manifestando, deste modo, a sua infantilidade e imaturidade, porém já havia acedido à maternidade. A maternidade conduz a “menina” a sentimentos de culpa e remorsos, e a um estado de confusão e desorientação perante o facto de ser mãe precocemente, e de ser ainda muito nova, ao estar só vai procurar apoio na “mãe”, mas apenas como último recurso “ (...) teve de ficar com a mãe (...)”, não sendo esse o seu desejo. De seguida, o sujeito faz uma denegação do que havia dito, por lhe causar alguma angústia. Quanto questionado quanto ao fim da história, este hesita entre duas interpretações diferentes “pode acabar bem ou mal (...)”, faz um silêncio intra-relato e conclui com o fim mágico do desejo, introduzindo um personagem que não figura na imagem o “pai” do bebé, ficando os três juntos.

O conflito expresso nesta história é intrapsíquico devido à maternidade precoce da “menina”, que a leva a sentir-se culpada, arrependida e só, não sabendo para onde ir e em quem procurar apoio, optando por ficar com a “mãe”. A maternidade é geradora de alguma angústia, confusão e solidão. A solução utilizada pelo sujeito é a realização mágica do desejo e a ajuda da dependência exterior, uma vez que, inicialmente a “menina” procura o apoio da “mãe” mas termina por ficar com o “pai” do bebé. Os mecanismos de defesa utilizados foram, a negação tendo o sujeito negado o que havia dito quando refere a gravidez da personagem; o isolamento, porque ao longo da história não é estabelecida uma relação entre as personagens; e a regressão, ficando inicialmente a “menina” com a “mãe”, mantendo-se assim no papel de filha, dependente e infantil. O sujeito denominou a rapariga de “menina”, infantil, imatura e incapaz de assumir o papel materno plenamente, o que conduz a uma desorganização e solidão, e à procura de apoio na única pessoa disponível, a “mãe”.

A personagem regride assim ao papel de filha, mantendo-se infantil e dependente desta. A figura materna é denominada de “mãe”, surgindo apenas como último recurso da “menina”, devido ao facto desta se encontrar sozinha e confusa, não é manifestado nenhum conflito entre ambas as personagens face à gravidez precoce. A figura masculina é introduzida, de modo a dar a realização mágica do desejo como se fosse o fim mais correcto, uma vez que há uma hesitação entre interpretações diferentes, e o sujeito opta pela mais positiva. Poder-se-á dizer que a mãe não é muito contentora, uma vez que havia uma tentativa inicial de separação, frustrada pela incapacidade, sendo a mãe o seu último recurso. Observa-se o desejo de autonomia e separação face à mãe. Introduce a personagem masculina para reforçar a sua capacidade materna, ou seja, embora se observe a necessidade de distância em relação à mãe, há uma boa identificação com a mesma. Verifica-se uma identificação antagonista, ela não quer mas acaba por se identificar com a mãe. O desejo de ficar com o pai da criança significa o seguimento do modelo materno.

Sujeito 153 – 4” Uma mulher, uma senhora a ler uma história à rapariga... A rapariga imagina que está na história...que vive noutro país e que acaba por ter um final feliz. Passado algum tempo acaba por se aperceber que tudo o que ela tinha sonhado não tinha acontecido. 3`22”

Procedimento: o tempo de latência é muito curto, sinal de impulsividade. Inicia com entrada directa na expressão (B2 1), dá o anonimato da personagem (C/Fo3), através da designação “mulher”, a qual é imediatamente substituída pelo termo de carácter social mais respeitável

“uma senhora”, retirando-lhe, deste modo, o carácter sexual e atribuindo-lhe uma característica intelectual e relacional, ler para a rapariga, o que é também uma forma de intelectualização (A2 13), aparentemente não há nenhum tipo de relação entre elas.

Procede uma pausa intra-relato (C/Fo1). O imaginar que está na história e ter um final feliz é uma retirada narcísica de um presente que não é de todo agradável e suficiente, como uma fuga, ou seja, há um conflito que não é abordado mas que está implícito, uma vez que sente a necessidade de partir da história que está a ser contada para se projectar, alcançando um final feliz, dessa forma a rapariga vive através do imaginário materno, é melhor a fantasia que a realidade, e ao acordar e se aperceber que não tinha acontecido sofre uma desilusão (C/N1). Escotomiza o bebé/boneco (E1).

Problemática: a relação com a mãe é estabelecida através da intelectualização, longe de afectos. No entanto, a história que a mãe lhe conta é o mundo onde ela queria viver, o que poderá indicar que, apesar de um pouco distante, acaba por ser uma boa mãe, uma vez que lhe dá algo de muito bom ou idealizado, um bom imaginário materno. A rapariga sente a necessidade de se projectar na história de modo a poder ser feliz, de se afastar da realidade.

Análise: o sujeito 153 inicia a história com a entrada directa na expressão, dando o anonimato da personagem mais velha “uma mulher, uma senhora (...)”, não estabelecendo uma verdadeira relação entre as personagens, há uma ligação baseada meramente na intelectualização. O sujeito faz um silêncio intra-relato e retoma a narração, dizendo que a personagem central se identifica com a história, ao imaginar que ela própria faz parte da mesma, é dado um novo silêncio intra-relato, para depois continuar a fantasia de que a “rapariga” vive num outro país e “ (...) acaba por ter um final feliz”. O sujeito conclui, fazendo um afastamento têmporo-espacial, em que a “rapariga” se apercebe que tudo não passava de um sonho, de uma fantasia sua.

Observa-se uma identificação da “rapariga” com a história que está a ser relatada, esta vive através do imaginário materno, poder-se-á mesmo dizer que vive presa no imaginário materno, uma vez que é muito feliz nessa fantasia, mas quando enfrenta a realidade, recusa-a por ser uma desilusão. A fantasia é melhor que a realidade, de tal maneira que é nessa ilusão que consegue atingir “ (...) um final feliz”. O sujeito escotomiza o bebé/boneco. O conflito existente nesta história, trata-se do conflito intrapsíquico e deve-se ao facto de a “rapariga” ter

de lidar com a sua realidade, que a desilude e na qual não se sente feliz, não podendo viver na sua fantasia, que é concedida pelo imaginário materno. O mecanismo de defesa utilizado nesta história é o isolamento, não sendo dada verdadeiramente uma relação entre as personagens, pois a única ligação existente entre elas é através da intelectualização.

O sujeito denominou a personagem mais velha de “uma mulher, uma senhora (...)”, de modo a poder se distanciar da mesma através da diferença de idades, não referindo que tipo de relação estabelece com a outra personagem, e só é referida no início da história, depois acaba por desaparecer. A personagem central é denominada de “rapariga”, que se projecta massivamente na história que lhe está a ser relatada, de tal modo que fica desiludida ao se aperceber que tudo não se tratava de uma fantasia. Há assim, uma dependência da “rapariga” face à mãe e ao seu imaginário, sendo a única forma desta se sentir segura e feliz. Assiste-se a um paralelismo, por um lado parece não haver inicialmente nenhum tipo de relação entre ambas, não se sabendo se são mãe e filha, por outro, projecta-se na história que é relatada, i.e., vivendo no imaginário materno, dando uma boa imago materna. O bebé/boneco é escotomizado sendo dado apenas a relação dual, com uma grande dependência da “rapariga” face à personagem mais velha, possivelmente a mãe, talvez devido à infantilidade e imaturidade da “rapariga”, que apenas consegue viver através da mãe, não havendo espaço para mais nenhum elemento.

Sujeito 154 – 35” São duas mulheres, aquilo é um boneco ou um bebé? Com uma boneca, estão sentadas, está a olhar para a janela. (?) Ela tem ali um livro não tem? E acho que não tá a ligar nenhuma porque não está a olhar para ele (?) Acaba ela a não ouvir a história. Acho que é só! 2`52”

Procedimento: inicia a história com um longo tempo de latência (C/Fo1). Não faz a distinção entre as duas figuras femininas, igualando-as quanto à idade e posição, são ambas mulheres. Coloca uma questão ao clínico, como um pedido de ajuda (C/C2), interrogando-o sobre o bebé/boneco, concluindo que é uma boneca, porque não tem maturidade para ser mãe. No anonimato das personagens, confunde-as (E11), referindo-as sem ordem, partindo do pressuposto de que o clínico sabe do que ela está a falar, uma posição centrada em si. Por um lado, uma está a ler, e, por outro, a outra não está a tomar atenção, ignora-a, não estabelecendo assim uma relação, é como se não vivessem, estando ambas alheadas. É um

estado narcísico, em que cada uma está com os seus pensamentos, tornando tudo anónimo e impessoal. Termina com uma rejeição.

Problemática: a relação mãe/filha não é estabelecida, ao mesmo tempo que há uma confusão de identidades.

Análise: o sujeito 154 inicia a história após dar um longo tempo de latência (35”), com uma entrada directa na expressão, não fazendo distinção de idades entre as duas personagens, “são duas mulheres (...)”, e dando o seu anonimato. Faz um pedido de ajuda ao clínico, no sentido de saber ou confirmar se o terceiro personagem é um boneco ou um bebé real, termina dizendo que é uma “boneca”. Ambas as personagens estão sentadas, estando uma a olhar para a janela, não se sabendo de qual se trata, há uma telescopagem de papéis, ao referir inicialmente as duas e depois apenas uma. Após o sujeito ser questionado sobre que fim daria à história, este conclui fazendo um pedido de ajuda ao clínico, sobre que objecto a personagem mais velha segura, e referindo que esta não está interessada no mesmo “ (...) porque não está a olhar para ele”, e possivelmente a personagem central a não ouvir a história “acaba ela a não ouvir a história”, dando uma tentativa de recusa.

Não é manifestado um conflito, ambas as personagens estão a olhar, alheadas cada uma para o seu lado, num estado narcísico, cada uma está cm os seus pensamentos, não há relação entre elas, como se não vivessem. As posturas assumem o papel do diálogo, é um diálogo mudo, dando conta de uma má imago materna, sendo que a relação quando é abordada é pela rejeição ou simbiose e pela confusão de papéis. O olhar pela janela pode ser uma procura de algo que a contenha ou a satisfaça longe da relação. O discurso é todo impessoal e anónimo. Os mecanismos de defesa utilizados são o isolamento, não é estabelecida uma relação entre as personagens, nem há uma distinção relativamente à idade de cada uma, igualando-as quanto à idade e posição; a regressão, porque toda a história é muito regressiva, não há relação, afectos, diferenciação entre as personagens, por vezes o sujeito confunde as identidades das personagens como uma fosse o prolongamento da outra, numa relação simbiótica.

O sujeito denomina ambas as personagens de “mulheres”, não fazendo distinção de idades, talvez para se distanciar das mesmas e para evitar se projectar. O terceiro personagem é denominado de “boneca”, o que revela alguma imaturidade e incapacidade para colocar

alguma das personagens no papel de mãe, embora as caracterize como adultas. É uma história muito regressiva, e fóbica, onde não há relações nem afectos.